

Ministério da Agricultura e Pecuária
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

AGRO INSIGHT

FEVEREIRO - 25

UM MUNDO DE OPORTUNIDADES

ORIGEM: ANIMAL

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

SUMÁRIO

2

1. África do Sul	4
2. Angola	09
3. Arábia Saudita	12
4. Argélia	17
5. Austrália	21
6. Bangladesh	31
7. Canadá	35
8. Chile	38
9. China	42
10. Coreia do Sul	49
11. Costa Rica	53
12. Egito	56
13. Emirados Árabes Unidos	62
14. Estados Unidos	67
15. Etiópia	71
16. França – Organizações Internacionais em Paris	77
17. Filipinas	80
18. Índia	94
19. Indonésia	98
20. Irã	100
21. Itália - FAO.....	104
22. Japão	108
23. Malásia	113
24. Marrocos	120
25. México	125
26. Nigéria	128
27. OMC	132

28. Peru	137
29. Reino Unido	140
30. Rússia	144
31. Singapura	146
32. Tailândia	149
33. Turquia	166
34. União Europeia	170
35. Vietnã	175

ÁFRICA DO SUL



4

ANÁLISE DO MERCADO DE MEL NA ÁFRICA DO SUL

Número: PRE-04-2025

Data: 30/01/2025

Posto: Pretória/África do Sul

Palavras-chave: Mel, África do Sul.

Responsável: Carlos Vitor Müller

SUMÁRIO: Este estudo fornece uma análise do mercado de mel na África do Sul, destacando a significativa dependência do país em relação às importações de mel para atender às necessidades de consumo doméstico. Em 2023, a África do Sul importou 4.800 toneladas de mel, dos quais a China foi o principal fornecedor, contribuindo com aproximadamente 80% das importações de mel da África do Sul. As exportações brasileiras de mel para a África do Sul atingiram pico em 2007 e 2008, mas diminuíram devido ao aumento da dominância chinesa. Os valores médios de exportação variam significativamente, com o mel chinês sendo precificado em aproximadamente 1.000 dólares por tonelada e o mel da Nova Zelândia em 32.000 dólares por tonelada. Os requisitos regulatórios para importação de mel, incluindo rotulagem e padrões sanitários, são detalhados, enfatizando a necessidade de irradiação na chegada e diretrizes específicas de embalagem.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

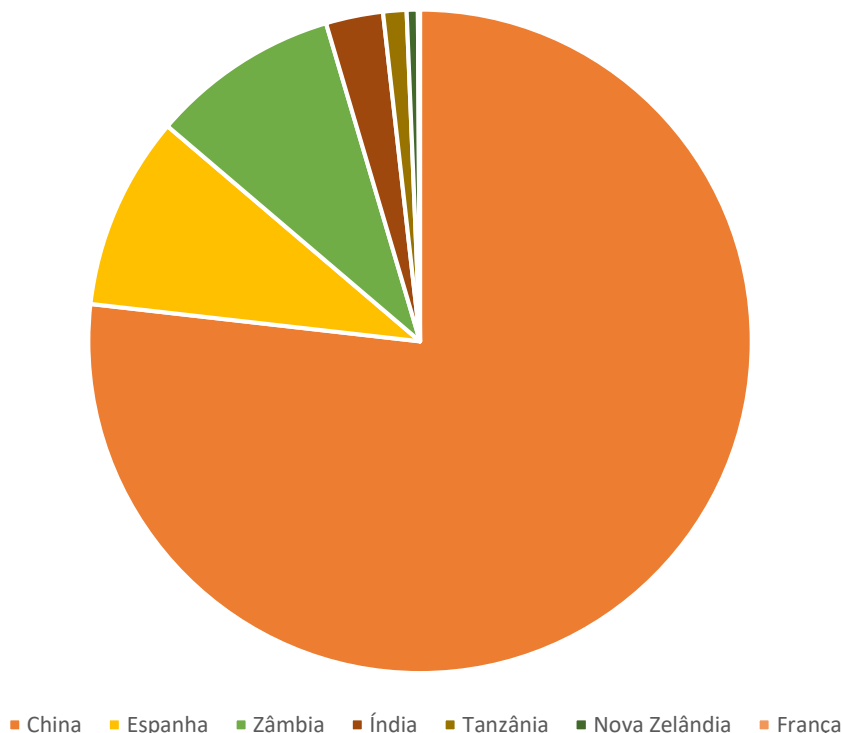


Características do Mercado:

A África do Sul depende das importações de mel para abastecer o consumo no país. Essas importações somaram 4.800 toneladas do produto, correspondendo a 6,01 milhões de dólares em 2023. A produção local entrega somente cerca de 30% do total consumido, e é estimada em cerca de 2000 toneladas.

O principal fornecedor de mel para a África do Sul é a China, responsável por cerca de 80% das importações de mel do país. Espanha, Zâmbia, Índia e Tanzânia também são parceiros comerciais importantes. Os produtos chineses estão sujeitos à tarifas de 22% *ad valorem*, enquanto os oriundos de países membros da SADC, como Zâmbia e Tanzânia estão isentos destas tarifas. Devido ao acordo Mercosul/SACU, o mel oriundo do Mercosul acessa este mercado com 10% de margem preferencial sobre as tarifas de importação, o que significa uma tarifa de 20% *ad valorem*.

Figura 1: Principais países fornecedores de Mel a África do Sul em 2024, proporção de valor.



Fonte: UN TradeMap.





As exportações brasileiras de mel para a África do Sul já atingiram valores relevantes, nos anos de 2007 e 2008 o volume comercializado anualmente somou cerca de 400 mil dólares. Porém, após este período, as exportações chinesas passaram a dominar o mercado local e os envios do Brasil praticamente cessaram.

O valor médio das exportações dos principais mercados exportadores possui notável variação. A China, principal fornecedor possui o menor valor médio de exportação de Mel para África do Sul, em torno de 1000 dólares a tonelada, enquanto a Nova Zelândia atinge valor médio 30 vezes superior em suas exportações. A título de comparação, as exportações de mel do Brasil para o mundo tiveram valor médio de US\$ 2 651 por tonelada.

Tabela: Valor médio das importações de mel da África do Sul em Dólares americanos por tonelada.

País	Valor médio das exp. (US\$)
China	\$1 071
Zâmbia	\$1 974
Espanha	\$3 469
Índia	\$2 025
Tanzânia	\$3 350
Nova Zelândia	\$32 000

Fonte: UN TradeMap.

Além da comercialização de mel a granel, para posterior envase em solo sul-africano, o mercado local apresenta oportunidades para a comercialização de mel direcionado a mercados de nicho, como mel oriundo de floradas específicas ou que apresente *claims* de valor nutricional e terapêutico, como o melato de bracatinga. Neste contexto, o mel apresenta grande aderência aos nichos de mercado baseado em tendências consumo saudável ou de produtos de origem natural em substituição a alimentos processados.

Requisitos de ingresso e rotulagem:

Todos os produtos importados em embalagens destinadas ao consumidor final devem observar as normas locais de rotulagem. Detalhes adicionais podem ser obtidos no [Regulamento No. R.835 de 25 de agosto de 2000](#). Na figura abaixo os principais requisitos podem ser verificados, além da menção de que o produto foi irradiado, tratam-se de demandas de rotulagem comuns a demais produtos alimentícios.



Note: Minimum letter sizes apply



Figura 2: Guia para rotulagem de mel conforme regramento sul-africano (DALRRD, 2020).

De acordo com as regras sanitárias para ingresso no país, todo o mel importado pela África do Sul deve ser irradiado na sua chegada. O envio deve ser enviado diretamente, após a chegada no porto, aos estabelecimentos de irradiação aprovados pelo Departamento de Agricultura sul-africano. Todo mel importado deve ser irradiado em sua embalagem original.

Todos envios devem estar embalados em embalagens de diâmetro inferior a 610mm, embalados e transportados de forma a manter 100mm de espaço entre si e as paredes do contêiner.

As cargas devem ser acompanhadas de Certificado Fitossanitário, não sendo demandada declaração adicional para o produto oriundo do Brasil.

Regulamentos locais: Os principais regulamentos que afetam a produção, importação e comercialização de mel são listados a seguir:



[Agricultural Pest Act, 1983 \(Act No 36 of 1983\)](#): Dispõe sobre as regras sanitárias para importação de mel à África do Sul. O mel é considerado um produto de origem vegetal sob o regramento local.

[Agricultural Product Standards Act \(No. 119 of 1990\)](#): Apresenta as regras para indicação geográfica e de origem de produtos de origem agrícola e de uso de nomes específicos destes produtos. É sob o escopo deste ato que o regulamento específico para o mel R.835, está compreendido.

[Regulation No. R.835 of 25 August 2000](#): Contém os dispositivos específicos para padronização, produção e comercialização do mel localmente, como requisitos de identidade e qualidade, misturas permitidas, limites de contaminantes e parâmetros analíticos.

Potenciais importadores:

Na tabela abaixo são listados potenciais importadores e distribuidores de mel na África do Sul. Cabe ressaltar que se trata de uma lista meramente exemplificativa, que pode variar conforme a localidade e as dinâmicas dos mercados, não representando qualquer tipo de indicação, chancela ou recomendação da adidância.

Nome da Companhia	Atividade	Nome do Contato	Telefone	E-mail	Cidade
Bethalia Distributors (Pty) Ltd	Distribuidor	Dharmanand Mistry - Managing Director	(+27119331990) (+27836475969)	bethalia@mweb.co.za ; dvmistry@mistro.co.za	Johannesburg
EDI Pollinating Services	Distribuidor	Edward van Zyl - Sole Proprietor	(+27116983274) (+27827768801)	levanzyl.vanzyl1@gmail.com	Randfontein
GD Wholesalers (Pty) Ltd	Comércio	Ramesh Daya - Managing Director	(+27177121307) (+27825542580)	rameshsa019@yahoo.com	Standerton
Global Impexci (Pty) Ltd	Importador/Distribuidor	Arthur Serge - Managing Director	(+27739782144)	globalimpexptyltd@gmail.com	Cape Town
Highveld Honey Farms (Pty) Ltd	Comércio	Brett Falconer - Managing Director	(+27118491990) (+27832294467)	brett@highveldhoney.co.za	Benoni
Honey Nectarous CC	Comércio	Job Betha - Managing Member	(+27826261925)	honeybetha@gmail.com	Brits
Hurter's Honey	Comércio	Jacques Hurter - Chief Executive Officer	(+27227721152)	admin@hurtershoney.co.za ; jacques@hurtershoney.co.za	Langebaan
Hypercheck Supermarket	Comércio	Raffi Abdoola - Managing Director	(+27313045786) (+27837786865)	hypercheck@iafrica.com ; raffi@hypercheck.co.za	Durban
L Kom Wholesalers CC	Comércio	Norman Li - Managing Member	(+27164222061) (+27820735251)	kom@wol.co.za	Vereeniging
Lou's Wholesalers (Pty) Ltd	Comércio	David Sayer - Sales Manager	(+27114792600) (+27720824362)	ingrid.els@bidfood.co.za ; david.sayer@lous.co.za	Johannesburg
Lourensford Estates Farming Enterprises (Pty) Ltd	Comércio	Koos Jordaan - National Sales Manager	(+27218472200)	koosj@lourensford.co.za ; chwiesetsd@global.co.za	Somerset West
Ntobi Cleaning Services (Pty) Ltd	Distribuidor	Nico Stols - Director	(+27110255593) (+27822617885)	nico@ntobi.co.za ; info@ntobi.co.za	Germiston
Pantry's Choice CC	Importador/Distribuidor	Schalk Vorster - Managing Member	(+27314661545) (+27827878859)	info@pantrys-choice.co.za	Pretoria
Patleys (Pty) Ltd	Importador/Distribuidor	Con de-Smidt - Sales Director	(+27112268800)	con.desmidt@patleys.co.za ; patleysjhb@patleys.co.za	Johannesburg
Summhof Boerdery BK	Comércio	Jolanda Wiese - Marketing Wiese	(+27832703217) (+27219885033)	thekriebels@polka.co.za	Kraaifontein

ANGOLA

LEITE EM PÓ - MERCADO ANGOLANO



Número: LUA-02-2015

Data: 14/02/2025

Posto: Luanda/Angola

Palavras-chave: leite em pó; Angola.

Responsável: José Guilherme Tollstadius Leal

SUMÁRIO: Angola importa 15.000 toneladas de leite em pó por ano. Os principais fornecedores são Emirados Árabes Unidos, Malásia, Portugal e França. O mercado está aberto para o leite em pó do Brasil e pode ser opção para diversificação de destinos das exportações.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





O mercado de produto lácteos em Angola é abastecido principalmente por produtos importados.

A produção local de leite é pequena, não existindo bacias leiteiras consolidadas. Algumas empresas agropecuárias processam o leite de produção própria, produzindo queijos e manteiga.

Os laticínios em funcionamento no país utilizam leite em pó importado como matéria-prima para produção de leite fluido (UHT), bebidas lácteas e manteiga.

DESENVOLVIMENTO

Como a produção interna de leite é incipiente em Angola, o país depende de importações para abastecer o mercado com produtos lácteos.

Existem três laticínios produzindo leite fluido (reconstituído) que utilizam como matéria-prima leite em pó importado. Também se encontram empresas que importam leite em pó a granel para embalar e distribuir o produto nos mercados formais e informais.



Com deficiências na cadeia de frio e considerando que grande parte da população não possui geladeira ou freezer nas residências, o leite em pó e os preparados lácteos em pó são procurados pelas famílias de baixa renda, em função da facilidade de conservação. Os produtos lácteos em pó têm apresentação em embalagens de 250 g a 900 gramas e de 1 até 12,5 kg. Encontra-se também embalagens tipo “dose única”, de 20 a 25 gramas de produto, mais comuns nos mercados populares.

Em 2023, Angola importou 15,4 mil toneladas de leite em pó, ao valor de US\$ 62 milhões. Os principais fornecedores foram Emirados Árabes Unidos, Malásia, Portugal e França. Nesse mesmo ano, o Brasil exportou para Angola apenas 44 toneladas do produto.

O mercado de Angola está aberto para leite em pó do Brasil, sendo necessário a emissão de Certificado Sanitário Internacional (CSI-BR). Para exportar produtos de origem animal, se faz necessário obter licença de importação junto ao Instituto dos Serviços de Veterinária (ISV), órgão vinculado ao Ministério da Agricultura e Florestas da República de Angola (MINAGRIF).

Para entrada do produto no país, poderão ser solicitadas análises microbiológicas (*Samonella*, *Coliformes* termotolerantes, *Estafilococos*, Bolors, Leveduras), para resíduos de drogas veterinárias, para contaminantes inorgânicos e micotoxinas, segundo o Anexo V do Decreto Presidencial nº 179/18. A empresa importadora fica responsável por providenciar a colheita das amostras e pelo envio das mesmas aos laboratórios. Os resultados das análises poderão ser solicitados pelos órgãos responsáveis pela inspeção sanitária de alimentos.

O Direito de Importação (tarifa de importação) para leite em pó é de 10%, conforme definido na pauta aduaneira, que foi atualizada pelo Decreto Legislativo Presidencial nº 1/24.

CONCLUSÃO

O mercado de Angola está aberto para o leite em pó brasileiro, assim como para todos os produtos lácteos.

Os laticínios angolanos que produzem leite fluido a partir da reconstituição de leite em pó, são importadores regulares do produto, visto não haver produção interna de leite em pó e considerando que da pecuária leiteira é muito baixa no país, sendo absorvida por pequenos laticínios que fabricam queijos e iogurte.

Figuram ainda como importadores regulares, as empresas que recebem leite em pó a granel para embalar em Angola.

As redes de supermercado angolanas também são importadoras de produtos lácteos, incluindo leite em pó e compostos prontos para o consumo.

Angola pode ser um destino para o leite em pó brasileiro, assim como para demais produtos utilizados na formulação de bebidas e composto lácteos, como o soro de leite em pó.



11

ARÁBIA SAUDITA



12

POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO DE CARNE E PRODUTOS CÁRNEOS DE OVINOS E CAPRINOS BRASILEIROS NA ARÁBIA SAUDITA

Número: RIADE-03-2025

Data: 11/02/2025

Posto: RIADE/ARÁBIA SAUDITA.

Palavras-chave: carne e produtos cárneos; ovinos; caprinos; Arábia Saudita

Responsável: Adriano Perrelli Pestana de Castro.

SUMÁRIO: As carnes caprinas e ovinas são amplamente consumidas na Arábia Saudita, com a carne de ovelha tendo um papel cultural significativo em ocasiões religiosas e celebrações familiares. Em 2023, o Reino importou US\$ 186 milhões em carne ovina e caprina, sendo 85% desse total referente à carne ovina. Os principais exportadores para o mercado saudita incluem Austrália, Nova Zelândia e Paquistão. Recentemente, a Arábia Saudita manifestou interesse em diversificar suas importações de carne vermelha, incluindo miúdos de ovinos e carne caprina e ovina. O Certificado Sanitário Internacional (CSI) foi estabelecido para permitir a exportação de carne e produtos cárneos de bovino, ovino e caprino do Brasil ao Reino, sendo habilitação de estabelecimentos brasileiros na modalidade pré-listing. Diante da oportunidade de participação brasileira nesses mercados, o Brasil se destaca por seu expressivo rebanho, boas relações com países árabes, confiabilidade na certificação halal frente aos países islâmicos, rigoroso controle sanitário nacional reconhecido internacionalmente e uma logística já estabelecida para embarques de carnes ao Oriente Médio.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Importações e consumo de carne caprina e ovina no Reino da Arábia Saudita:

As carnes caprinas (goat) e ovinas (lamb, mutton, sheep) são bastante consumidas no Reino da Arábia Saudita e estão presentes na dieta alimentar dos sauditas.

Destaca-se a carne de ovelha que é culturalmente importante no país, associada a ocasiões religiosas e celebrações familiares.

Em 2023, a Arábia Saudita importou um total de US\$ 186 milhões de carne ovina e caprina no comércio internacional. Desse total, as importações sauditas de carne caprina resfriada e congelada corresponderam a 15% (US\$ 27 milhões), sendo 85% (US\$ 159 milhões) relacionadas às importações de carne ovina congelada e resfriada.

Obs: Dados das importações sauditas do ano de 2024 ainda não disponíveis no Sistema ITC Trademap.

Entres os principais exportadores de carne de pequenos ruminantes ao mercado saudita, destacam-se: Austrália (market share 43%), Nova Zelândia (17%), Paquistão (12%), seguidos por Quênia (9%) e Sudão (6%) - Tabela 1.

Abaixo, as categorias dos principais produtos de carne ovina e caprina importados pelo Reino:

- Cortes congelados de ovinos, com osso: US\$ 57.6 milhões.
- Carcaça e meia carcaça de ovinos frescos ou refrigerados (excluindo cordeiro): US\$ 38.2 milhões.
- Carnes frescas, resfriadas e congeladas de caprinos: US\$ 27.2 milhões.
- Carcaça e meia carcaça de ovinos congelados (excluindo cordeiro): US\$ 20 milhões.
- Cortes congelados desossados de ovinos: US\$ 14 milhões.
- Cortes frescos e refrigerados de ovinos, com osso (excluindo carcaça e meia carcaça): US\$ 12.5 milhões.

Exporters	Select your indicators	
	Value imported in 2023 (USD thousand)	Share in Saudi Arabia's imports (%)
World	186111	100
Australia	79703	42.8
New Zealand	32262	17.3
Pakistan	22865	12.3
Kenya	17293	9.3
Sudan	11464	6.2
Ethiopia	5919	3.2
Tanzania, United Republic of	5653	3
Spain	4340	2.3
Georgia	1576	0.8

Tabela 1. Tabela 1. Importações de carne caprina e ovina no Reino da Arábia Saudita em 2023. Valores (mil dólares) e participação (%). Fonte: ITC Trademap.

Com uma tarifa de 2.7 % aplicada pela Arábia Saudita na importação de carne e produtos cárneos de ovinos e caprinos, vale destacar que o Brasil possui certificado sanitário acordado com a Arábia Saudita para exportação desses produtos ao Reino, assim como, a habilitação para estabelecimentos brasileiros aprovados na modalidade pré-listing.

Atualmente, o Brasil não possui estabelecimentos habilitados pela autoridade sanitária saudita (SFDA) para exportar ao Reino.

Produção local e importações de animais vivos (pequenos ruminantes) realizadas pelo Reino da Arábia Saudita:

Em 2023, a Arábia Saudita importou um total de US\$ 1.14 bilhão de ovinos e caprinos vivos no comércio internacional (Tabela 2). Desse total, as importações sauditas de ovinos vivos foram US\$ 1.13 bilhão (99%), sendo US\$ 8 milhões (1%) relacionados às importações de caprinos vivos.

Entre os principais exportadores de pequenos ruminantes vivos ao mercado saudita, destacam-se: Sudão (*marketshare* 61%), Somália (18%), Jordânia (8%) e Romênia (6%).

Exporters	Select your indicators	
	Value imported in 2023 (USD thousand)	Share in Saudi Arabia's imports (%)
World	1146211	100
Sudan	693479	60.5
Somalia	205191	17.9
Jordan	85524	7.5
Romania	67527	5.9
Djibouti	30195	2.6
Georgia	18369	1.6
Spain	16759	1.5
Oman	13857	1.2
Qatar	9562	0.8

Tabela 2. Importações de animais vivos (ovinos e caprinos) no Reino da Arábia Saudita em 2023. Valores (mil dólares) e participação (%). Fonte: ITC Trademap.

Recentemente, a Autoridade Geral de Estatísticas (GASTAT) saudita publicou os resultados do Boletim de Dados de agricultura e de produção animal no ano de 2023 na Arábia Saudita. Como destaque, o número total de ovelhas atinge 22 milhões de cabeças (Figura 1), entretanto, a população pecuária de cabras apresentou a maior taxa de crescimento de 51,8% do crescimento total da pecuária no Reino (Figura 2).



Livestock in Kingdom

The total number of sheep in traditional holdings across the Kingdom reached 22 million heads, with 19.3% males and 80.7% females. The total number of camels was 2.2 million heads, with 32% less than four years old and 68% four years and more. The total number of goats was 7.4 million heads, and the number of cows in non-specialized agricultural holdings was 39 thousand heads, with 46.9% dairy cows.

Key indicators of livestock 2023		
Key indicators	Unit	Value
Total dairy cows	(Thousand heads)	234
Total quantity of raw milk production	(Billion liters)	2.8
Produced quantity of broiler chicken	(Thousand tons)	1,107
Produced quantity of table eggs	(Billion eggs)	7.9
Total number of sheep in the Kingdom	(Million heads)	22
Total number of goats in the Kingdom	(Million heads)	7.4
Total number of camels in the Kingdom	(Million heads)	2.2

Source: [Tables](#).

Figura 1. Pecuária no Reino. Principais indicadores da pecuária 2023. Fonte: GASTAT.

Livestock

The local production of cattle accounted for 67.4% of the total cattle supply, while camels made up 76% of the total camel supply, with a local production quantity of 702 thousand heads. The average value per camel was six thousand SAR, whereas the average value of local production for sheep and goats was 1,250 SAR per head. Regarding livestock assets, the growth in livestock (livestock population) reached 1,234 thousand heads. Goats recorded the highest growth rate, accounting for 51.8% of the total livestock growth, with a final stock of 7,418 thousand heads of goats. Camels followed, with a growth of 210 thousand heads during 2023 (Figure2).

Figure2. Growth in livestock (thousand heads)

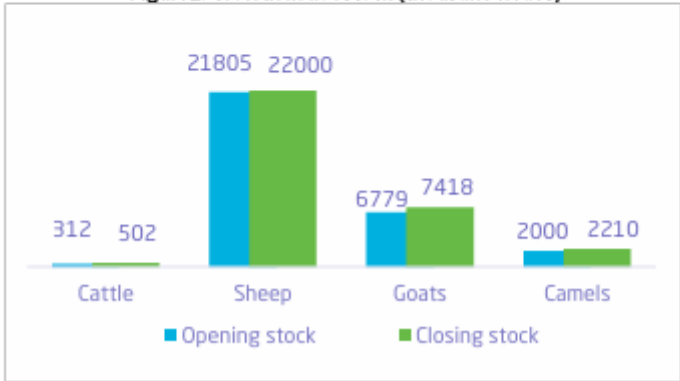


Figura 2. Crescimento da pecuária (mil cabeças) no Reino. Fonte: GASTAT.



Considerações:

No caso dos pequenos ruminantes vivos, nota-se que os principais exportadores ao mercado saudita são países geograficamente próximos ao Reino (ex. Sudão, Somália e Jordânia) que apresentam um menor custo operacional e logístico nas exportações, quando comparados ao Brasil. Por outro lado, a abertura ao mercado brasileiro para exportação de caprinos e ovinos vivos para reprodução à Arábia Saudita, no ano de 2022, possibilita ao Brasil participação direta no mercado de interesse saudita, especialmente no melhoramento genético do rebanho ovino e caprino no Reino.

Em relação às importações de carne caprina e ovina no Reino da Arábia Saudita, o país importou um total de US\$ 186 milhões de carne ovina e caprina no comércio internacional em 2023, sendo a grande maioria de carne ovina (US\$ 159 milhões). Destaca-se que a carne de ovelha é bastante consumida no país, associada a ocasiões religiosas e celebrações familiares.

No ano passado ocorreu uma reunião entre a adidância e representantes da autoridade sanitária saudita (SFDA) visando tratar sobre o interesse saudita na diversificação e aumento da importação de carne vermelha pelo Reino. Entre os assuntos discutidos, o interesse saudita no mercado de miúdos comestíveis de ovinos, assim como, no mercado de carne ovina e caprina para cortes e carcaças completas. Vale destacar a abertura de mercado para exportação de carne caprina e seus produtos do Brasil à Arábia Saudita, em 2023, que resultou em um Certificado Sanitário Internacional (CSI), acordado entre Brasil e Arábia Saudita, que permite exportação de carne e produtos cárneos de bovinos, ovinos e caprinos. Inclusive, com a habilitação de estabelecimentos brasileiros na modalidade pré-listing. Entre as exigências previstas, consta a obrigatoriedade de abate e certificação halal, que segue o mesmo protocolo utilizado em bovinos e aves.

Alguns produtores e interlocutores destacam alguns desafios para que o Brasil possa aproveitar as oportunidades de participação no mercado de ovinos e caprinos para exportação no comércio internacional, frente à crescente demanda, especialmente de países islâmicos. Entre os pontos de destaque do Brasil estão o expressivo rebanho nacional; a ótima relação com os países árabes e a confiabilidade na certificação halal brasileira; o rigoroso controle sanitário na ovinocultura e na caprinocultura brasileira, reconhecido mundialmente e, ainda, a condição do Brasil já possuir uma logística estabelecida para os embarques de outras carnes ao Oriente Médio.





17

ARGÉLIA

BOVINOS VIVOS PARA ABATE

Número: ARGEL-03-2025

Data: 06/02/2025

Posto: Argel/Argélia

Palavras-chave: Argélia; exportação; certificado sanitário; bovinos vivos

Responsável: Luciana Pich Gomes

SUMÁRIO: Novo Certificado Zoossanitário Internacional de bovinos vivos para exportação para a Argélia e perspectivas do mercado.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Como resultado de um trabalho de cinco décadas do Ministério da Agricultura e Pecuária e demais órgãos atuantes na saúde do rebanho brasileiro, o Brasil se tornou livre da febre aftosa sem vacinação. Com isso, tornou-se necessária a atualização do Certificado Zoossanitário Internacional acordado entre Brasil e Argélia para exportação de bovinos vivos para abate para este país, com a retirada da declaração de que os animais foram devidamente vacinados contra a doença.

O processo se iniciou em 2023 com a atualização do Distrito Federal e nos Estados do Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins e continuou em 2024 com o reconhecimento do país inteiro como livre da febre aftosa sem vacinação.

Concomitantemente com tensões políticas entre a Argélia e a França e Espanha, a ocorrência de surto de Doença Hemorrágica Epizootica (DHE) na França, Espanha e Portugal, geraram risco de desabastecimento do país de carne vermelha. Desta forma, as autoridades argelinas analisaram com celeridade a atualização do CZI sem interrupção do fornecimento de gado brasileiro ao país.

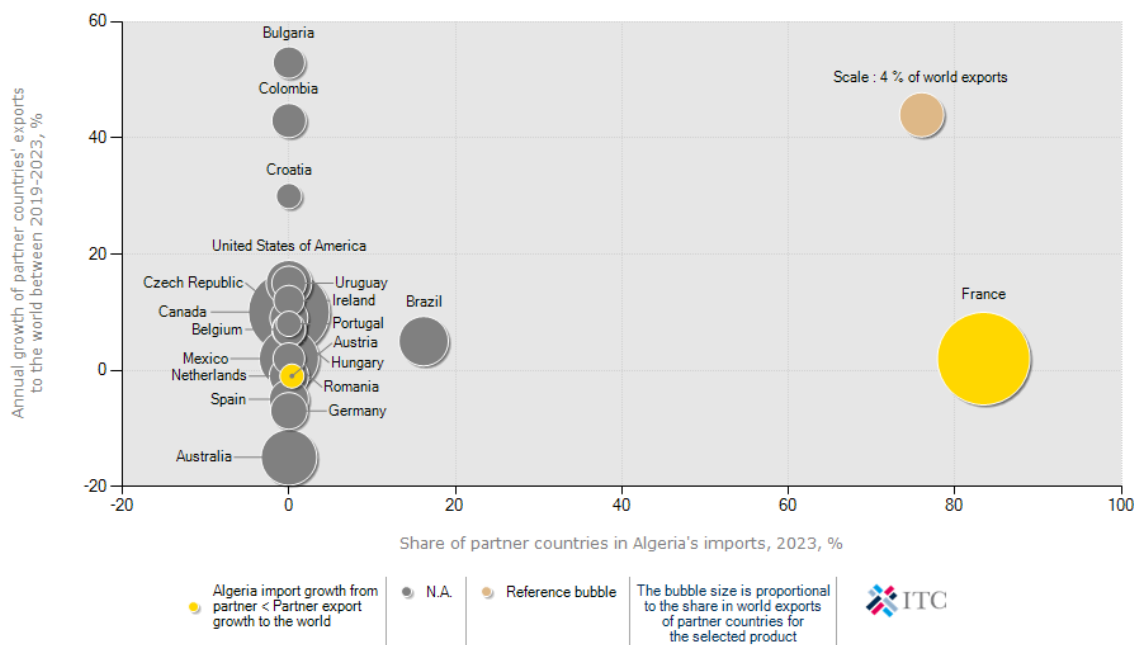
O novo certificado foi aprovado pelas autoridades argelinas em janeiro de 2025 e já se encontra em vigor e disponível para consulta no Painel de certificados da CGTQA no endereço eletrônico https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/PAINEIS_CGTQA/PAINEIS_CGTQA.html.

Como resultado da atualização deste certificado, encontra-se em andamento o envio de em torno de 30 mil cabeças de gado do Brasil para a Argélia, tanto de compradores privados como governamentais.

De acordo com dados do Trade Map, em 2023 o Brasil foi o segundo maior fornecedor de bovinos vivos para a Argélia, com volume de US\$ 16,8 milhões exportados, atrás apenas da França. De acordo com o AgroStat, em 2024 esse valor foi de US\$7,3 milhões. Para o ano de 2025, espera-se um aumento expressivo nas exportações.



Prospects for diversification of suppliers for a product imported by Algeria in 2023
Product : 0102 Live bovine animals



O mercado de carne vermelha argelino

A produção de carne vermelha na Argélia atingiu quase 537.000 toneladas, com uma distribuição de 63% de carne de ovelha, 27% de carne bovina, 7% de carne de cabra e 3% de camelina, permitindo uma disponibilidade média de 12,04 kg por pessoa por ano. Número bem abaixo da média internacional, de cerca de 34 kg per capita por ano.

No entanto, a demanda por carne chega a cerca de 50.000 toneladas por mês, enquanto a produção é limitada a 15.000 toneladas. Como resultado, a Argélia depende em grande parte das importações de carne para atender à demanda de sua população, manter os preços de mercado estáveis e evitar a inflação excessiva nos preços da carne, especialmente em épocas de alta demanda, como durante o mês do Ramadã, quando a demanda é pelo menos dobrada.

A Argélia é um país sob forte regulação de mercado e uma das ferramentas utilizadas pelo governo para essa finalidade são as empresas públicas responsáveis pela aquisição de alimentos e abastecimento do mercado interno em momentos de baixa oferta. Uma delas é a ALVIAR - Algérienne des Viandes Rouges, que realiza a importação de animais vivos, engorda, abate, transformação e distribuição de carnes vermelhas no país.

Outros importadores argelinos de animais vivos:

Frigomedit	Tel : 213.671201316/561987997 E mail : n.alouane@frigomedit.dz
ALVIAR	Tél : 213 550919398 E mail : dedalviar2012@gmail.com / alviar.dz@gmail.com
Sarl Presthocate	Mob : 213 661 45 92 86 Mail: sofiane-ziani@hotmail.com
Sarl Laiterie SOUMMAM	Tél : 213770942880 E mail : seddik.saadi@soummam-dz.com
Sarl Bendahmane Import-Export	Tel : 213 661051036022/ 213778967411 E mail : bendahmanev@gmail.com
Fidélité Import-Export	Tel : 213 554043151
Agriwest Algeria	Tél : 213557817163 Email : agriwest.algerie@gmail.com
Eurl Veeopro	Tél : 213770 67 31 56 E mail : eurlveeprobejaia06@gmail.com
Smara Coop Import-Export	Tél : Tél : 213 55140694 E mail : smara-vache@hotmail.fr
Sogymex	Tél : 213 770.12.19.04 E mail : sogymex12@gmail.com
Fidélité Import-Export	Tél : 213 554043151 E mail : mohamed8zafer@yahoo.com
Algerian Bovines, Sarl	http://www.abovines.com
Algerie Développement Génétique Génisses Laitière, Sarl	http://www.adggl.com



20

Desafios do mercado

O maior desafio no comércio de produtos agropecuários entre Brasil e Argélia é a ausência de vias comerciais, marítimas ou aéreas, diretas entre os dois países. Com a impossibilidade de realizar transbordo nos portos marroquinos, tal operação em portos europeus como o de Barcelona se tornou lenta e cara. Para o transporte de animais vivos, uma alternativa encontrada foi o frete de navios exclusivos para a realização do trajeto direto.

Outro ponto a se levar em conta é que a Argélia não faz parte da Organização Mundial do Comércio e, portanto, não está sujeita aos mecanismos de análise de controvérsias em casos de litígios.





21

AUSTRÁLIA

MERCADO PARA TILÁPIA NA AUSTRÁLIA

Número: CAMB-03-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Camberra/Austrália

Palavras-chave: Austrália; rastreabilidade; agricultura; comércio internacional

Responsável: Daniela de Moraes Aviani

SUMÁRIO: Em 2024, a Austrália abriu seu mercado para peixes cultivados e camarões brasileiros, criando uma oportunidade estratégica para a tilápia do Brasil em um país altamente dependente de importações para suprir sua demanda por pescados. Uma das possibilidades de introdução da tilápia brasileira é por meio tradicional Fish & Chips, um prato icônico, herdado da cultura britânica e amplamente apreciado pelos australianos. Para se destacar nesse mercado competitivo, o Brasil deve adotar uma estratégia de marketing focada em sustentabilidade, rastreabilidade e certificações ambientais, atributos cada vez mais valorizados pelos consumidores e redes varejistas australianas. Esses diferenciais não apenas reforçam a aceitação do produto, mas também posicionam a tilápia brasileira como uma alternativa confiável, segura e alinhada às exigências do mercado local.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Desde fevereiro de 2024 o Brasil conquistou acesso ao mercado australiano de peixes cultivados, para consumo humano. A demanda do setor pesqueiro do Brasil apresentada em 2022, tinha como principal meta ampliar os mercados para exportação de tilápia e camarão. Com isso abre-se a oportunidade para os filés de tilápia fazerem parte do tradicional *fish & chips* (peixe empanado frito, acompanhado por batatas fritas) um dos pratos australianos mais populares, herdado dos ingleses.

Consumo de Pescados e de Tilápia na Austrália

A ampla variedade de pescados e frutos do mar disponíveis ao consumidor australiano é reflexo do multiculturalismo da população, um fator determinante na preferência por determinadas espécies. Esse perfil diversificado se traduz diretamente nos hábitos de consumo, influenciando tanto a demanda quanto a oferta no mercado.

De acordo com a estatística oficial mais recente do governo australiano, o consumo total de pescados em 2022 foi de 350 mil toneladas, o que corresponde a uma média de 14 kg per capita ao ano.

Os principais fatores impulsionadores do consumo de frutos do mar na Austrália são a saudabilidade, o sabor e a conveniência. Por outro lado, o preço, a disponibilidade, preocupações com a qualidade e a falta de experiência para escolher os produtos e o seu preparo, representam as principais barreiras para a expansão do mercado. O maior obstáculo apontado pelos consumidores é a dificuldade em cozinhar e preparar espécies menos conhecidas.

Atualmente, cerca de 65% do consumo doméstico é suprido por importações, o que torna a Austrália um mercado estratégico para fornecedores internacionais. Em 2023, o valor total das importações de pescados atingiu US\$ 850 milhões, consolidando o país como um dos maiores importadores globais do setor.

O segmento de produtos importados é dominado por filés de peixe, camarões, lulas e atuns enlatados, refletindo a forte preferência dos consumidores por conveniência, sem abrir mão da qualidade e do frescor dos produtos.

A população de origem asiática, que representa aproximadamente 30% dos habitantes da Austrália, desempenha um papel fundamental no impulso ao consumo de pescados, especialmente dentro de sua culinária tradicional. Esse grupo populacional também é o principal consumidor de tilápia, preferindo-a na forma inteira ou eviscerada, sem cabeça (QUADRO 1).

A tilápia disponível no mercado australiano é predominantemente importada da China, Vietnã e Tailândia. O produto não possui imposto de importação. Em 2023, as importações de tilápia totalizaram US\$ 3 milhões, distribuídas entre as seguintes categorias de produtos (Fonte: Trademap):



- US\$ 2,5 milhões - HS 030323 - Peixes; tilápias congeladas (*Oreochromis* spp.), excluindo filés, fígados, ovas e outras carnes de peixe classificadas na posição 0304;
- US\$ 348 mil - HS 030461 - Filés de peixe; congelados, tilápias (*Oreochromis* spp.)
- US\$ 135 mil - HS 030431 - Filés de peixe; frescos ou refrigerados, tilápias (*Oreochromis* spp.)



23

QUADRO 1 – Apresentações de tilápia disponíveis no mercado da Austrália

			
Filés de Tilápia Congelados Premium 454g	Bifes de Tilápia Vermelha Congelados	Tilápia Congelada, limpa, sem cabeça	Tilápias Inteiras, com escamas, evisceradas (peso mín. unid. 500g)
Preço: US\$ 10/kg Origem: China	Preço: US\$ 15/kg Origem: Vietnã	Preço: US\$ 8,90/Kg Origem: Vietnã	Preço: US\$ 6,30/kg Origem: Taiwan

Fonte: Adidância Agrícola da Austrália (pesquisa web, fev/2025)

Desafios Concorrenciais com Produtos Locais e Importados de Baixo Custo

O mercado australiano de pescados é muito bem abastecido por produtos locais e importados, principalmente da Nova Zelândia e de outros países, que tradicionalmente contam com a preferência dos consumidores. Até o momento, a tilápia atende apenas a um segmento de nicho, mas há uma oportunidade competitiva para ampliar sua participação, especialmente no setor de **fish & chips**. Muitos estabelecimentos desse segmento podem considerar a substituição de espécies tradicionalmente utilizadas por filés mais acessíveis e de qualidade superior, especialmente diante da pressão inflacionária e do aumento dos custos operacionais.

Além disso, a demanda local por pescados já excede consideravelmente a capacidade da produção doméstica, resultando em um aumento significativo dos preços. Diversos fatores contribuem para a redução dos estoques pesqueiros disponíveis para o setor comercial, incluindo a expansão de projetos industriais na costa, a exploração de petróleo e gás, o desenvolvimento de parques eólicos offshore e a implementação de medidas de sustentabilidade, como a redução das cotas de captura. Esses fatores intensificam a dependência da Austrália em relação às importações para suprir sua crescente demanda por pescados.

O principal desafio para a tilápia brasileira será a concorrência com espécies já consolidadas no food service de baixo custo, como o hoki (*Macruronus* spp.), o South American Flathead



(*Percophis* spp.) e o barramundi (*Lates* spp.) (QUADROS 2 e 3). Esses peixes dominam o setor devido à combinação de preços competitivos no atacado e fornecimento regular ao longo do ano, fatores essenciais para a previsibilidade e a sustentabilidade das operações no mercado australiano.



QUADRO 2 - Principais espécies concorrentes da tilápia em peixarias e supermercados da Austrália

Espécie	Principal fornecedor	Valor aproximado no varejo (US\$/kg)
Basa (<i>Pangasius</i> spp.)	Vietnã	5,80
Hoki (<i>Macruronus</i> spp.)	New Zealand	10,00
South American flathead (<i>Percophis</i> spp.)	Argentina	10,70
Barramundi (<i>Lates</i> spp.)	Vietnam	12,60

Fonte: Adidância Agrícola da Austrália (pesquisa web, fev/2025)

QUADRO 3 - Produtos concorrentes do filé de tilápia congelado, disponíveis em supermercados da Austrália

			
Filé de Basa Congelado 1 kg	Filé de Hoki Congelado 1kg	South American Flathead Congelado 1 kg	Frozen Barramundi Fillet 1 kg
Preço: US\$ 5,10/kg Origem: Vietnã	Preço: US\$ 13,30/kg Origem: New Zealand	Preço: US\$ 13,30/kg Origem: Argentina	Preço: US\$ 13,20/kg Origem: Vietnam

Fonte: Adidância Agrícola da Austrália (pesquisa web, fev/2025)



Acesso ao Mercado para a Tilápia Brasileira

O mercado de tilápia na Austrália está consolidado entre imigrantes, com distribuição dominada pelas principais redes de supermercados, como Woolworths e Coles, além de distribuidores especializados que atendem nichos étnicos.

Para a exportação de tilápia inteira do Brasil, os peixes devem ser enviados sem cabeça, sem brânquias e eviscerados, ou ainda processados para consumo direto (filé fresco ou congelado). Como todas as espécies de peixes cultivados, a tilápia é considerada de alto risco sanitário pela Austrália, que impõe regras rigorosas de biossegurança para evitar a introdução de doenças e agentes patogênicos. Dessa forma, **a importação é permitida somente para lotes acompanhados de um certificado sanitário específico, emitido conforme os requisitos acordados entre Brasil e Austrália.**

Atendidos os requisitos acima, **não há exigência de licença de importação**, por parte das autoridades australianas, para ingresso de peixes cultivados do Brasil. Também **não é exigida habilitação** prévia dos estabelecimentos exportadores. A Austrália adota o princípio de reconhecimento das autoridades sanitárias estrangeiras como responsáveis pela certificação. Assim, cabe ao Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil (MAPA) supervisionar e inspecionar os estabelecimentos e as operações, assegurando a conformidade com as condições de importação estabelecidas pela Austrália.

No APÊNDICE I, pode ser encontrada uma lista (não exaustiva) de produtos de tilápia disponíveis para consumidores, importadores e distribuidores na Austrália.

Oportunidades com Base na Sustentabilidade e Rastreabilidade

A crescente preocupação com sustentabilidade e rastreabilidade cria uma oportunidade estratégica para o Brasil diferenciar sua tilápia no mercado australiano, destacando certificações ambientais e boas práticas de aquicultura. A transparência na rastreabilidade é um diferencial competitivo crucial, especialmente em um mercado altamente sensível a questões como pesca ilegal, exploração de mão-de-obra e impactos ambientais.

As cargas atualmente importadas de grandes fornecedores, como China e Vietnã, nem sempre possuem informações detalhadas sobre a origem do pescado e as práticas de captura ou cultivo envolvidas em sua obtenção. Esse fator tem sido amplamente debatido pela mídia australiana, que levanta preocupações sobre bem-estar dos trabalhadores, rotulagem incorreta, rastreamento inadequado, práticas de pesca sustentável e riscos de trabalho análogo à escravidão em embarcações pesqueiras.

Em resposta a essas preocupações, os principais supermercados da Austrália adotaram, nos últimos anos, padrões elevados de sustentabilidade, refletindo a crescente exigência dos consumidores por produtos com procedência confiável. Esse cenário abre espaço para peixes



importados que possam demonstrar altos padrões de sustentabilidade, agregando valor à tilápia brasileira e tornando-a mais competitiva no mercado australiano.



Além disso, está em fase final de elaboração um regulamento que exigirá a rotulagem obrigatória do nome da espécie e do país de origem para todos os pescados comercializados no país, independentemente do tipo de estabelecimento. Essa medida aumentará a transparência e poderá reforçar a percepção de valor da tilápia brasileira no mercado.



Desafios de Imagem do Produto

Um dos principais desafios enfrentados pelo mercado de tilápia na Austrália é sua associação à condição de espécie invasora. Assim como diversos outros animais e vegetais introduzidos no país sem uma avaliação prévia dos impactos sobre a fauna e a flora nativas, a tilápia carrega o estigma de ser prejudicial ao ecossistema, o que pode afetar sua aceitação entre consumidores menos familiarizados com o produto.

O público em geral tende a evitar o consumo de espécies classificadas como invasoras, dada a percepção de que isso poderia incentivar sua proliferação. Governos estaduais também reforçam essa imagem, promovendo a erradicação e determinando que peixes capturados em ambientes naturais sejam descartados sem aproveitamento para consumo.

Por essa razão, não há produção comercial de tilápia na Austrália. No entanto, sua importação e comercialização são permitidas, tornando o mercado inteiramente dependente de fornecedores internacionais para atender à demanda existente.

Diante desse cenário, setores da indústria pesqueira vêm pressionando por uma revisão das restrições vigentes, argumentando que a tilápia capturada na natureza poderia ser destinada ao consumo, em vez de descartada. Além de reduzir o desperdício, essa abordagem valorizaria o pescado como fonte nutricional, alinhando-se a princípios de sustentabilidade e segurança alimentar.

Oportunidades de Promoção Comercial

A **Fine Food Australia** é uma das principais feiras comerciais do setor alimentício na Austrália e um ponto de entrada estratégico para o varejo local. O evento reúne expositores e compradores dos setores de hospitalidade, food service, varejo, distribuição, atacado e importação, sendo uma excelente oportunidade para a promoção de produtos brasileiros.

Na edição de 2024, a feira contou com 900 expositores de 31 países e recebeu 25 mil visitantes, consolidando-se como o mais importante evento nacional do setor de alimentação. A próxima edição ocorrerá em setembro de 2025, em Sydney. Mais informações estão disponíveis em: <https://finefoodaustralia.com.au/>.



Outro evento relevante para o setor é a **Seafood Directions Exhibition & Conference**, o principal encontro da indústria pesqueira australiana voltado para networking e discussões estratégicas. A última edição ocorreu em setembro de 2024, na Tasmânia, e a próxima está programada para 2026. Informações: <https://www.seafooddirections.com.au/>.



Considerações Finais

A Austrália representa uma oportunidade para diversificar os destinos das exportações de pescados pelo Brasil. A barreira inicial para o acesso ao mercado foi superada, garantindo a conformidade do Brasil com os elevados padrões sanitários e rigorosos critérios de biossegurança australianos.

O sucesso da tilápia brasileira na Austrália dependerá de uma estratégia de marketing que destaque sustentabilidade, rastreabilidade e certificações ambientais, aliada à promoção da tilápia como uma alternativa alimentar saborosa, segura e nutritiva.

Além disso, o posicionamento do produto em nichos específicos de consumo, como as comunidades de imigrantes, e no setor de food service, pode ser um diferencial competitivo para ampliar sua aceitação e consolidar o Brasil como um fornecedor relevante no mercado australiano.







APÊNDICE I - Lista não exaustiva de produtos de tilápia disponíveis para consumidores, importadores e distribuidores na Austrália



Fontes: Trademo, Trade Map e Adidância Agrícola na Austrália

28

Produto	Origem	Distribuidor/Varejista	Observações/Imagens
Filés de Tilápia Premium Congelados 454g	China	Woolworths Disponível em Double Bay, Sydney (próximo a Bondi, região com número expressivo de brasileiros)	 (já comercializada pelo Coles)
Loja/distribuidor online com sede em Sydney			
Bifes de Tilápia Vermelha Congelados 1kg	Vietnã	Asian Grocer online	
Loja/distribuidor online com sede em Sydney			
Tilápia Inteira Congelada - US\$ 5,70/unid. (650g a 800g)	Taiwan	GSO Grocery Ship Online	
Tilápia Inteira Escamada e Eviscerada - US\$ 6,00/kg (caixa de 10 kg)	N/A	Seafood Warehouse Factory Outlet	Loja física e online, distribuidor baseado no estado de Queensland 
Tilápia - Caixa de 10 kg (550-750g por unidade)	China	Aushin	Importador e distribuidor de frutos do mar baseado em Sydney
Tilápia Inteira Escamada e Eviscerada - 800g, US\$ 8,00/kg	Malásia	Seafood and More	Mercado de frutos do mar online, distribuidor baseado em Sydney

Produto	Origem	Distribuidor/Varejista	Observações/Imagens
Tilápia Inteira Escamada e Eviscerada - Mín. 500g, US\$ 6,00/kg	Taiwan	Zag Seafood	Distribuidor de frutos do mar com lojas físicas e online em Sydney (Merrylands, Wetherill Park, Parramatta)
Tilápia Inteira Escamada e Eviscerada - 800-1000g, US\$ 8,00/kg	N/A	Burswood Seafood	Distribuidor de frutos do mar com lojas físicas e online do estado de Western Austrália
Tilápia Inteira Escamada e Eviscerada - 900-1000g, US\$ 9,00/kg	Taiwan	Seven Seas Fresh Seafood	Distribuidor de frutos do mar com lojas físicas e online em Sydney
Tilápia Congelada (limpa ou inteira) - Caixa de 10 kg	Vietnã	Sunny Seafood PL	Importador/atacadista de frutos do mar do estado de Victoria - Contato: Charlie Nguyen (+61) 0403256205 / 394806880 - charlie@sunnyseafood.com.au
Tilápia Vermelha Congelada e Limpa - Caixa de 10 kg	Vietnã	International Rice & Products	Importador/atacadista do estado de Western Austrália; importador do Vietnã listado sob HS300323
Tilápia Congelada Inteira ou Filé	Indonésia	Moby's Seafood	Distribuidor de frutos do mar online e físico em Sydney (Macarthur Square, Campbelltown)
Produtos de Tilápia	N/A	Falcon Foods Pty Ltd	Importador/atacadista do estado de Western Austrália; já importa peixes e crustáceos do Brasil
Produtos de Tilápia	N/A	Master Nuts Pty Ltd	Importador/atacadista do estado de New South Wales; importador do Vietnã listado sob HS300323
Produtos de Tilápia	N/A	Great Foods Group	Importador/atacadista do estado de New South Wales; importador de tilápia listado como membro da FBIA
Tilápia - Pacote inteiro de 10 kg (600-1500g por unidade)	N/A	Markwell foods	Importador/atacadista que atua nos estados de New South Wales, QLD, VIC, WA; importador de tilápia listado como membro da FBIA





OUTROS LINKS PARA VENDEDORES E DISTRIBUIDORES DE TILÁPIA NA AUSTRÁLIA:

Importadores e atacadistas	Website
https://irpa.com.au/product/888-cleaned-headless-red-tilapia-2pcs-bag/ International	https://irpa.com.au/product/888-cleaned-headless-red-tilapia-2pcs-bag/
https://irpa.com.au/product/888-cleaned-headless-red-tilapia-2pcs-bag/ Rice &	
https://irpa.com.au/product/888-cleaned-headless-red-tilapia-2pcs-bag/ Products	
Bendikt Imports Australia	https://benedikts.com/products/dagim-tilapia
Asian Food Wholesalers	https://asianfoodwholesalers.com.au/products/04374
Distribuidores e varejistas	Website
Woolworth Supermarket	https://www.woolworths.com.au/shop/productdetails/379469/dagim-premium-talapia-fish-fillets-tilapia-frozen-meal
Superior Food Services	https://superiorfs.com.au/home.aspx
Fishcity Seafood Market	https://fishcity.au/products/red-tilapia
https://mobysseafood.com.au/products/whole-tilapia-from-1kg	
Seafood at Home	https://www.seafoodathome.com.au/products/whole-tilapia-10kg-ctn
Costi's Westpoint	https://www.costiswestpoint.com.au/product/Tilapia-Fillets-Boneless
Aussie Seafood House	https://capalaba.aussieseafoodhouse.com.au/product/tilapia/
Tasmanian Prime Meat	https://tasmanianprimemeat.com.au/product/tilapia/
The Biltong & Jerky Shop	https://zimshopbrisbane.com.au/
Casula Fish Market	https://casulafishmarket.com.au/product/tilapia/
Riverina Seafood Market	https://riverinaseafood.com.au/product/tilapia/
Mount Gambier Foods	https://www.mgfoods.com.au/product/1154-tilapia-ggs-600-800gm
Fish cut Seafood	https://fishcutseafood.com.au/products/tilapia-product-of-vietnam
Pinoy Warehouse	https://pinoywarehouse.com.au/product/freshfrozenwholetilapiafullycleanedperpiece/
Spudshed Fresh Food Market	https://kelmscott.spudshed.com.au/lines/fishermans-choice-tilapia-whole-500g
Kraus Foods	https://krausfoods.com.au/lines/dagim-tilapia-fillet-453g
Mackay Fish Market	https://mackayfishmarket.com.au/product/tilapia/?v=2c18c36508d1
Wing & Co.	https://wingandco.com.au/product/frozen-tilapia-fillets-7-9-oz
Prestige Oysters and Seafood	https://prestigeoysters.com.au/product/tilapia-whole/
My Fresh Food Market	https://myffm.com.au/products/aushin-tilapia-fillet-1kg

BANGLADESH



31

POTENCIAL DE COMÉRCIO PARA OS PESCADOS DO BANGLADESH E DO BRASIL

Número: DAC-02-2025

Data: 15/02/2025

Posto: DACA/BANGLADESH

Palavras-chave: setor pesqueiro no Bangladesh; oportunidades para a indústria da pesca.

Responsável: Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

SUMÁRIO: Os pescados e os frutos do mar são importantes fontes de alimento para a população do Bangladesh contribuindo com cerca de 60% das suas necessidades nutricionais.

O país apresenta uma produção da ordem de 5 milhões de toneladas, consumo anual de 25kg *per capita*, com forte tendência de alta nos próximos anos, assim como exportações que ultrapassaram, em 2023, os US\$ 416 milhões.

As possibilidades para o aumento do fluxo comercial de pescados entre o Bangladesh e o Brasil são elevadas e, nesse sentido, devem ser considerados tanto o interesse bengalense em utilizar o Brasil como porta de entrada para os seus produtos na América Latina, como o interesse da indústria pesqueira brasileira pela busca de novos mercados.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





32

O Bangladesh possui recursos hídricos abundantes, com 24 mil km de extensão em cerca de 900 rios como o Ganges, Brahmaputra e Meghna, fatores que resultam em alta diversidade de pescados e de frutos do mar (Figura 1).

Os pescados são a base da culinária e responsáveis por cerca de 60% das necessidades alimentares não vegetarianas da população.

O país é um dos principais produtores globais, com 5 milhões de toneladas, apresentando um consumo de 25kg *per capita* por ano, sendo o 3º maior produtor em águas abertas e o 5º na aquicultura.

Há 475 espécies de peixes marinhos, 36 de camarões, 15 de caranguejo, 5 de lagosta, 301 de ostra-caracol-ostra, 56 de algas e 13 de coral, sendo o Hilsa, *Tenualosa ilisha*, o peixe nacional bengalense.

Figura 1 – Pesca nos rios do Bangladesh.



Fonte: Daily Star (2024).

Contextualização

O país mostra uma tendência de aumento do consumo de pargo, atum, caranguejo, lagosta e lula, entre outros, tanto nas regiões turísticas de Cox's Bazar, Chittagong e na Ilha de Saint Martin, como nos mercados e restaurantes de Daca.

A produção de camarões tem crescido a taxas de 5,0 % ao ano e há o interesse em elevar as exportações das espécies galda, haryana, robalo, *pomfret* e caranguejo, sendo que, em 2023, as



exportações do Bangladesh alcançaram US\$ 416 milhões, principalmente nos códigos HS que constam da Tabela 1.



Tabela 1 – Exportações de pescado do Bangladesh para o mundo em 2023.

HS Code	Item
0301	Pescados vivos
0302	Peixe fresco ou refrigerado (filés de peixe e outra carne de peixes da posição 0304)
0303	Peixes congelados
0306	Crustáceos, com/sem casca, vivos, frescos, refrigerados, congelados, secos, salgados/salmoura

Fonte: Trademap (2025).

Por outro lado, em 2024, o Bangladesh importou 16.000 toneladas e, dessa forma, cabe considerar o estudo da Associação Brasileira das Indústrias de Pescados (Abipescas) sobre o potencial de exportação de pescados brasileiros, uma vez que as importações bengalesas totalizaram US\$ 80 milhões principalmente nos produtos da Tabela 2.

Tabela 2 – Importações de pescado do Bangladesh em 2023 (Trademap).

HS Code	Item
0302	Peixe fresco ou refrigerado (filés de peixe e outra carne de peixes da posição 0304)
0303	Peixes congelados
0304	Filés de peixe e outra carne de peixe, mesmo picada, fresca, refrigerada ou congelada
0306	Crustáceos, com/sem casca, vivos, frescos, refrigerados, congelados, secos, salgados/salmoura

Fonte: Trademap (2025).

Conclusão

Os bengaleses entendem que o Brasil pode ser a porta de entrada dos seus produtos na América Latina e acreditam no potencial de exportação do Bangladesh ao Brasil, devendo-se levar em conta a imensa variedade de pescados produzidos no país (Figura 2).

Embora real, o elevado potencial de exportação enfrenta desafios como os eventos climáticos extremos, o aumento dos níveis dos mares, as inundações, as secas e a elevada poluição dos rios, entre outros.

Por outro lado, há a necessidade de investimentos em mão-de-obra especializada, tecnologia de produção, infraestrutura de processamento, assim como em logística, transporte e cadeia de frio, áreas que podem gerar oportunidades para investidores brasileiros.

O Brasil possui condições de se tornar um grande parceiro do Bangladesh, sendo importante a participação em feiras e missões no país como forma de melhor conhecer o mercado e as oportunidades.



34

Figura 2 – Peixes e frutos do mar à venda em supermercado em Daca.



Fonte: Imagens do autor, 15 fev. 2025.

Os interessados em conhecer melhor o mercado bengalense segue o endereço eletrônico para consulta sobre possíveis importadores de pescado, abaixo.

<https://www.exportgenius.in/bangladesh-importers-of-fish>.

Ainda, os contatos podem ser realizados com a *Fish Exporters and Importers Association* ou a Federação das Câmaras de Comércio e Indústria do Bangladesh, a seguir.

<https://fbcci.org/web/members-details/479>.

Por fim, destaco que o país editou a “Lei de Pesca e Inspeção Pesqueira e Controle de Qualidade de Bangladesh de 2020”.



CANADÁ



35

ELEVAÇÃO DA TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DOS EUA PODE GERAR REDUÇÃO NA PRODUÇÃO DE SUÍNOS CANADÁ

Número: OTT-03-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Ottawa, Canadá

Palavras-chave: EUA; guerra tarifária; suínos

Responsável: Paulo Marcio M. Araujo

SUMÁRIO: Guerra tarifária entre EUA e Canadá pode gerar aumentos de custos de produção e redução da oferta de suínos no Canadá.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

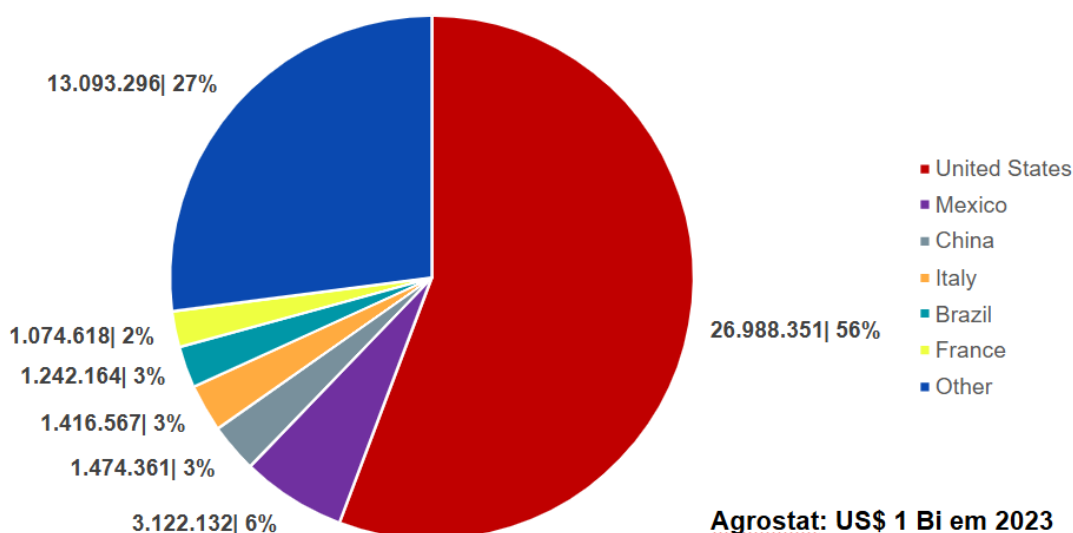




36

A perspectiva de uma guerra tarifária entre Estados Unidos e Canadá tem gerado grande apreensão no setor agropecuário Canadense. Analistas concordam que será difícil abandonar, mesmo no longo prazo, a dependência dos produtores canadenses em relação ao mercado dos EUA, mas os acontecimentos recentes reanimaram os debates sobre a necessidade de reduzir essa dependência. Apesar da retórica sobre a diversificação de mercados, o Canadá é ainda mais dependente do mercado dos EUA hoje do que há 10 anos, como resultado da criação do NAFTA, em 1994, e sua atualização, conhecida como CUSMA no Canadá, que entrou em vigor em 2020.

Principais exportadores de produtos agropecuários para o Canadá 2023



Fonte: TRADEMAP
Elaboração: Adidância Agrícola em Ottawa

Unidade (gráfico): US\$ x 1000

Como resultado desse acordo, combinado com o fato de que 90% da população canadense vive a menos de 240 km (150 milhas) da fronteira seca de mais de 8 mil quilômetros que divide os dois países, as cadeias produtivas de inúmeros produtos são extremamente integradas.

No setor de carne suína, análise do Farm Credit Canada aponta que o Canadá exporta 22% de sua produção total de suínos, sendo que as exportações para os EUA representam 99% do total. Sessenta por cento, ou quatro milhões de suínos por ano, são desmamados e vendidos para os EUA para engorda e abate. Um quarto das exportações são de animais prontos para o abate, e esse número tem aumentado nos últimos quatro anos devido à perda contínua da capacidade de processamento no Canadá, onde diversas plantas foram fechadas.

Somente a província de Manitoba envia cerca de três milhões de leitões por ano para produtores em Iowa, Minnesota, Dakota do Sul e Nebraska, onde os custos de alimentação são menores e os animais são engordados para o abate. Após o processamento, a carne suína segue para compradores nos EUA ou é reexportada para o Canadá. Não há fazendas canadenses suficientes para engordar os leitões até o peso de abate, e os fazendeiros americanos dependem dos leitões

canadenses porque não há número suficiente de animais nascidos nos EUA. Isso significa que o comércio de leitões provavelmente continuará no curto prazo, mesmo que as tarifas sejam impostas.

Essa incerteza com relação ao futuro, entretanto, tende a impactar a decisão de produtores, pressionados pelo aumento de custos e redução na rentabilidade da atividade, reforçando a tendência de redução dos rebanhos e dos abates observadas nos últimos anos no mercado Canadense.



CHILE

EXPORTAÇÃO DE PETCHEWS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NO COMÉRCIO BRASIL-CHILE.

Número: SANTI-03-2025

Data: 13/02/2025

Posto: Santiago/República do Chile

Palavras-chave: "pet chews", mastigáveis para animais de companhia, animais de companhia (cães e gatos), Chile.

Responsável: Rodrigo do Espírito Santo Padovani

SUMÁRIO: O artigo discute a produção de "pet chews" no Brasil, destacando a abundância de matéria-prima e os mercados atuais de exportação (EUA, Canadá, União Europeia e Austrália). Com aproximadamente 80 estabelecimentos registrados no MAPA, o Brasil está bem posicionado para produzir e exportar esses produtos. O objetivo principal do artigo é mostrar aos exportadores brasileiros as oportunidades de ampliar as vendas de mastigáveis para animais de companhia destinada ao mercado chileno, aproveitando o crescimento desse setor neste país e as facilidades logísticas envolvidas. Além disso, destaca-se a sustentabilidade do ciclo de produção e o aumento na população de animais de companhia (cães e gatos), fatores que podem impulsionar ainda mais esse mercado.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



38



39

Contexto da produção de “pet chews” no Brasil.

Os “pets chews”, ou alimentos mastigáveis para animais de companhia, são produtos geralmente feitos de subprodutos de origem animal, podendo conter ingredientes de origem vegetal. Destinam-se exclusivamente aos animais de companhia, com o objetivo de auxiliar na higiene bucal, mas principalmente de proporcionar diversão e alívio ao tédio e a ansiedade. Esses produtos não devem ser confundidos com alimentos, pois possuem valor nutricional desprezível.

Embora não existam dados estatísticos oficiais precisos sobre o volume de produção e comércio de “pet chews” no Brasil, sabe-se que o país é um grande fabricante desses produtos. Isso se deve à abundância de matéria-prima disponível, como peles, ossos, vergalhos, tendões, ligamentos, cartilagens e orelhas, que são partes anatômicas e tecidos provenientes do abate de bovinos e suínos não utilizados para alimentação humana.

Atualmente, existem aproximadamente 80 (oitenta) estabelecimentos produtores com registro ativo no Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA). Além disso, tradicionalmente, a pauta exportadora de alimentos mastigáveis para animais de companhia se concentra em 4 mercados: Estados Unidos, Canadá, União Europeia e Austrália.

Existem diversos fatores que oportunizam o Brasil ampliar as exportações e diversificar os clientes estrangeiros.

Risco sanitário desprezível.

No processo de fabricação os “pet chews” derivados de origem animal são produtos submetidos à ciclos de tratamentos térmico por diversas horas e que no final atingem na estufa altas temperaturas (superiores à 100° C), com o propósito de dessecar e dar forma ao produto final. Geralmente, são comercializados com atividade de água (Aw) inferior a 6,0. Esta condição assegura a termoestabilidade inibe significativamente o crescimento microbiano, tornando-o um produto de baixo risco sanitário. Este é um fator que, de modo geral, facilita o acesso a novos mercados.

Ciclo de produção sustentável e vinculado ao conceito de “economia circular”.

A fabricação de “pet chews” derivados de origem animal, por si só, se relaciona com o conceito de sustentabilidade. Afinal, esses produtos são geralmente derivados de partes anatômicas descartadas naturalmente do processo de abate, que se não processadas adequadamente gerariam resíduos que impactariam no meio ambiente. Em contrapartida, esta rota alternativa de produção de produtos mastigáveis para animais de companhia, possibilita o processamento desta matéria orgânica bruta sem valor econômica em produtos de interesse para os proprietários de cães e gatos, além de contribuir também para geração de emprego.

Ampliação da população de cães e gatos em países desenvolvidos e com economia em desenvolvimento.

De acordo com o relatório "Global Pet Economy 2024" da Bloomberg Intelligence (BI), o fortalecimento de mercados emergentes da América Latina e um segmento de saúde em crescimento podem aumentar a economia global de animais de companhia em 5-6%, alcançando mais de \$380 bilhões (€352 bilhões) em 2025. Uma população maior de "pets" e a contínua humanização podem elevar esse valor para mais de \$500 bilhões (€463 bilhões) até 2030 ^(1,2).

Facilidade logística para o transporte e o comércio no varejo.

A facilidade logística para o transporte e o comércio no varejo de produtos mastigáveis para animais de companhia é um fator crucial para cooperar com o sucesso desse mercado. Esses produtos são termoestáveis e possuem um extenso prazo de validade, o que facilita a sua preservação durante o transporte e armazenamento. A estabilidade térmica assegura que as características de qualidade dos "pets chews" sejam mantidas, mesmo quando expostos a variações de temperatura durante a logística.

Com um prazo de validade prolongado, os produtos mastigáveis podem ser distribuídos de maneira eficiente, alcançando diversas regiões sem perder suas propriedades. Isso se traduz em uma maior flexibilidade para os comerciantes, que podem planejar e gerenciar seus estoques de maneira mais eficaz, evitando desperdícios e garantindo a disponibilidade contínua dos produtos para os consumidores.

Oportunidades no Chile para exportações de "pet chews"

O mercado de cuidados com animais de companhia no Chile está em franca expansão. Em 2024, o valor do mercado chegou a incríveis USD 1,9 Bilhão ⁽³⁾, refletindo o aumento significativo na posse de animais de estimação. Esse crescimento é impulsionado pela mudança nas percepções sobre os "pets", que são vistos cada vez mais como membros da família. Com isso, a demanda por produtos e serviços para o bem-estar dos animais também cresce, desde alimentos de alta qualidade, produtos mastigáveis, brinquedos e acessórios.

Além disso, um estudo realizado pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade do Chile realizado em 2022, registrou que há cerca de 12,5 milhões de cães e gatos com donos no país e outros 4 milhões sem supervisão. Esse aumento na posse de animais de estimação faz parte de uma tendência observada em países com economias em desenvolvimento, onde se observa uma redução gradual da taxa de natalidade, principalmente nas classes média e alta, sendo esse o caso do Chile ⁽⁴⁾.

Outro aspecto mercadológico relevante é a alternância entre Brasil, Argentina e Estados Unidos como principais fornecedores de alimentos para animais de companhia no mercado chileno. Essa conjuntura sugere uma oportunidade significativa para o Brasil. O comércio de "pet food" de alta qualidade tende a impulsionar a demanda por produtos complementares, como mastigáveis, que se tornam parte integral do cuidado e alimentação dos animais de estimação. Portanto, o Brasil pode aproveitar essa dinâmica de mercado para consolidar sua presença no



40



setor de “pet care” no Chile, investindo e ampliando as exportações de “pet chews”, potencialmente alcançando uma posição de liderança neste segmento específico.

Por fim, registra-se que, do ponto de vista sanitário, não há complexidade para exportar alimentos mastigáveis para animais de companhia para o Chile, na medida em que não é requerido a habilitação de estabelecimentos para exportação deste tipo de produto pelo Servicio Agrícola y Ganadero (SAG), órgão federal competente por proteger a sanidade animal no país.



41

Considerações finais

Os exportadores brasileiros podem aproveitar a conjuntura favorável mencionada de várias maneiras para ampliar suas exportações de “pet chews” para o Chile:

Investir na Promoção de Produtos de Alta Qualidade:

Aproveitar a crescente demanda por alimentos para animais de companhia de alta qualidade e destacar os benefícios dos “pets chews” brasileiros. Promover as características de segurança e sustentabilidade desses produtos, ressaltando a sua produção a partir de subprodutos animais e sua contribuição para a economia circular.

Expandir a Rede de Distribuição:

Estabelecer parcerias estratégicas com distribuidores locais no Chile para garantir a ampla disponibilidade dos produtos em lojas especializadas e supermercados. Isso pode incluir acordos de exclusividade ou colaborações com marcas locais já consolidadas no mercado.

Investir em Marketing e Educação do Consumidor:

Desenvolver campanhas de marketing que educam os consumidores chilenos sobre os benefícios dos “pets chews” para a saúde e bem-estar dos animais de estimação. Utilizar mídias sociais, influenciadores do setor pet, e eventos promocionais para aumentar a conscientização e atrair novos clientes.

Ao implementar essas estratégias, os exportadores brasileiros podem fortalecer sua presença no mercado chileno e consolidar sua posição como fornecedores líderes de “pet chews”. Isso não só contribuirá para o crescimento das exportações, mas também fortalecerá as relações comerciais entre Brasil e Chile, contribuindo para o desenvolvimento econômico sustentável em ambos os países.





CHINA

INVESTIGAÇÃO SOBRE MEDIDAS DE SALVAGUARDA PARA A CARNE BOVINA IMPORTADA PELA CHINA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O BRASIL

Número: PEQ-01-2025

Data: 07/02/2025

Posto: Pequim/China

Palavras-chave: carne bovina; medidas de salvaguarda; tarifas; geopolítica; China; Brasil; EUA

Responsável: Jean Felipe Celestino Gouhie

SUMÁRIO: O Brasil mantém sua posição como principal fornecedor de carne bovina para a China. Em 2024, apesar da queda geral nas importações chinesas de produtos agropecuários, a carne bovina registrou crescimento em volume. No entanto, a investigação chinesa sobre possíveis impactos das importações de carne bovina na indústria local pode levar à adoção de medidas de defesa comercial, aumentando a incerteza para os exportadores brasileiros. Além disso, a busca da China por autossuficiência agrícola reforça a necessidade de diversificação de mercados e monitoramento constante das negociações internacionais.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE
NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



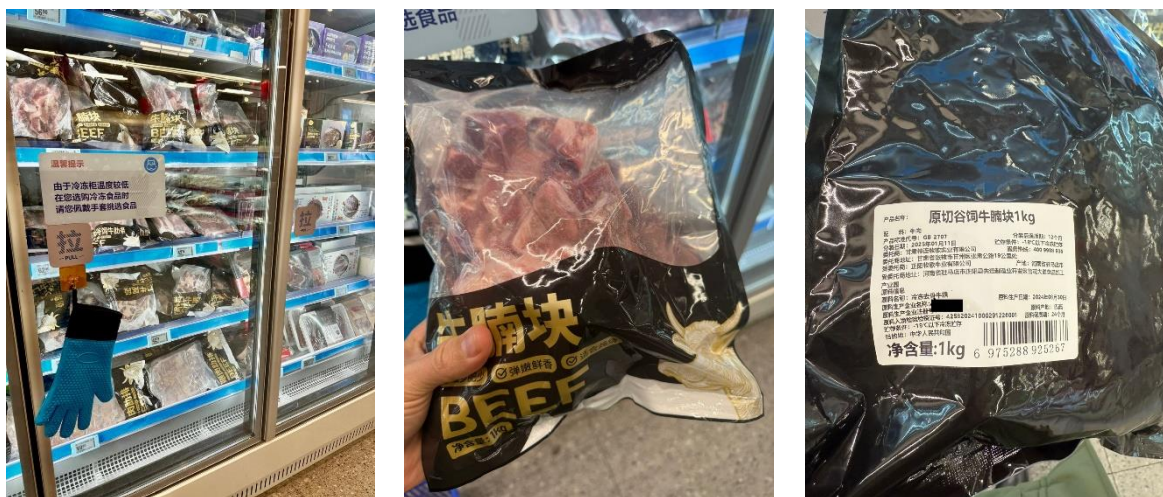


43

Participação da carne bovina brasileira no mercado chinês

O Brasil consolidou-se como um dos principais atores globais no comércio de carne bovina, destacando-se não apenas pela sua vasta produção, mas também pela qualidade e competitividade de seus produtos. O setor pecuário é um dos pilares do agronegócio brasileiro, contribuindo significativamente para a economia nacional e gerando milhões de empregos diretos e indiretos. No cenário internacional, o país se sobressai como o maior exportador mundial de carne bovina, atendendo à crescente demanda por proteína animal.

Figura 1: Carne bovina congelada, de origem brasileira, a venda em uma das maiores redes de supermercado da China



Fonte: Imagens do autor, 2025

Entre os mercados estratégicos para o Brasil, a China ocupa uma posição de destaque, sendo, há anos, o principal destino das exportações brasileiras do setor. Essa relação comercial, fortalecida por sucessivos aumentos nas compras chinesas, traz grandes oportunidades para o Brasil, mas também ressalta a necessidade de diversificação, uma vez que o volume exportado para o país asiático representa uma parcela significativa do total comercializado pelo Brasil no exterior.



Gráfico 1: Diversificação de mercado para carne bovina exportada pelo Brasil em 2023



Em 2024, as importações chinesas de produtos agrícolas provenientes do Brasil totalizaram USD 52,57 bilhões, registrando uma queda de 10% em relação ao ano anterior, segundo dados da Administração Geral de Aduanas da China (GACC). Essa retração reflete um cenário de ajustes no comércio agrícola, afetando diferentes segmentos. Enquanto as importações chinesas de carne e miúdos de aves caíram 27% em volume e as de carne suína retraíram 31,8%, a carne bovina seguiu na contramão dessa tendência, registrando um crescimento de 5% em volume. O total importado pelo país asiático passou de 2,7 milhões de toneladas em 2023 para 2,9 milhões de toneladas em 2024, ainda que o valor total das compras tenha recuado 4%, de USD 14,2 bilhões para USD 13,7 bilhões.

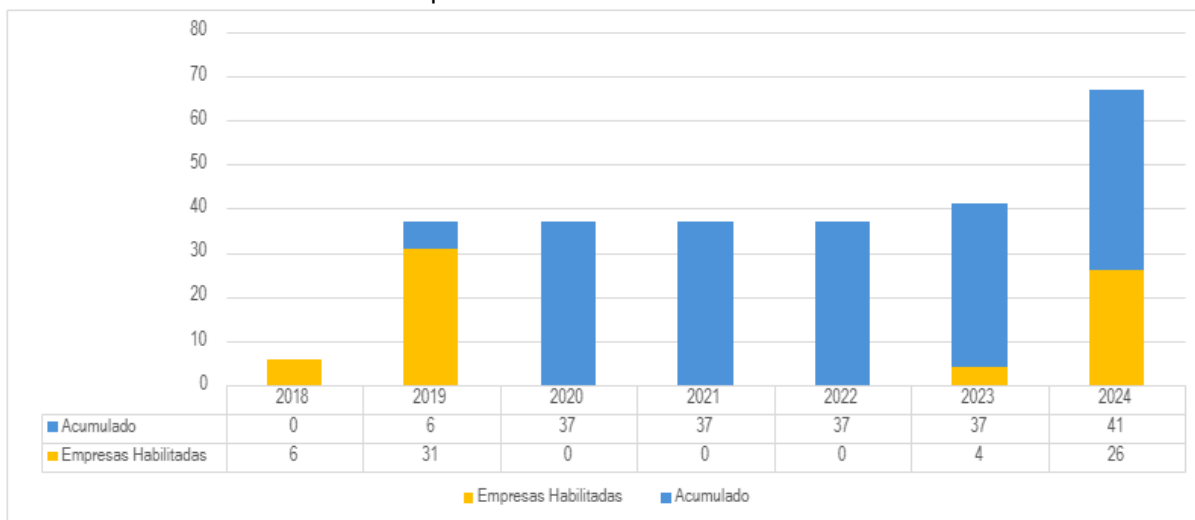
O Brasil manteve-se como o principal fornecedor de carne bovina para a China, ampliando sua participação no mercado de 43% para 47% em volume e de 42% para 45% em valor. Atualmente, o país absorve mais de 50% do volume total exportado de carne bovina brasileira, evidenciando a importância do mercado chinês para o setor. Esse crescimento reforça a posição do Brasil como um parceiro estratégico da China no fornecimento de proteína animal, mas também ressalta a concentração das exportações em um único destino, o que pode representar desafios a longo prazo.

Atualmente, 67 empresas brasileiras estão habilitadas a exportar carne bovina para a China, demonstrando o contínuo esforço do setor em atender às exigências sanitárias e comerciais impostas pelo mercado chinês.



45

Gráfico 2: Evolução do quantitativo de empresas brasileiras habilitadas a exportar carne bovina para a China entre 2018 e 2024



Fonte: Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal (SIGSIF 2025)

Medidas de salvaguarda e impactos no comércio

Em dezembro de 2024, a China iniciou uma investigação para avaliar se o crescimento das importações de carne bovina estaria prejudicando sua indústria doméstica. Segundo a *China Animal Husbandry Association*, as importações desse produto tiveram um aumento expressivo nos últimos anos, representando 36,4% da produção nacional em 2023. Esse incremento teria provocado a queda dos preços internos causando danos aos produtores locais.

O regulamento chinês sobre medidas de salvaguarda estabelece que, caso seja comprovado um impacto negativo sobre a indústria doméstica, o governo poderá adotar medidas como o aumento de tarifas e restrições quantitativas. Tais ações podem afetar não só o Brasil, mas também outros grandes exportadores e concorrentes, como Argentina, Estados Unidos (EUA) e Austrália. Assim, a implementação de barreiras comerciais pode impactar significativamente os preços e o planejamento de produção no Brasil.

O prazo previsto para a investigação é de oito meses, quando podem ser adotadas as medidas definitivas. Há a possibilidade de aplicação de tarifas preliminares durante o prazo da investigação caso a parte chinesa julgue necessário para proteger o setor.

Contexto da guerra comercial entre China e EUA

Em meio a esse cenário, o comércio global de carnes enfrenta certa instabilidade. Recentemente, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou a intenção de aplicar tarifas sobre produtos chineses. Como resposta, a China anunciou tarifas sobre alguns produtos dos



Estados Unidos, incluindo máquinas agrícolas. Essa guerra comercial pode gerar instabilidade nos mercados globais e impactar o fluxo de carnes, favorecendo ou prejudicando o Brasil, a depender do cenário. Destaque-se que foi no contexto do primeiro governo Trump que os EUA conseguiram maior acesso ao mercado chinês de carne bovina por meio do chamado "Phase One Agreement".



46

Iniciativas internas na China: a busca por autossuficiência

Durante uma reunião anual de políticas rurais, realizada em dezembro de 2024, autoridades chinesas destacaram a necessidade de acelerar a modernização agrícola e rural no país. O objetivo seria garantir uma produção estável e reduzir a dependência de importações, reafirmando a determinação do país em se transformar em uma "potência agrícola". Esse movimento é especialmente relevante diante das crescentes tensões comerciais com parceiros como Estados Unidos, Canadá e União Europeia.

No setor de proteínas animais, de acordo com estatísticas do Bureau Nacional de Estatísticas da China, em 2024, a produção de carne suína caiu (-1,5%), enquanto a produção de carne bovina (+3,5%) e de aves (+3,8%) apresentou crescimento.

Em anos recentes a produção de carne bovina tem crescido consistentemente:

- 2024: 7.79 milhões de toneladas (+3.5%)
- 2023: 7.53 milhões de toneladas (+4.8%)
- 2022: 7.18 milhões de toneladas (+3%)
- 2021: 6.98 milhões de toneladas (+3.8%)
- 2020: 6.72 milhões de toneladas (+0.7%)
- 2019: 6.67 milhões de toneladas (+3,6%)

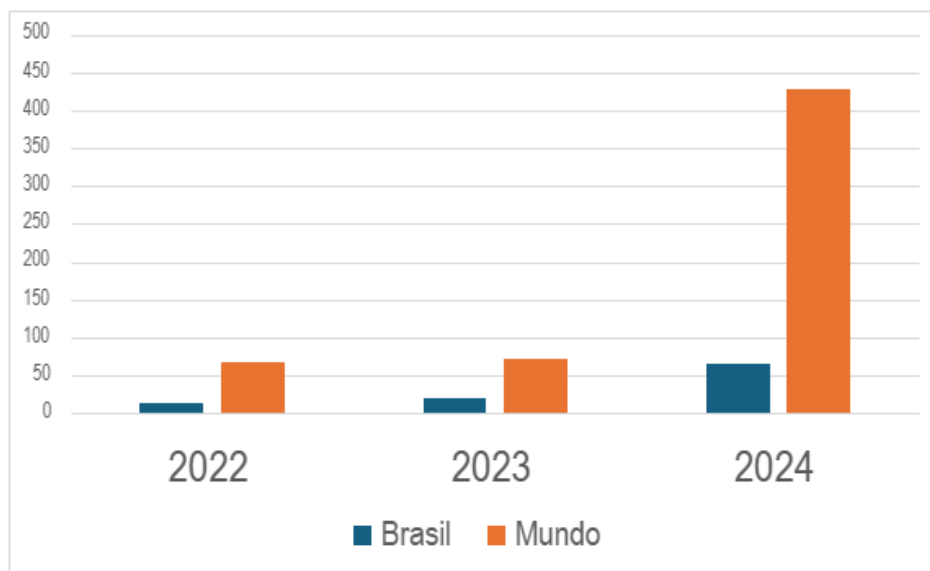
Rejeições de importações em portos chineses e demais medidas/investigações em curso para produtos cárneos

Dados dos relatórios mensais disponibilizados pela GACC revelam um expressivo aumento nas rejeições de importações de carne bovina durante 2024. Foram recusadas 429 remessas de carne bovina e derivados, superando significativamente as contagens dos anos anteriores, quando as rejeições eram de aproximadamente 70 cargas. Não foram identificados aumentos tão significativos relacionadas as cargas de carne suína e de aves.





Gráfico 3: Rejeições de carregamentos de carne bovina e derivados pela alfândega chinesa entre 2022 e 2024



Fonte: Relatórios mensais da alfândega chinesa (GACC)

As principais justificativas para tais rejeições foram problemas na documentação dos embarques e, em alguns casos, questões sanitárias, como a detecção de antiparasitários (por exemplo, o Fluazuron). Não foram identificadas alterações substanciais nas normativas relacionadas a procedimentos de monitoramento e fiscalização de cargas em portos chineses.

Está em curso, na China, uma investigação antidumping sobre as importações de carne suína e seus subprodutos provenientes da União Europeia (UE). A investigação tem previsão de conclusão até junho de 2025. Durante esse período, as exportações europeias de carne suína para a China continuarão sem tarifas adicionais. Contudo, caso sejam confirmadas práticas de dumping, medidas antidumping provisórias, como a imposição de tarifas adicionais ao praticado atualmente, poderão ser implementadas para proteger os produtores domésticos, sendo mais um fator a ser analisado no cenário do comércio de carnes global.

Possíveis impactos na habilitação de novas empresas

Além dos potenciais efeitos diretos sobre as exportações de carne bovina, a investigação de salvaguarda e o cenário de instabilidade global podem impactar o ritmo de habilitação de novas plantas frigoríficas de carne bovina, incluindo as brasileiras, para exportação à China. Neste contexto, os processos de análise e aprovação dessas unidades podem sofrer atrasos, afetando negativamente as expectativas de expansão do setor.



Conclusões

As investigações chinesas sobre as importações de carne bovina, combinadas com a guerra comercial com os EUA, configuram um cenário de incerteza para o Brasil. Por um lado, existe a possibilidade de aumento da competitividade da carne brasileira em comparação com seus principais concorrentes; por outro, medidas de defesa comercial podem limitar o número de plantas frigoríficas habilitadas e o crescimento das exportações. Dessa forma, o monitoramento contínuo das negociações internacionais e, em especial, a diversificação de mercados se mostram estratégias essenciais para mitigar os riscos aos produtores brasileiros de carne bovina.



48



COREIA DO SUL



ABERTURA DO MERCADO SUL-COREANO PARA PENAS DE AVES: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA O SETOR

Número: SEUL-03-2025

Data: 05/02/2025

Posto: Seul/Coreia do Sul

Palavras-chave: Penas de aves; Abertura de mercado

Responsável: Ricardo Zanatta Machado, Rodrigo Braune Wanderley

SUMÁRIO: As autoridades sanitárias do Brasil e da Coreia do Sul acordaram Certificado Sanitário para a exportação de penas de aves do Brasil para a Coreia do Sul. Dessa forma, os exportadores brasileiros já podem exportar seus produtos para esse mercado que importou, em 2024, US\$ 27,9 milhões. Os maiores desafios para o exportador brasileiro serão as desvantagens tarifárias e a localização geográfica desfavorável, quando comparados aos principais exportadores do produto para a Coreia do Sul.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Em 24 de fevereiro de 2025, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e a autoridade sanitária sul-coreana, a Agência de Quarentena Animal e Vegetal (APQA), acordaram um Certificado Sanitário para a exportação de penas de aves do Brasil para a Coreia do Sul.

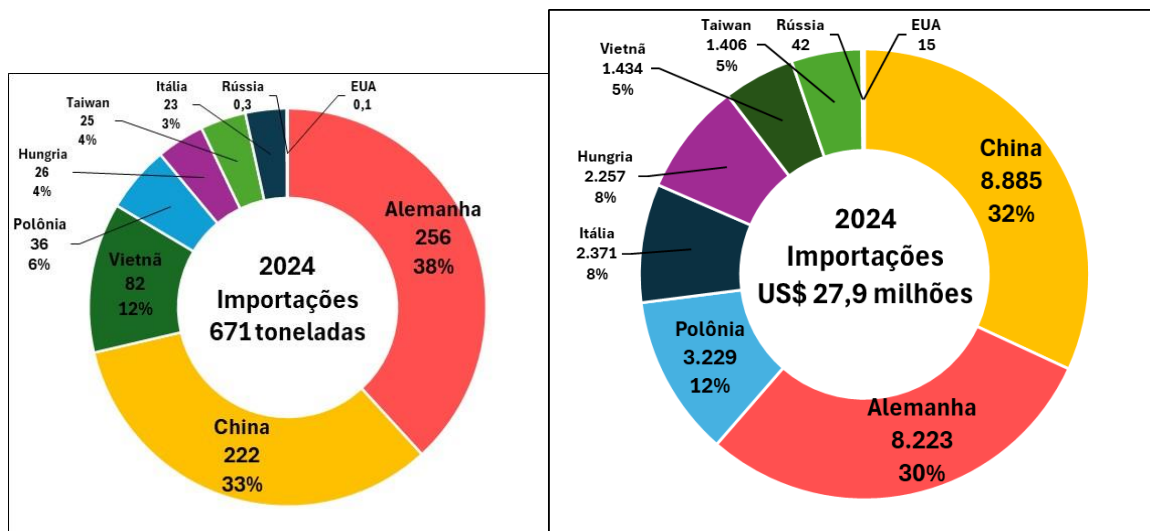


O produto – que tem diversos usos industriais, incluindo a fabricação de almofadas, travesseiros, roupas de cama e estofados, além de ser utilizado como matéria-prima em produtos de isolamento térmico e acústico – pode ser exportado pelo Brasil se atendidos os seguintes requisitos técnicos:

1. As penas foram submetidas a:
 - a. Tratamento térmico equivalente ou superior a 60°C por 507 segundos, 65°C por 42 segundos, 70°C por 3,5 segundos, ou 73.9°C por 0,51 segundos, com base na temperatura no núcleo, e este produto não apresenta risco de disseminação de patógenos de doenças infecciosas em animais;
 - b. Lavagem e secagem a vapor a 100°C por 30 minutos.

As importações sul-coreanas de penas de aves representam um mercado de cerca de US\$ 27,9 milhões e 671 toneladas (HS 050510, dados de 2024). O gráfico 1, abaixo, mostra os principais fornecedores do produto para o mercado sul-coreano e sua participação no mercado.

Gráfico 1. Importações sul-coreanas de penas de aves (HS 050510), em 2024, em volume (toneladas) e em valor (mil dólares)



Fonte: Customs Korea (2025)





Um dos principais desafios para os exportadores brasileiros será superar as desvantagens tarifárias (conforme detalhado na tabela 1, abaixo), além dos custos logísticos e de frete, quando comparados aos dos principais exportadores, que se beneficiam de vantagens tarifária e localização geográfica mais favorável em relação ao Brasil.

Tabela 1. Tarifas de importação para penas de aves (HS 050510)

País/Bloco econômico	Tarifa aplicada
China, países da UE, Vietnã	0%
Brasil, Rússia, Taipei (Tarifa NMF)	3%

Fonte: Customs Korea (2025)

Para facilitar o contato dos exportadores brasileiros, a Adidância Agrícola do Brasil em Seul elaborou a Tabela 2, abaixo, com dados de potenciais importadores sul-coreanos do produto:

Tabela 2. Principais importadores sul-coreanos de penas de aves (HS 050510)

Nome	Telefone	Website	E-mail
Samjeong Clean Master	82-31-997-7829	http://www.samjeongcm.co.kr	samjeong@samjeongcm.co.kr
GALIM TRADING	82-2-3142-3660	http://www.galimltd.com	djdjdj22@hanmail.net
DAUM & QQ	82-2-3471-3047	http://www.dgg.co.kr	daum11@kotis.net , daum13@downbank.net
Pakers International	82-2-3662-3974	http://www.parkers.co.kr	eric@parkers.co.kr
Coco International	82-1566-6666	http://www.1566-6666.com/	cokoinc@naver.com
Daeil Hair Products	82-32-327-8951	http://www.daeilhairproducts.co.kr	daeilwing@unitel.co.kr
Gwangyang Feather	82-2-518-7100	http://imarumo.com	hsshim@gyf.co.kr
TP Inc	82-2-3494-9000	https://tp-inc.com/	tp@tp-inc.com
Prauden	82-2-3494-9999	https://prauden.co.kr/	down@prauden.co.kr
Miro Brush	82-32-675-0376		miro7840@hananet.net , miro7840@hanmail.net
DUKYOUNG	82-2-2665-7991		dukyoung1@hanmail.net
Kumkang Trading	82-2-2267-7610		KKTco@chollian.net
WONU DNG	82-2-719-1515		nahj85@nate.com
Kijoo Enterprise	82-2-2253-8577		kijootrade@hotmail.com , kijootrade@yahoo.co.kr
Ducksu Down Trading	82-2-785-4530		dsdown@kornet.net
Global Materials	82-31-601-8239		ampga7@naver.com
A & C COLLECTIVE	82-2-3446-4416		oulee@hanmail.net , anc-lee@hanmail.net
Snow Down	82-2-437-2944		duckdown@unitel.com , snowdownco@yahoo.co.kr
Chunghan Industrial	82-2-849-2101		
Sun Trading	82-2-492-9873		

Fonte: Site da Associação de Importadores da Coreia do Sul (KOIMA) e buscas na internet (2025)



A íntegra do Certificado acordado pode ser consultada no [Painel de Certificados para a Exportação](#) de animais vivos, material de multiplicação animal e subprodutos de origem animal.

Como não há exigência de habilitação específica para os estabelecimentos que exportam esse produto, as penas de aves já podem ser exportadas do Brasil para a Coreia do Sul, representando mais uma oportunidade de negócio para o setor agropecuário brasileiro.



COSTA RICA

POTENCIAL PARA CARNE SUSTENTÁVEL E DE VALOR AGREGADO NA COSTA RICA

Número: SAO/03/2025

Data: 10/02/2025

Posto: San Jose- Costa Rica

Palavras-chave: carne bovina; sustentabilidade; oportunidade de mercado

Responsável: Priscila Rech Pinto Moser

SUMÁRIO: A Costa Rica é uma economia em ascensão. A população está receptiva a novas empresas e produtos, conhecem as tendências estrangeiras e valorizam a boa qualidade dos produtos. Os atributos de sustentabilidade também são muito apreciados pelos consumidores e práticas sustentáveis na produção de carne bovina têm sido crescentes na última década. O objetivo deste Agroinsight é demonstrar o crescimento deste mercado de maior valor agregado no país e motivar melhores decisões de negócios na Costa Rica, que só poderão ser concretizadas após o acordo dos certificados sanitários entre os países e a abertura do mercado costarricense.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



54

A Costa Rica é um país com uma população aproximada de 5 milhões de habitantes, com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 64,28 bilhões, sendo um PIB per capita relativamente elevado de US\$ 18.461 (2024). Destaca-se o perfil turístico do país, que recebeu aproximadamente 2,6 milhões de turistas em 2024.

De acordo com o Banco Mundial, a Costa Rica tem sido, em muitos aspectos, uma história de sucesso em termos de desenvolvimento. É um país membro da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) desde 2021, que tem uma trajetória única apoiada por uma longa tradição de estabilidade democrática e institucionalidade, com uma reputação de destaque como líder em desenvolvimento sustentável.

Essas conquistas acontecem enquanto o país trabalha para fortalecer sua situação macroeconômica, com crescimento médio de mais de 3% na última década, chegando a 5,1% em 2023, superando as expectativas. Esse crescimento foi ancorado em um modelo voltado para o exterior que direcionou com sucesso o investimento estrangeiro e promoveu a liberalização gradual do comércio.

O país possui uma localização estratégica, uma grande maioria de pessoas na classe média e uma procura de produtos de qualidade. A população está receptiva a novas empresas e produtos, conhecem as tendências estrangeiras e valorizam a boa qualidade dos produtos.

A Costa Rica tem se consolidado como um país dotado de recursos naturais, uma democracia sólida e uma base social e produtiva valiosa. Dessa forma, o país tem adotado a estratégia de não produzir commodities para competir nos mercados internacionais, considerando a maior oferta de países maiores com vantagens comparativas. Os compromissos ambientais e a capacitação para lidar com as mudanças climáticas têm sido a base para a definição de programas como a descarbonização da economia e as Ações de Mitigação Nacionalmente Apropriadas (NAMAs), incluindo a NAMA da Pecuária e do Café.

A pecuária tem sido uma atividade fundamental no âmbito econômico e cultural do país, sendo uma das principais atividades da indústria agrícola, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento econômico rural, incluindo a sua inserção nos mercados externos. De acordo com os resultados do Inquérito Agrícola Nacional, estima-se que a atividade no país durante o ano de 2021 atingiu 1.621.727 cabeças de gado, das quais 63,2% são destinadas à produção de carne.

As práticas de pecuária sustentável na Costa Rica expandiram-se nos últimos dez anos, sendo o pastoreio rotativo, a conservação das árvores em pastagens, sistemas silvipastoris, e o uso de sistemas de água limpa para o gado, alguns dos programas mais difundidos. As práticas adotadas indicam o potencial do setor pecuário em produzir produtos diferenciados.

Os estabelecimentos no país, tais como, açougues, boutique de carnes e mercados, têm se esforçado para se vincular mais a produção primária e escolher o produto que se adapta às preferências de seus compradores. Adicionalmente esses estabelecimentos valorizam negócios estáveis, fornecedores confiáveis, que garantem uma oferta e qualidade contínua. Os atributos de sustentabilidade também são muito apreciados pelos consumidores, movimento que vem crescendo juntamente com demandas por produtos orgânicos.

Um estudo realizado pelo Servicios Internacionales para el Desarrollo Empresarial (SIDE) indica que a qualidade do produto é um fator determinante na decisão de compra, sendo que no caso da carne ela é mais significativa. Neste caso, 85% dos entrevistados indicaram que a qualidade está em primeiro lugar, seguida pelo preço (35%) e pelas considerações ambientais (25%). A mensagem para os produtores, fornecedores e a indústria é que a qualidade deve ter mais peso em suas decisões.

Destaca-se que o acordo sanitário entre o Brasil e Costa Rica encontra-se em negociação, portanto o mercado costarricense está fechado às carnes bovinas oriundas do Brasil, não obstante, o objetivo deste Agroinsight é demonstrar o crescimento deste mercado de maior valor agregado no país e motivar melhores decisões de negócios na Costa Rica, que só poderão ser concretizadas após a abertura deste mercado.

Referências:

Estudo realizado pela equipe de consultoria do *Servicios Internacionales para el Desarrollo Empresarial* (SIDE) para o Programa de Apoio ao Aumento da Ambição Climática no Uso da Terra e na Agricultura por meio de Contribuições Nacionalmente Determinadas e Planos Nacionais de Adaptação (SCALA), implementado pela FAO e pelo PNUD na Costa Rica.

Conclusão:

A Costa Rica é uma economia em ascensão. A população está receptiva a novas empresas e produtos, conhecem as tendências estrangeiras e valorizam a boa qualidade dos produtos. Os atributos de sustentabilidade também são muito apreciados pelos consumidores, movimento que vem crescendo juntamente com o aumento da demanda por produtos orgânicos. As práticas sustentáveis na produção de carne bovina têm sido crescentes na última década. Destaca-se que o acordo sanitário entre o Brasil e Costa Rica encontra-se em negociação entre os órgãos responsáveis, portanto, o mercado costarricense está fechado às carnes bovinas oriundas do Brasil, não obstante, o objetivo deste Agroinsight é demonstrar o crescimento deste mercado de maior valor agregado no país e motivar melhores decisões de negócios na Costa Rica.

EGITO

56

MERCADO EGÍPCIO PARA CARNES DE BOVINOS E BUBALINOS

Número: CAI-04-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Cairo/Egito

Palavras-chave: exportação; carnes; bovinos; bubalinos; segurança alimentar

Responsável: Rafael Mohana de Carvalho Refosco

SUMÁRIO: O mercado de carnes de bovinos e bubalinos no Egito testemunhou um crescimento modesto nos últimos anos devido a diversos fatores, tais como a mudança nas preferências dos consumidores, o aumento da consciência sobre a saúde e a conveniência da compra de carnes *online*. Embora os submercados de carne fresca, carne processada e substitutos de carne contribuam para o mercado global, as suas taxas mínimas de crescimento são impactadas pela flutuação dos preços e pela disponibilidade limitada de produtos de alta qualidade.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

O mercado de carnes abrange carnes de origem animal (animais domésticos e selvagens) e não animal (*"plant based"*), que são compradas e consumidas para fins nutricionais.



57

Estrutura

O mercado consiste em 3 (três) submercados diferentes:

- O mercado de "Carne Fresca" abrange carnes de animais domésticos e selvagens, fresca, refrigerada ou congelada. Este mercado está dividido em cinco submercados: carne bovina, suína, ovina, caprina, e aves e outras carnes frescas;
- O mercado de "Carne Processada" abrange todos os tipos de carnes que foram secas, salgadas ou defumadas. Este segmento está dividido em três subsegmentos: produtos cárneos frios e assados; presunto e bacon; e embutidos;
- O mercado de "Substitutos de Carne" abrange itens alimentares substitutos de carne, criados a partir de componentes vegetarianos ou veganos (*"plant based"*).

Escopo

SH6	Descrição SH6
020230	Carnes de bovino, desossadas, congeladas

Mercado de carnes no Egito

- Preferências dos clientes: o aumento da consciência sobre a saúde e a crescente consciência do impacto ambiental das escolhas alimentares levaram a uma mudança voltada para dietas baseadas em vegetais no Egito. Com uma grande população muçulmana, a procura por opções "*Halal*" no mercado de carnes também aumentou. Além disso, há um interesse crescente em produtos cárneos de origem sustentável e criados de forma ética. Esta tendência também se reflete no aumento de lojas especializadas em carnes e serviços de entrega *online* de produtos de carne orgânica de alta qualidade. À medida que os consumidores se tornam mais conscientes das suas escolhas alimentares, tem-se a expectativa de que estas tendências continuem a impulsionar o crescimento do mercado de carnes no Egito;
- Tendências do mercado: no Egito o mercado de carnes está passando por mudanças, no sentido da procura por opções mais saudáveis e sustentáveis. Há uma tendência crescente de alternativas à carne, em especial as opções à base de plantas (*"plant based"*), impulsionada pelas preocupações dos consumidores sobre a saúde e os impactos ambientais. Além disto, há um aumento na demanda por produtos cárneos de origem local (*"buy local"*) e criados de forma ética. Estas tendências são significativas, pois refletem uma mudança na mentalidade do consumidor e têm o potencial de



perturbar os tradicionais métodos de produção e distribuição de carnes. As partes interessadas da indústria devem adaptar-se a estas tendências, diversificando as suas ofertas de produtos e implementando práticas sustentáveis para se manterem competitivas no mercado;

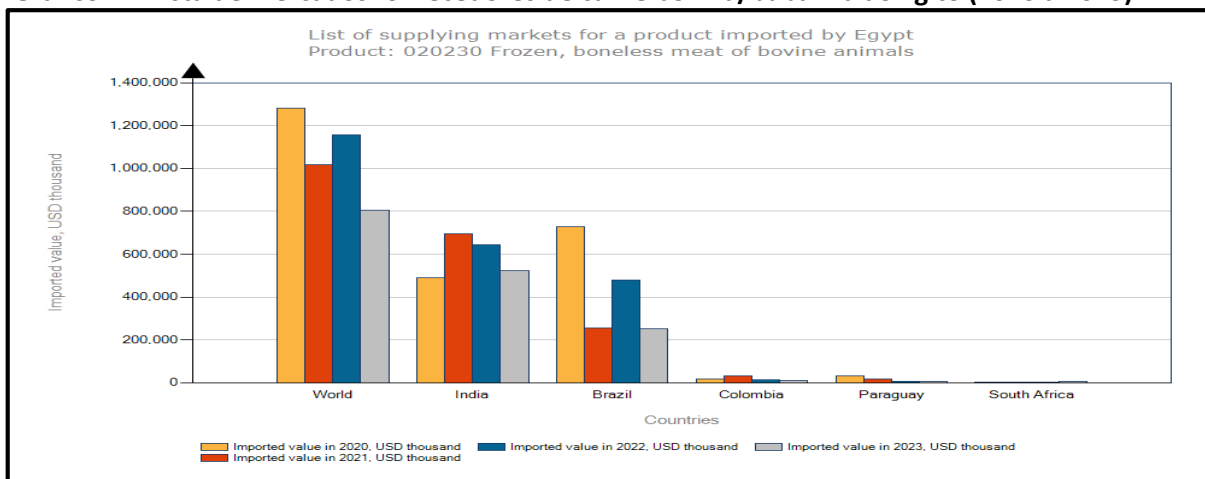
- Circunstâncias locais específicas: no Egito o mercado de carnes é fortemente influenciado pela localização geográfica do país, uma vez que está situado no coração do Oriente Médio. Isto resultou numa gama diversificada de produtos cárneos, com forte ênfase nos métodos tradicionais de preparação e cozimento. Além disto, as normas culturais e as leis dietéticas islâmicas desempenham um papel significativo na definição da procura por tipos específicos de carnes, como as opções “Halal”. Ademais, as regulamentações governamentais sobre importações e exportações de gado também têm impacto na dinâmica do mercado, criando oportunidades e desafios para os produtores e vendedores locais de carne;
- Fatores macroeconômicos subjacentes: o mercado de carnes no Egito é fortemente influenciado por fatores macroeconômicos, tais como a estabilidade econômica do país, políticas governamentais e investimentos no setor agrícola. Com a crescente procura de produtos à base de carne por parte da população em crescimento e as mudanças nas preferências alimentares, espera-se que o mercado de carnes do Egito experimente algum crescimento. No entanto, desafios como a inflação, a desvalorização cambial e a instabilidade política podem ter um impacto negativo no desempenho deste mercado. Além disto, a tendência global para uma produção de carne sustentável e ética também têm influenciado a procura dos consumidores e a dinâmica do mercado. Como resultado, as empresas do setor de carnes estão investindo em tecnologia e inovação para satisfazer estas novas preferências dos consumidores e permanecerem competitivas no mercado global;
- Mercado de carne de búfalos e tendências: o mercado global de carne de búfalos foi avaliado em aproximadamente US\$ 6,9 bilhões em 2022, e deverá crescer a uma taxa composta de crescimento anual (CAGR) de 4% no período de 2024 a 2030. A crescente demanda por carne magra, juntamente com a crescente conscientização sobre os benefícios da carne de búfalo para a saúde, está impulsionando este crescimento. A carne de búfalo é considerada mais saudável do que outras carnes vermelhas devido ao seu menor teor de gordura e colesterol, contribuindo para o seu consumo crescente, especialmente em mercados emergentes como a Índia, China e partes do Sudeste Asiático. Estas regiões dominam a produção e o consumo, e representaram mais de 70% do “market share” global em 2022. Além disso, os mercados de exportação de carne de búfalo, especialmente para o Oriente Médio e a América do Norte, estão se expandindo devido a uma preferência crescente por produtos de carne “Halal”. O valor do mercado deverá atingir US\$ 7,5 bilhões até 2030, com um crescimento significativo do consumo nacional e internacional.



De acordo com os dados de importação do Egito obtidos da plataforma *Volza* (Fonte: <https://www.volza.com/p/frozen-buffalo-meat/import/import-in-egypt/>), o Egito importou 4.379 contêineres de carne congelada de búfalo entre março de 2023 e fevereiro de 2024. Estas importações foram fornecidas por 42 exportadores estrangeiros a 477 compradores egípcios, marcando uma taxa de crescimento de 136%, em comparação com os doze meses anteriores. Neste período, somente em fevereiro de 2024, o Egito importou 351 contêineres de carne congelada de búfalo. Isto marca um crescimento anual de 39% em comparação ao mês de fevereiro de 2023, e um aumento sequencial de 24% em relação a janeiro de 2024. O Egito importa a maior parte da sua carne congelada de búfalo da Índia. Globalmente, os três principais importadores de carne congelada de búfalo são o Vietnã, a Malásia e o Egito. O Vietnã lidera no mundo as importações de carne congelada de búfalo, com 226.773 contêineres. Em seguida aparece a Malásia, com 41.239 contêineres. O Egito ocupa o terceiro lugar, com 20.000 contêineres importados.

Segundo dados obtidos junto à plataforma *Trade Map* (ver Gráfico 1), foi possível identificar que o Egito importou, no ano de 2023, US\$ 803 milhões em carne bovina desossada e congelada (SH 020230), e US\$ 6 milhões em cortes congelados de bovinos com osso (SH 020220). Os principais países fornecedores de carne bovina desossada e congelada ao Egito foram, em 2023: Índia (US\$ 523 milhões - 65% do *market share*); Brasil (US\$ 252 milhões - 31% do *market share*); e Colômbia (US\$ 9 milhões - 1% do *market share*).

Gráfico 1 – Lista de mercados fornecedores de carne bovina/bubalina ao Egito (2020 a 2023)



Fonte: Trade Map (trademap.org/Index.aspx)

Haja vista que a vaca é considerada um animal sagrado pela maioria da população indiana, que é adepta do hinduísmo (80%) (Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/a-vaca-sagrada-na-india-mas-pais-o-maior-exportador-de-carne-vermelha-17103904>), as exportações de carne da Índia são, em sua quase totalidade, oriundas do abate de búfalos. Os principais importadores da carne de búfalo da Índia foram, em 2023: Vietnã (20% da importação), Malásia (15% da importação), Egito (14% da importação) e Indonésia (9% da importação). Não obstante, o preço da carne bubalina é comercializado por um valor inferior ao preço da carne bovina. Isto

explica a Índia ser atualmente o maior fornecedor de carne (da espécie bubalina) para o Egito, à frente do Brasil (da espécie bovina).



Política tarifária de importação

O Egito não aplica tarifas (tarifa zero) para a importação de carne bovina/bubalina desossada congelada a nenhum país.

Conclusões

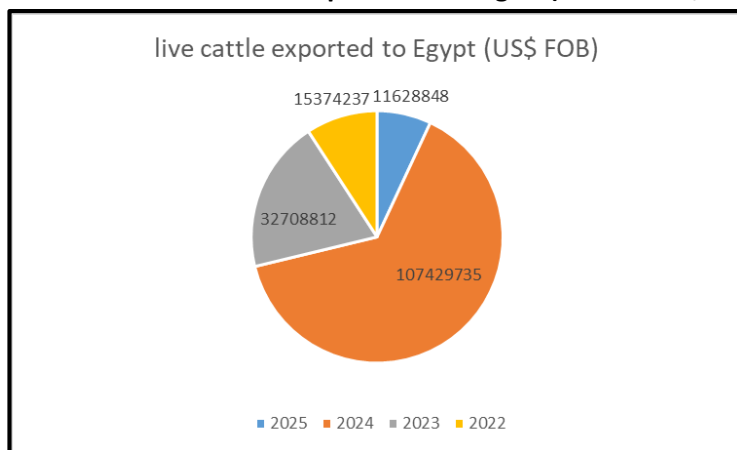
- O mercado egípcio foi recentemente aberto (dezembro/2024) para a carne de búfalo de origem brasileira, em virtude do aceite para a ampliação do escopo do modelo de Certificado Sanitário Internacional (CSI) utilizado para respaldar as exportações de carne bovina do Brasil ao Egito);
- A partir de 2021 as importações egípcias de carne de búfalos da Índia ultrapassaram as importações egípcias de carne bovina do Brasil. Desde então, a Índia permanece como o maior fornecedor de carne vermelha (de origem bubalina) ao Egito, e o Brasil ocupa a segunda posição, como um grande fornecedor de carne vermelha (de origem bovina) a este mercado;
- Em paralelo, observa-se que as exportações de bovinos vivos do Brasil ao Egito vêm aumentando nos últimos anos, especialmente nos anos de 2023 e 2024 (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Números das exportações brasileiras de bovinos vivos ao Egito (2022 a 2024)

	Transação	Exportação					
	Ano	2022		2023		2024	
Produto	Bloco/País	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)
OUTROS BOVINOS VIVOS (SH 010229)	EGITO	15,374,237	6,267,627	32,708,812	14,553,740	107,429,735	52,338,771

Fonte: AgroStat (<https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html>)

Gráfico 2 – Bovinos vivos exportados ao Egito (em dólares, FOB)



Fonte: FAOSTAT (<https://www.fao.org/faostat/en/>)

Sugestões ao setor privado brasileiro

Para aumentar a participação das carnes bovinas e bubalinas do Brasil no mercado egípcio, sugere-se:

- ✓ Em termos de valor agregado, é imprescindível trabalhar a promoção comercial dos cortes nobres (*"premium"*) junto aos principais *stakeholders* egípcios;
- ✓ Em termos de volume, observam-se oportunidades para as exportações brasileiras de carne de búfalo ao Egito, e também de carne bovina resfriada embalada à vácuo (notadamente após a decisão regulatória egípcia de aumentar o prazo de validade deste produto para 89 dias).



EMIRADOS ARABES UNIDOS

CARNE DE FRANGO BRASILEIRA NOS EAU: LIDERANÇA HALAL, OPORTUNIDADES E DESAFIOS EM UM MERCADO ESTRATÉGICO

Número: ABUD-02-2025

Data: 12/02/2025

Posto: Abu Dhabi/Emirados Árabes Unidos

Palavras-chave: carne de frango; Emirados Árabes Unidos; certificação halal; produtos processados; sustentabilidade; concorrência internacional; hub logístico

Responsável: Vanessa Medeiros de Jesus

SUMÁRIO: Os Emirados Árabes Unidos (EAU) são um dos maiores importadores globais de carne de frango, com 385 mil toneladas adquiridas em 2024 (+2,67% vs. 2023). O Brasil lidera esse mercado, com 82,6% de participação, impulsionado pela certificação halal e qualidade do produto. Cortes inteiros (65% das exportações) dominam as vendas, seguidos por carne mecanicamente separada (20%) e processados (15%). Oportunidades incluem expansão de produtos premium e processados (ex.: frango temperado), além do uso dos EAU como hub logístico para redistribuição regional. Desafios envolvem concorrência (EUA e Ucrânia), exigências sanitárias rigorosas e pressão por sustentabilidade. Recomenda-se fortalecer parcerias locais, investir em inovação e alinhar-se a padrões internacionais.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Os Emirados Árabes Unidos (EAU) são um dos maiores importadores globais de carne de frango, com 385 mil toneladas adquiridas em 2024. O Brasil já lidera esse mercado (82,6% de participação), impulsionado pela certificação halal e qualidade do produto. Como será visto neste relatório, ainda há espaço para expansão, em volume, valor agregado e diferenciação de produtos.

1. Panorama do Mercado de Carne de Frango nos EAU

A produção de carne de frango nos Emirados Árabes Unidos (EAU) está em expansão, com previsão de crescimento de 17% em 2025, alcançando 70 mil toneladas. Esse aumento é impulsionado por iniciativas governamentais, como subsídios para ração e investimentos em tecnologias modernas, incluindo automação e inteligência artificial. No entanto, a produção doméstica ainda atende apenas 15% da demanda interna, o que mantém os EAU altamente dependentes de importações para suprir o consumo crescente.

O consumo de carne de frango nos EAU deve crescer 6% em 2025, atingindo 470 mil toneladas. Esse aumento é atribuído a fatores como:

- Crescimento populacional, com uma população projetada de 10,2 milhões em 2024;
- Expansão do setor de turismo, que representa 10-15% da atividade econômica local;
- Estabilidade econômica, com aumento no poder aquisitivo e na atividade imobiliária.

Tabela 1: Produção e Consumo de Carne de Frango nos EAU (2023-2025)

Ano	Produção (mil toneladas)	Consumo (mil toneladas)
2023	60	445
2024	60	445
2025	70	470

Fonte: USDA; GAIN; PLMEA (2024).

Os EAU importaram aproximadamente 385 mil toneladas de carne de frango em 2024, um aumento de 2,67% em relação ao ano anterior. O Brasil respondeu por 82,6% dessas importações, consolidando-se como o principal fornecedor. A certificação halal e a alta qualidade do produto brasileiro são fatores-chave para esse desempenho.

Tabela 2: Participação do Brasil no Mercado de Carne de Frango nos EAU (2024)

País	Volume importado (mil toneladas)	Participação (%)
Brasil	320	82,6
Ucrânia	30	7,8

Estados Unidos	20	5,2
Outros	15	4,4

Fonte: International Trade Centre (ITC), 2024.



2. Segmentação do Mercado e Produtos Preferidos

- Cortes Inteiros e Processados: Os cortes inteiros representam a maior parte das exportações brasileiras para os EAU devido à preferência por produtos frescos e congelados halal.
- Carne Mecanicamente Separada (CMS): Há uma demanda crescente por CMS para a indústria alimentícia local, especialmente na produção de nuggets e hambúrgueres.
- Produtos Premium: A classe média alta nos EAU tem impulsionado a demanda por cortes premium e produtos processados com maior valor agregado.

Tabela 3: Tipos de Produtos Exportados pelo Brasil aos EAU (2024)

Produto	Volume exportado (%)
Cortes inteiros	65
CMS	20
Produtos processados	15

Fonte: Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), 2024.

3. Oportunidades Estratégicas para o Brasil

3.1 Expansão no Segmento Halal

A certificação halal é essencial para atender às exigências culturais e religiosas dos consumidores nos EAU. O Brasil possui vantagem competitiva significativa devido à experiência consolidada nesse segmento.

3.2 Produtos Processados e Valor Agregado

O mercado emirático está se diversificando com uma demanda crescente por alimentos convenientes e prontos para consumo. Exportadores brasileiros podem explorar produtos como frango temperado ou empanado.

3.3 Produtos Premium

Expandir a oferta de cortes premium e produtos processados halal, como frango temperado, empanado ou pronto para consumo.

3.4 Embalagens Customizadas

Expandir o portfólio com embalagens menores que atendam tanto ao consumidor final quanto ao setor de *food service*.

3.5 Produtos Regionais

Desenvolver cortes específicos ou marinados voltados aos gostos regionais, alinhados às preferências culturais dos Emirados e países vizinhos.

3.6 Parcerias Locais

Investir em parcerias com empresas locais para aumentar a produção de alimentos preparados e prontos para consumo diretamente nos EAU, aproveitando a infraestrutura existente.

3.7 Hub Logístico

Os EAU funcionam como um hub logístico para redistribuição ao Oriente Médio e a Ásia. Isso amplia o alcance dos produtos brasileiros para mercados secundários.

3.8 Transferência Tecnológica

Estabelecer parcerias com empresas locais para compartilhar expertise brasileira em manejo avícola eficiente e sustentável.

3.9 Sustentabilidade

Promover práticas sustentáveis na cadeia produtiva brasileira, alinhando-se às metas ambientais dos EAU.

3.10 Apoio à Produção Local

Fornecer insumos (como ração ou genética avícola) que apoiem o crescimento da produção interna nos Emirados.

4. Desafios no Mercado Emirático

- Concorrência Internacional: Países como Ucrânia e Estados Unidos têm ampliado sua participação no mercado emirático, especialmente em nichos específicos como CMS.
- Regulamentações Sanitárias: Os EAU possuem exigências rigorosas em relação à sanidade e à rastreabilidade dos produtos.
- Sustentabilidade: A crescente preocupação com práticas sustentáveis pode exigir adaptações na cadeia produtiva brasileira.
- Dependência de Insumos e Volatilidade nos Custos de Produção: A produção local nos EAU é altamente dependente da importação de insumos, especialmente ração, que representa 60-70% dos custos de produção. Essa dependência cria vulnerabilidade a flutuações nos preços globais de *commodities*, como milho e soja, que são insumos essenciais para a alimentação animal.
- Logística e Geopolítica: Geopolítica instável na região do Oriente Médio tem impactado os custos logísticos devido a interrupções em rotas comerciais importantes, como o Canal de Suez.



Além disso, o aumento dos custos de transporte marítimo global afeta diretamente a competitividade dos preços brasileiros nos EAU.

Conclusão

A manutenção da liderança brasileira no mercado emirático depende da capacidade de transformar desafios em oportunidades, com foco em inovação, sustentabilidade e integração logística. Ao alinhar-se às demandas locais e regionais, o Brasil não apenas consolidará sua posição como principal fornecedor de carne halal, mas também fortalecerá a segurança alimentar dos EAU e do Golfo. Para manter essa posição estratégica, recomenda-se:

1. Diversificação de Produtos: Expandir a oferta de cortes premium, processados halal e embalagens customizadas para *food service* e varejo.
2. Resiliência na Cadeia Produtiva: Investir em alternativas para reduzir a dependência de insumos importados.
3. Parcerias Logísticas: Estreitar colaborações com hubs já existentes para otimizar a redistribuição regional e reduzir custos.
4. Sustentabilidade como Diferencial: Certificar processos produtivos com selos reconhecidos internacionalmente para alinhar-se às metas dos EAU.
5. Monitoramento Geopolítico: Desenvolver rotas logísticas alternativas para evitar gargalos em crises regionais.

Essas ações garantirão que o Brasil continue sendo um parceiro confiável e preferencial no fornecimento de proteína animal halal para os EAU e mercados adjacentes.

Referências

1. Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). (2024). Relatório Anual de Exportação.
2. International Trade Centre (ITC). (2024). Trade Map Statistics.
3. Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil (MAPA). (2025). Dados Oficiais sobre Exportações Brasileiras.
4. Gulf Food Trade. (2023). Tendências no Mercado Halal.
5. Poultry Dairy Feed. (2024). UAE Poultry Production Forecast: An Extensive Overview.
6. Poultry Producer. (2024). Brazil's Poultry Exports Surge: Dominance in UAE Market Continues.
7. S&P Global Commodity Insights. (2024). UAE Chicken Prices Fall as Counterfeit Labels Shake Trust.
8. PLMEA - Poultry Middle East and Africa. (2024). Poultry Production Forecast.
9. The Poultry Site. (2025). Brazilian Poultry Market Likely to Face Challenges in 2025.





ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA DO BRASIL PARA OS EUA

Número: WAS-03-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Washington/Estados Unidos da América

Palavras-chave: exportação; carne bovina; tarifas; política comercial

Responsável: Ana Lucia de Paula Viana

SUMÁRIO: Os Estados Unidos são um dos principais mercados para a carne bovina brasileira, ocupando a segunda posição nas exportações do setor, atrás apenas da China. Nos últimos anos, a entrada do produto brasileiro nos EUA tem sido influenciada por barreiras tarifárias, cotas de importação e mudanças nas políticas comerciais norte-americanas. O presente *AgroInsight* analisa o atual cenário das exportações de carne bovina para os EUA, as tarifas aplicadas e as recentes mudanças políticas que podem impactar o setor.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Panorama das Exportações de Carne Bovina para os EUA

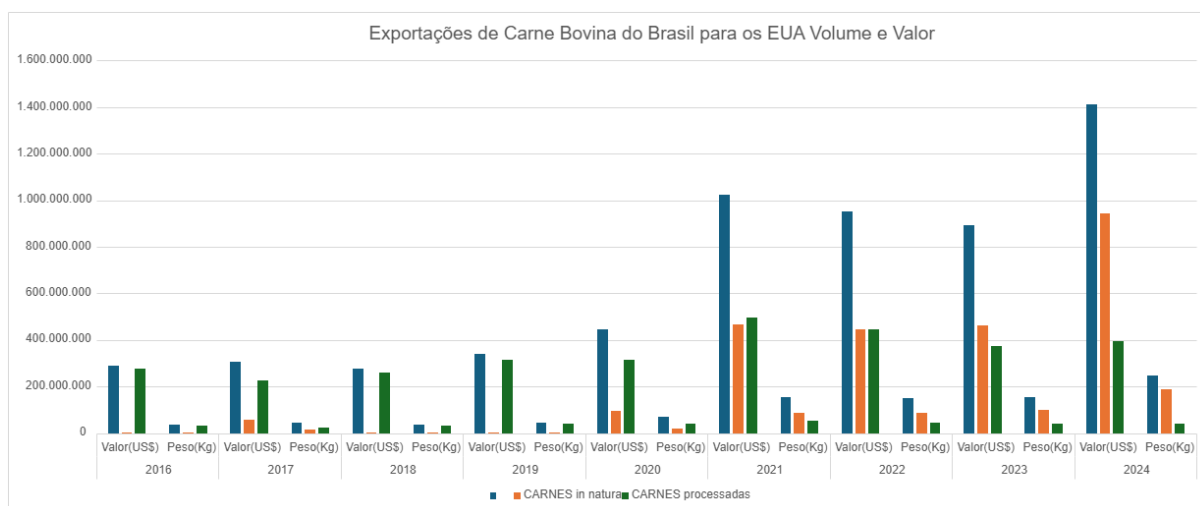


68

O Brasil exporta carne bovina para os Estados Unidos em duas modalidades principais:

- **Carne “In Natura”:** O mercado foi aberto em 2016, mas foi barrada em 2017. Desde 2020, o Brasil retomou o acesso ao mercado norte-americano para carne bovina “in natura”, após um período de restrições sanitárias.
- **Carne Processada:** A carne bovina processada tem presença consolidada nos EUA há mais tempo, enfrentando menos barreiras sanitárias.

Em 2023, o Brasil exportou aproximadamente **40 mil toneladas** de carne bovina para os EUA, um crescimento impulsionado pela alta demanda do mercado norte-americano por carne a preços competitivos.



Fonte: Agrostat/MAPA

1. Tarifas Aplicadas e Cotas de Importação

A entrada da carne bovina brasileira nos EUA está sujeita a um regime tarifário específico, que inclui:

- **Cota de Importação:** O Brasil faz parte da cota global “Other” de 65.000 toneladas anuais destinadas a países sem acordos bilaterais específicos. Dentro da cota, a tarifa de importação é de **0%**.
- **Fora da Cota:** Quando as exportações brasileiras ultrapassam essa cota, a tarifa de importação aplicada é de **26,4%**, o que reduz significativamente a competitividade do produto.

Esse modelo de cotas e tarifas limita a participação brasileira no mercado dos EUA, principalmente quando a demanda supera o volume isento de tarifas.

No caso de carne processada, não há cota, o produto pode ser exportado com ou sem tarifas, conforme o tipo de produto:

- **Carne Enlatada:** 0% de tarifa, ou seja, produtos enlatados entram nos EUA sem imposto de importação.
- **Outros Tipos de Carne Processada:** as tarifas variam entre 4% e 10%, dependendo do tipo de processamento e do país de origem.



69

2. Nova Política Norte-Americana e Impactos no Setor

Nos últimos dias, o governo dos EUA tem sinalizado mudanças em sua política comercial, que podem afetar as exportações brasileiras de carne bovina. Entre os principais fatores, destacam-se:

- **Revisão de Tarifas de Importação:** Com a assinatura e publicação do memorando que trata sobre comércio e tarifas recíprocas o governo americano irá eliminar o conceito de Nação Mais Favorecida no comércio e pretende fazer uma avaliação das tarifas impostas ao produto norte americano, visando garantir a competitividade do produtor americano e aumentar sua participação no comércio internacional.
- **Reforço nas Inspeções e Regulamentações Sanitárias:** O USDA poderá intensificar as auditorias e controles sanitários sobre a carne importada, o que pode impactar a agilidade dos embarques brasileiros. E hoje graças ao controle oficial realizado a nível de Brasil, nos SIFs as carnes exportadas para os EUA não passam mais por controle reforçado, demonstrando a confiança que o USDA demonstra no nosso sistema de inspeção, o que pode ser afetado com a nova política.
- **Incentivo à Produção Interna:** A nova Secretária de Agricultura que tomou posse ontem, e iniciou as atividades no USDA em 14 de fevereiro tem como principal garantir que a agricultura americana alimente toda a América e o mundo e que agricultores, pecuaristas e produtores americanos possam competir em um cenário global justo, em condições que coloquem os Estados Unidos em primeiro lugar, conforme disse em seu discurso.

Essas mudanças podem representar desafios para os exportadores brasileiros, exigindo maior alinhamento regulatório e estratégico para garantir acesso ao mercado norte-americano.

3. Perspectivas e Desafios

Diante desse cenário, o Brasil enfrenta desafios importantes para consolidar e expandir sua participação no mercado norte-americano de carne bovina. Alguns pontos críticos incluem:

- **Negociação para ampliação da cota de exportação:** Trabalhar para uma ampliação da cota global “Other” pode reduzir impactos tarifários. A cada ano, a cota vem sendo ocupada mais cedo. Em 2024, a cota foi ocupada em fevereiro, neste ano a cota foi





70

ocupada em 17 de janeiro. Os exportadores têm mandado produto em setembro do ano anterior, armazenado em áreas *bonded* aguardando a reabertura das cotas em 1 de janeiro para internalizar o produto. Os armazéns bondados/*bonded* funcionam como um local seguro para mercadorias importadas, onde os produtos ficam armazenados sob a supervisão do *Customs and Border Protection* (CBP) antes de serem liberados para o mercado.

- **Adoção de protocolos sanitários mais rigorosos:** Atender de forma plena às exigências sanitárias do USDA (APHIS e FSIS) é essencial para evitar novas restrições ao produto brasileiro. O reconhecimento do status sanitário brasileiro no que diz respeito à Febre Aftosa é primordial para que se tenha uma maior possibilidade de exportação de carne bovina de um maior número de estados possíveis do Brasil.
- **Diversificação de mercados e de produto:** Buscar novos clientes dentro dos EUA, como redes de restaurantes e distribuidores especializados, pode ajudar a reduzir a dependência de grandes importadores. A habilitação de novos produtos é primordial para que se tenha uma diversificação da pauta de exportação.

4. Conclusão

A exportação de carne bovina do Brasil para os EUA continua crescendo, mas enfrenta desafios relacionados a tarifas, cotas e regulamentações sanitárias. A nova política comercial norte-americana pode trazer mudanças que impactam esse setor, exigindo estratégias para manter e expandir a presença do Brasil no mercado.

O setor produtivo e o governo brasileiro devem atuar conjuntamente para superar barreiras e fortalecer a competitividade da carne bovina brasileira nos EUA, em meio a um cenário de incertezas.





ETIÓPIA

CARNE DE FRANGO

Número: ADIS-02-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Adis Abeba/ Etiópia

Palavras-chave: avicultura; sistema de produção

Responsável: Fabiana Villa Alves

SUMÁRIO: Enquanto o Brasil se destaca por sua produção avícola altamente industrializada e orientada para o mercado internacional, a Etiópia ainda mantém uma produção avícola (frangos) predominantemente tradicional, voltada ao consumo interno. O setor é vital para inúmeras famílias, não apenas por fornecer proteína de alto valor biológico na forma de carne e ovos, mas também por representar uma fonte crucial de renda. Nos últimos anos, contudo, o país vem passando por um processo de intensificação tecnológica que busca transformar a produção de subsistência em um modelo comercial mais organizado e moderno. Esse novo cenário cria oportunidades para o estabelecimento de parcerias e a promoção de relações comerciais bilaterais, impulsionando a modernização da avicultura etíope e abrindo novos mercados para produtos e serviços brasileiros. Destacam-se a oferta de genética avícola de alto desempenho, insumos, tecnologias avançadas de nutrição e manejo, bem como o compartilhamento de *expertise* em biossegurança e sanidade animal. Adicionalmente, os produtos brasileiros (frango inteiro, cortes, industrializados de frango e carne de frango salgada) apresentam-se como estratégicos para a Etiópia, enquanto o país não alcançar a autossuficiência e conseguir suprir a demanda interna, que cresce à medida que a produção local não consegue acompanhar o ritmo crescente do consumo no país.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



A produção avícola na Etiópia apresenta contrastes significativos, sobretudo quando se compara a realidade dos grandes produtores e exportadores, como o Brasil, com a situação do país. Enquanto o Brasil se destaca como um dos maiores produtores de carne de frango do mundo, e se consolida como o maior exportador global, em um cenário altamente industrializado, a avicultura na Etiópia é predominantemente tradicional, voltada ao consumo interno, e pouca expressiva no cenário mundial (Tabela 1).



Tabela 1.
dos principais
mundiais de
frango (Fonte:
Embrapa,

Posição	País	Produção (milhões de t)
1	Estados Unidos	21,4
2	China	15
3	Brasil	15
4	União Europeia	11,4
5	Rússia	4,8
21	Etiópia	0,2

Participação
produtores
carne de
Adaptado de
2024).

De acordo com a Agência Central de Estatísticas da Etiópia (*Central Statistical Agency – CSA*), entre 2018 e 2024, o país observou um crescimento médio anual de 10% a 12% na produção de frangos de corte e poedeiras, fato que resultou na ampliação do parque avícola, que passou de aproximadamente 40 milhões para, aproximadamente, 57 milhões de aves de diversas categorias, como galos, frangos jovens, frangas e galinhas poedeiras.

Existem duas características importantes a serem destacadas na produção avícola da Etiópia: a predominância de sistemas de produção tradicionais e o uso de raças autóctones. Este cenário é complementado pela larga presença de sistemas informais na comercialização de frangos e ovos, os quais enfrentam desafios relacionados à infraestrutura de distribuição, refrigeração e segurança do alimento.

De 90 a 95% dos animais são mantidos, majoritariamente, nos quintais ou em estruturas rústicas, em vilarejos da zona rural do país (Figura 1.a), e apenas 5 a 10% são criados em sistemas industriais, mais tecnificados (Figura 1.b). As aves de ecotipo local correspondem a 79% do plantel nacional, enquanto as raças híbridas e importadas representam, respectivamente, 12 e 9%. Cabe ressaltar que a introdução de raças importadas, que possibilitam um desempenho superior, aumentou gradativamente ao longo dos últimos anos.

A avicultura predomina nas regiões de terras altas, principalmente Oromia e Amhara, onde famílias de porte médio costumam manter entre seis e dez aves de raças nativas (Chefe, Jarso, Tilili, Horro, Tepi, Gelila, Debre-Elias, Melo-Hamusit, entre outras).



Figura 1. (a) Sistema tradicional de produção avícola na Etiópia (Fonte: <https://www.veterinariadigital.com/en/articulos/poultry-production-in-ethiopia/>)



Figura 1. (b) Sistema intensivo de produção avícola na Etiópia (Fonte: Arquivo pessoal, 2025)

O dinamismo do setor avícola etíope é evidenciado pela crescente demanda por produtos de origem animal, especialmente em áreas urbanas e periurbanas das cidades de Addis Ababa, Bishoftu e Adama, o que tem impulsionado uma profunda transformação e a emergência e expansão de granjas modernas, tecnificadas.

Apesar de seu iminente potencial, vários desafios persistem e restringem o crescimento da avicultura no país, como a alta prevalência de doenças, serviços veterinários inadequados, acesso limitado a rações de qualidade a preços acessíveis, características genéticas subótimas das raças locais e uma infraestrutura deficiente para o processamento e distribuição dos produtos. Para superar essas barreiras, o governo etíope tem buscado ativamente atrair investimentos estrangeiros, implementando políticas que incentivam a entrada de agentes internacionais e promovem a transferência de tecnologia. Recentemente, em resposta aos recentes surtos de influenza aviária em países vizinhos, as autoridades locais reforçaram as medidas de biossegurança e iniciaram programas educativos voltados aos produtores familiares, ampliando o conhecimento sobre boas práticas de manejo. Paralelamente, o surgimento de *startups* locais focadas em tecnologia agrícola tem impulsionado transformações no setor, introduzindo inovações como aplicativos móveis para a gestão das fazendas e o monitoramento da saúde das aves. Iniciativas que promovem a produção local de ração também têm ganhado força, buscando reduzir a dependência de insumos importados e combater o aumento dos custos de produção. Esforços de engajamento comunitário, por sua vez, têm empoderado mulheres e jovens por meio de programas de capacitação, fomentando uma nova geração de produtores avícolas.



74

Ao mesmo tempo, o setor tem se beneficiado de um impulso positivo nos investimentos, que passaram de US\$ 50 milhões em 2018 para mais de US\$ 65 milhões em 2023 – um acréscimo de 25% a 30% em apenas 5 anos. Esse crescimento reflete a confiança de investidores locais e estrangeiros na modernização da agroindústria etíope, impulsionada pelo aumento da demanda decorrente da urbanização e do crescimento da renda per capita, bem como de reformas governamentais que simplificam barreiras burocráticas e incentivam parcerias público-privadas.

Um exemplo de política pública focada na modernização do setor agrícola do país é o programa *Yelemat Tirufat*, que se alinha ao Plano de Desenvolvimento Agrícola de Longo Prazo do país. Esse programa visa organizar produtores em cerca de 54.000 vilarejos, facilitando a produção de *commodities* como leite, ovos, carne de frango e mel, e conta com investimentos significativos na ordem de US\$ 5,26 bilhões para a incorporação de tecnologias modernas e a melhoria da infraestrutura. Entre as metas para a avicultura, destacam-se o aumento da produção de carne de frango para 106 mil toneladas em 2030, e a reconfiguração do consumo, elevando a participação da carne de frango no total de carne consumida no país de 5% para 30% até 2030.

Entre as empresas mais relevantes para o setor de carne de frango na Etiópia encontram-se *Alema Farms*, *Elfora*, *Alema* e *Ethio Chicken*.

Mercado Nacional e Oportunidades para o Brasil

Nos últimos 6 anos, a produção de carne de frango na Etiópia atingiu cerca de 77 mil toneladas, e o consumo *per capita* passou de 600 g por ano (2017) a 2,85 kg por ano (2024), um aumento de 375%. Apesar desse crescimento, a Etiópia ainda possui um dos consumos de carne de frango mais baixos da África, e muito abaixo do consumo mundial. O preço do quilo de peito de frango sem pele e sem osso em Adis Abeba varia entre US\$ 5,00 e US\$ 20,00.



Figura 2. Carne de frango comercializada em supermercado local (Fonte: <https://www.aradamart.net/household-essentials>)



Como já mencionado, o mercado de aves encontra-se em um estágio inicial de desenvolvimento, e os sistemas de produção avícola familiar são os principais provedores para o mercado interno, abastecendo a maior parte dos produtos avícolas comercializáveis. Entretanto, a participação dos sistemas avícolas intensivos e semi-intensivos no mercado nacional está atualmente em ascensão.

O frango é um alimento indispensável na cultura etíope durante feriados e cerimônias sociais, independentemente das diferenças religiosas do país. Culturalmente, valoriza-se a carne de frango oriunda de linhagens de frango Habesha (Figura 3), ou nativos, para utilização em pratos típicos, como o *doro wat*. Seu preço é, geralmente, superior ao de raças melhoradas. Servi-lo é uma demonstração de respeito aos convidados, fortalecendo assim as relações sociais, algo especialmente importante para famílias em situação de pobreza. Ademais, é utilizado na troca de bens e para fortalecer parcerias matrimoniais. Na cultura local, mulheres que conseguem fornecer *doro wat* aos homens são consideradas contribuintes para um casamento estável. Diante do exposto, os preços de mercado do frango na Etiópia são sazonais, sendo mais altos durante feriados, como a Páscoa, o Ano Novo e o Natal.



Figura 3. Carne de frango *habesha* comercializada em supermercado local (Fonte: <https://www.aradamart.net/product-page/habesha-chicken-pc>)

O país enfrenta desafios significativos para o suprimento da demanda interna, especialmente no que diz respeito à qualidade e sanidade do produto comercializado. De fato, a crescente demanda por parte de hotéis de luxo e, principalmente, pela *Ethiopian Airlines* tem levado o país a depender de importações mais frequentes. Isto reflete tanto a escassez da oferta doméstica quanto à dificuldade da produção local em atender aos padrões de qualidade e sanitários exigidos pelos mercados internacionais e por consumidores exigentes. Além do Brasil, a Etiópia importa carne de frango da África do Sul.

O Grupo *Ethiopian Airlines* é atualmente o maior importador de carne de frango da Etiópia, adquirindo cerca de 100 toneladas por ano para abastecer tanto os voos de sua frota quanto os hóspedes de seu hotel cinco estrelas. A companhia deu início à construção de uma "mega cidade aeroportuária" em Abusera, próximo a Bishoftu, a cerca de 40 quilômetros ao sul de Adis Abeba. Este novo aeroporto será o maior da África, com capacidade para atender até 110 milhões de passageiros por ano, quadruplicando a capacidade do maior aeroporto do país, localizado na capital.

A crescente demanda por produtos avícolas na Etiópia, impulsionada pelo crescimento da classe média e pela urbanização acelerada no país, abre concretas oportunidades para o Brasil, referência mundial em avicultura.

Os produtores locais têm buscado expandir a distribuição e modernizar a produção. A *expertise* brasileira em produção avícola industrializada e integrada ao mercado internacional pode ser transferida ao país africano, por meio de investimentos em infraestrutura, capacitação técnica e inovação nos processos produtivos. Tal cooperação pode impulsionar a produção local, fomentar microempreendimentos, melhorar a segurança alimentar e elevar o *status* nutricional da população.

O fortalecimento da avicultura etíope pode, também, criar oportunidades comerciais que beneficia o comércio bilateral, representando uma chance de expandir sua presença no mercado africano, fornecendo genética avícola, insumos, equipamentos e tecnologia, além de carne e outros derivados industrializados.



76



FRANÇA - ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS EM PARIS

77

MEDIDAS RELACIONADAS AO COMÉRCIO LIGADAS À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DA AGRICULTURA: ESTUDO DA OCDE E GESTÕES BRASILEIRAS

Número: PARIS-03-2025

Data: 17/02/2025

Posto: PARIS/FRANÇA

Palavras-chave: Acesso ao mercado; diligência devida; processos e métodos de produção; acordos comerciais regionais; disposições ambientais

Responsável: Helena Müller Queiroz

SUMÁRIO: O estudo da OCDE publicado em fevereiro de 2025 faz um balanço das medidas de sustentabilidade ambiental relacionadas ao comércio relacionadas à agricultura em países membros da organização. O relatório identificou um total de 130 medidas aplicadas ou aprovadas entre 1997 e 2024. Mais da metade dessas medidas foi introduzida entre 2020 e 2024. A maioria das medidas identificadas são "disposições relacionadas ao meio ambiente" em acordos comerciais regionais (ACRs) com vínculos à agricultura. Algumas medidas são "preferências comerciais ambientais" para produtos agrícolas como parte de ACRs, condicionadas à demonstração de produção ambientalmente sustentável. E as demais medidas são de "acesso ao mercado ambiental" contidas em estruturas regulatórias nacionais, tornando a elegibilidade dos produtos agrícolas para programas governamentais ou seu acesso aos mercados condicionada ao cumprimento de requisitos ambientais.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Vários países estão introduzindo medidas relacionadas ao comércio para abordar questões ambientais relacionadas à agricultura, o que apresenta oportunidades e desafios. Por um lado, algumas medidas relacionadas ao comércio têm o potencial de acelerar a transição para uma agricultura mais sustentável e melhorar a competitividade das exportações produzidas de forma sustentável (OMC, 2022). Por outro lado, na ausência de cooperação regulatória internacional, a multiplicação e a falta de harmonização dessas medidas podem aumentar a fragmentação do sistema de comércio (Matthews, 2023). Os custos de transação decorrentes do cumprimento dessas medidas podem representar um desafio adicional e uma barreira potencial ao comércio, especialmente para pequenos produtores e para produtores em países em desenvolvimento (OMC, 2022; FAO, 2022).

Avaliar os impactos dessas medidas no comércio e na sustentabilidade ambiental da agricultura requer entender até que ponto essas medidas estão sendo implementadas e suas principais características. No entanto, dado o cenário político em evolução dessas medidas, as informações disponíveis são fragmentadas e não são facilmente comparáveis. O relatório *“Trade-Related Measures Linked to the Environmental Sustainability of Agriculture: A Stocktake and Typology”* visa aprofundar a compreensão do panorama das medidas relacionadas ao comércio vinculadas à sustentabilidade ambiental da agricultura, desenvolvendo um inventário e uma tipologia dessas medidas nos países membros da OCDE. O documento fornece um inventário dessas medidas e uma estrutura e linguagem comum para identificar, nomear e definir diferentes tipos de medidas relacionadas ao comércio. O objetivo é aumentar a transparência e a compreensão dessas medidas e facilitar sua comparação.

ACHADOS DO ESTUDO

O inventário apresentou 130 medidas que foram aplicadas ou aprovadas em 15 países-membros da OCDE e na União Europeia entre 1997 e 2024. Mais da metade dessas medidas (55%) foram introduzidas entre 2020 e 2024.

A grande maioria, 93% das medidas identificadas, estão contidas em acordos comerciais regionais (ACRs), com o restante fazendo parte de estruturas regulatórias nacionais.

As disposições relacionadas ao meio ambiente (Categoria A) com vínculos com a agricultura compreendem 98% das medidas em ACRs. A maioria dessas disposições visa aumentar a cooperação entre as partes em questões agroambientais; algumas incluem compromissos para implementar, aplicar ou fortalecer leis e políticas agroambientais nacionais. As preferências comerciais ambientais (Categoria B) respondem pelos 2% restantes das medidas em ACRs. Essas medidas concedem tarifas preferenciais para produtos agrícolas condicionais à demonstração da sustentabilidade ambiental da produção e foram introduzidas pela primeira vez em 2021 como parte do RTA EFTA-Indonésia.

Todas as medidas relacionadas ao comércio contidas em estruturas regulatórias nacionais são medidas de acesso ao mercado ambiental (Categoria C). Elas tornam a elegibilidade dos

produtos agrícolas a certos programas governamentais ou seu acesso ao mercado condicionais ao cumprimento de requisitos ambientais específicos. As medidas da Categoria C foram aprovadas nos últimos anos, mas ainda não foram aplicadas até o momento da publicação do estudo.

Os requisitos definidos nas preferências comerciais ambientais e nas medidas de acesso ao mercado ambiental são baseados em métodos de processo e produção (MPPs), ou seja, na maneira como os produtos são produzidos. Isso inclui requisitos baseados em práticas (por exemplo, sem desmatamento) e baseados em resultados (por exemplo, limites de redução de emissões de GEE para biocombustíveis). Esses requisitos variam entre os parceiros comerciais e podem resultar custos comerciais desnecessários.

GESTÕES BRASILEIRAS

Desde a apresentação do estudo na reunião plenária do Grupo de trabalho sobre agricultura e comércio da OCDE (JWPAT, sigla em inglês), em maio de 2023, a delegação brasileira foi muito ativa. Desde a sua primeira intervenção, a delegação mostrou preocupação com o escopo inicial do documento que não incluía a avaliação dos impactos de componentes estruturais do comércio internacional, como o impacto de subsídios agrícolas distorcivos ao comércio e prejudiciais ao meio ambiente e os aspectos de segurança alimentar. Além disso, o Brasil ressaltou que o estudo não considerava os efeitos sociais e econômicos dessas medidas comerciais, que atingem principalmente as commodities agrícolas tropicais.

Outro ponto de atenção introduzido à discussão pela delegação do Brasil foi a superficialidade em se estimar os resultados positivos de políticas apenas por reduções de emissões de gases de efeito estufa ou perda de biodiversidade, sem considerar outros benefícios resultantes do uso em larga escala de tecnologias sustentáveis.

Com base na argumentação brasileira e no suporte de alguns membros como Austrália e Colômbia, o documento publicado em fevereiro faz referência à necessidade de a OCDE aprofundar a análise dessas medidas, incluindo a avaliação de impactos econômicos e sociais, influência no preço dos alimentos e na segurança alimentar, além da mensuração da eficiência dessas medidas na promoção da sustentabilidade ambiental.

O documento também incluiu um quadro sobre a influência negativa dos subsídios agrícolas sobre o comércio e meio ambiente.

E, finalmente, o aprofundamento do estudo sobre as medidas ambientais relacionadas ao comércio foi incorporado ao programa de atividades do Comitê de Agricultura da OCDE, aprovado em outubro de 2024, e o trabalho será realizado no próximo biênio (2025/26).

FILIPINAS



80

PRODUTOS DA RECICLAGEM ANIMAL NAS FILIPINAS: DEMANDA CRESCENTE E OPORTUNIDADES COMERCIAIS

Número: MAN-01-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Manila/Filipinas

Palavras-chave: importação; reciclagem animal; farinhas de origem animal; gorduras de origem animal; Filipinas; aumento da demanda; oportunidades; mercado

Responsável: Virgínia Arantes Ferreira Carpi

SUMÁRIO: O mercado de produtos oriundos da reciclagem animal nas Filipinas tem ganhado relevância devido à crescente demanda por insumos para a produção de rações, aquicultura e indústrias como a de biodiesel e oleoquímica. Com uma produção interna insuficiente, o país depende da importação de farinhas e gorduras de origem animal para atender suas necessidades. Os principais fornecedores desse mercado incluem os Estados Unidos, Brasil, União Europeia e China, que exportam produtos como farinha de carne e ossos, farinha de penas e gorduras animais. O Brasil tem se consolidado como um fornecedor estratégico para as Filipinas, especialmente após a aprovação de recente de estabelecimentos para exportação desses produtos. Apesar dos desafios relacionados à concorrência internacional, requisitos sanitários e custos logísticos, o mercado filipino oferece oportunidades significativas. O artigo aborda que a demanda crescente por insumos agroindustriais, aliada ao fortalecimento das relações comerciais entre Brasil e Filipinas, abre espaço para o aumento das exportações brasileiras. O investimento em estratégias logísticas eficientes, a participação em feiras e missões comerciais e a manutenção da qualidade sanitária são fundamentais para consolidar a presença brasileira nesse setor.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





O setor de reciclagem animal tem se tornado um elemento fundamental para a cadeia produtiva global de proteínas e insumos agroindustriais. As Filipinas, um país em crescimento populacional e econômico, representam um mercado promissor para esses produtos. Com uma produção local limitada, o país depende da importação de farinhas e gorduras de origem animal, utilizadas principalmente na alimentação de animais, fertilizantes e até mesmo na indústria de cosméticos e biodiesel.

Este artigo busca explorar o panorama do mercado filipino para produtos da reciclagem animal, abrangendo dados sobre produção, demanda, importação, principais países exportadores e desafios regulatórios. Além disso, busca trazer uma perspectiva sobre as oportunidades para que o Brasil incremente suas exportações para esse destino e fortaleça os laços com o país.

Panorama Geral do Mercado de Produtos da Reciclagem Animal nas Filipinas

As Filipinas têm registrado um crescimento econômico significativo nas últimas décadas, impulsionado pelo aumento da urbanização e da demanda por produtos de origem animal. O setor agropecuário filipino, embora seja muito relevante para a economia, não atende completamente às necessidades locais, tornando o país dependente de importações para suprir sua indústria de rações, fertilizantes e outras aplicações industriais.

Os produtos oriundos da reciclagem animal incluem farinhas e gorduras de bovinos, suínos, aves e pescados. Esses produtos são essenciais na formulação de rações para suínos, aves e peixes, setores importantes para a segurança alimentar do país. São insumos importantes também no segmento de *pet foods*. Além disso, a indústria de biodiesel e oleoquímica tem aumentado a demanda por gorduras animais, fortalecendo o mercado para esses insumos.

O mercado de ração animal das Filipinas é uma indústria em expansão, rigorosamente regulamentada, em evolução para prover alimentos com garantias de qualidade nutricional e sanidade para diferentes espécies de criação. A crescente demanda por carne e laticínios, o aumento do investimento em práticas de criação animal e a busca por produtos de origem animal de alta qualidade contribuíram para a rápida expansão do crescimento do mercado de alimentação animal das Filipinas.

O mercado de ração animal das Filipinas testemunhou em 2023 um HHI de 1125, que aumentou ligeiramente em comparação com o HHI de 904 em 2017 (Figura 1). Este pode ser considerado um indicativo de que o mercado está se movendo em direção a uma posição de maior competitividade. O Índice Herfindahl-Hirschman (HHI) é uma medida comumente aceita de concentração de mercado, usado para medir a competitividade dos países exportadores. O intervalo varia de 0 a 10000, onde um número de índice menor representa um número maior de participantes ou países exportadores no mercado, enquanto um número de índice mais alto significa um menor número de participantes ou de países exportadores no mercado.

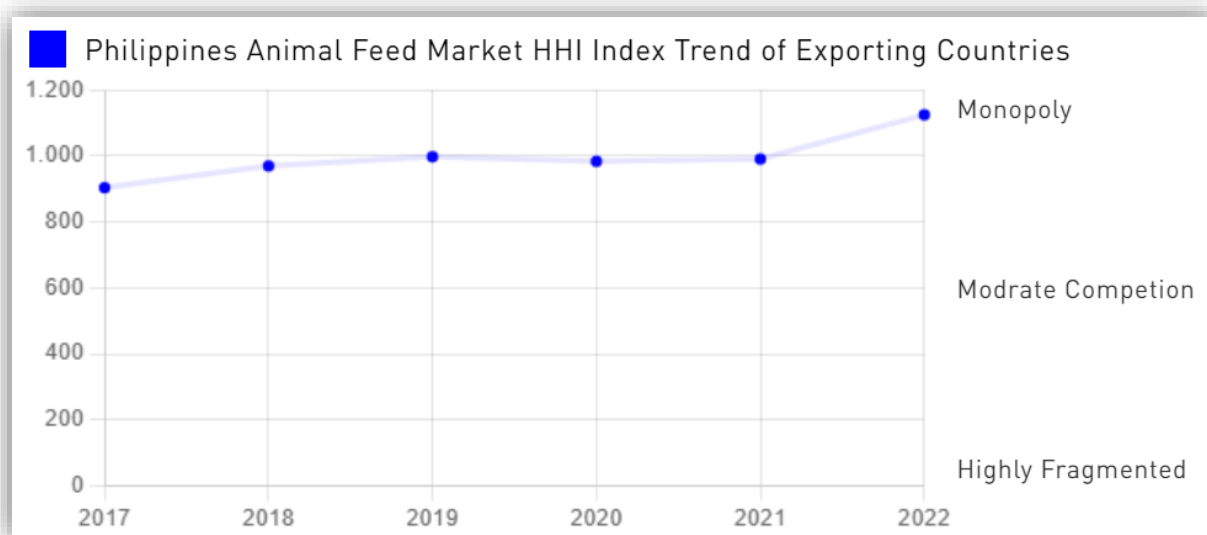




82

Considera-se que o país em que o HHI é inferior a 1500 apresenta potencialmente um mercado altamente competitivo; o HHI entre 1500-2500 indica um mercado moderadamente competitivo; o HHI entre 2500-6000 indica concentração de mercado; e um HHI maior que 6000 indica que o mercado é altamente concentrado, portanto, menos competitivo.

Figura 1: Tendência do Índice HHI do mercado de ração animal das Filipinas em relação aos países exportadores, de 2017 a 2022*.



Fonte: 6Wresearch, 2023.

Estima-se para o mercado de ração animal das Filipinas uma taxa de crescimento anual composta (CAGR) de 4,8% durante o período previsto de 2025-2031. Um dos principais impulsionadores do mercado é a crescente demanda por proteína animal. O aumento da população e a urbanização levaram a um aumento na demanda por carne e produtos relacionados, como leite e ovos, o que estimulou a demanda por produtos para alimentação animal, os quais constituem um insumo crítico na produção agropecuária. Em adição, a elevada incidência de surtos de doenças e problemas zoonos sanitários no país aumentou a demanda por alimentação animal de alta qualidade.

Apesar do crescimento do mercado, há vários desafios que os participantes do setor vêm enfrentando. Um dos principais é o alto custo de matérias-primas importadas, como farelo de soja e milho, que são usados principalmente na produção de ração animal. Outro ponto de atenção é a ocorrência de surtos de doenças animais, que pode impactar significativamente a demanda por rações e alimentos. Em um cenário recente, o surto de peste suína africana (PSA)



no país levou à perda de milhões de suínos, o que teve um impacto relevante na demanda por alimentos para esta espécie.



83

Em contrapartida, investimentos e políticas públicas têm sido dedicados ao fortalecimento da pecuária nacional, para prevenir novos surtos de doenças e mitigar seus impactos. Em janeiro de 2025, foi noticiado que, pela primeira vez em quase um ano, as Filipinas não registram casos ativos de gripe aviária (HPAI), segundo o *Bureau of Animal Industry* (BAI). Entre 4 e 10 de janeiro, nenhuma ocorrência de HPAI foi reportada. O controle foi possível após abate, depopulação e vigilância nas áreas afetadas, sendo a primeira vez desde fevereiro de 2024 em que o país se viu livre de casos ativos.

Também em janeiro de 2025, as mídias filipinas destacaram que o número de *barangays* (unidades locais inferiores a município) afetados pela peste suína africana (PSA) no país diminuiu de 225 para 133, conforme relatório do BAI.

O Departamento de Agricultura (DA), órgão análogo ao Ministério da Agricultura e Pecuária no Brasil, divulgou recentemente que está promovendo o uso de vacinas para combater surtos de gripe aviária e peste suína africana, para proteger a indústria local, que tem sofrido perdas significativas devido a essas doenças. Autoridades destacam a importância da vacinação em massa e de medidas de biossegurança, estratégia que inclui parcerias com empresas farmacêuticas e órgãos internacionais.

Entre as políticas de governo que podem beneficiar o segmento de produção de alimentos para animais, podem ser mencionados o *Rapid Livestock and Poultry Feasibility Studies* e os planos diretores do Departamento de Agricultura (DA). Este programa fornece assistência no desenvolvimento da produção de pecuária e de aves em várias regiões do país. Como parte do *Feed and Livestock Program*, o DA também iniciou o *Integrated Livestock-Fisheries Gallen Development Project*. Esta iniciativa se concentra no desenvolvimento de projetos para criação pecuária, avicultura e aquicultura local, em sistemas de integração. Outra iniciativa do governo é a formulação e implementação de leis de bem-estar animal, particularmente o *Animal Welfare Act* de 1998, lei que fornece diretrizes para o tratamento adequado de animais, incluindo os da produção pecuária.

O conjunto de medidas governamentais para assegurar a sanidade dos rebanhos e plantéis, assim como para incentivar o desenvolvimento da produção pecuária e da indústria local, contribui para uma maior estabilidade do setor de alimentação animal e para o desenvolvimento deste mercado.

Produção e Demanda Local

A produção local de farinhas e gorduras animais nas Filipinas é insuficiente para suprir a demanda da indústria de rações. O país conta com alguns frigoríficos e abatedouros que realizam o processamento de subprodutos, mas o volume gerado não atende à crescente

necessidade das fábricas de ração e biodiesel. Como consequência, as Filipinas se tornam um dos principais mercados importadores desses produtos na Ásia.

A demanda filipina por produtos da reciclagem animal tem sido impulsionada principalmente pelo crescimento da indústria de rações. O país tem um setor de suinocultura e avicultura em expansão, que necessita de insumos para prover nutrição de alta qualidade aos animais. Também contribui para o crescimento desta demanda a expansão da aquicultura, uma vez que as Filipinas possuem uma das maiores indústrias de aquicultura do Sudeste Asiático, a qual depende fortemente da importação de insumos para a alimentação dos peixes e camarões cultivados.

Os dados recentes da Autoridade de Estatísticas das Filipinas (*The Philippine Statistics Authority* - PSA) sobre a produção pecuária do país indicam uma leve variação no primeiro trimestre de 2024 em comparação com o mesmo período do ano anterior. A produção de carabao (bubalino) aumentou ligeiramente de 28,3 mil toneladas no primeiro trimestre de 2023 para 28,5 mil toneladas no primeiro trimestre de 2024, enquanto a produção de gado também apresentou crescimento discreto, de 53,8 mil toneladas para 54,05 mil toneladas. Por outro lado, a produção suína caiu de 437,9 mil toneladas para 419,3 mil toneladas, principalmente devido ao impacto contínuo da Peste Suína Africana. A produção de cabras também teve queda, passando de 14,9 mil toneladas para 14,3 mil toneladas, devido aos efeitos do fenômeno *El Niño*.

Em relação aos dados de produção animal e inventário para o ano de 2024, como a apuração oficial é realizada de maneira regionalizada, apenas estão disponíveis informações de algumas regiões administrativas, conforme exemplificado nos materiais de divulgação constantes do site da PSA (Figura 2).

Figura 2: Infográficos do volume de produção animal da região de Cordillera em 2024 e do inventário de criação animal na província de Apayao em 2023 e 2024.



Fonte: *The Philippine Statistics Authority*, 2025 (<https://rssocar.psa.gov.ph/infographics>).



85

Avicultura e suinocultura representam os setores da produção animal com maior demanda por insumos para alimentação e produção de rações nas Filipinas. Também a aquicultura, com destaque para a produção de bangus, tilápia e camarão.

Tendo em vista os projetos de governo e as políticas públicas para garantir a segurança alimentar e aumentar a produção de proteína animal no país, cuja demanda também está aquecida pelos crescentes níveis de desenvolvimento econômico e hábitos de consumo da classe média, consolida-se um mercado promissor para os produtos oriundos da reciclagem animal utilizados como insumos para rações e para produção de alimentos para animais.

O mercado de alimentos para animais de estimação nas Filipinas também tem experimentado um crescimento significativo nos últimos anos, impulsionado por um aumento na posse de animais de estimação e mudanças nas atitudes em relação ao cuidado animal. Os animais de estimação cada vez mais considerados membros da família, com seus proprietários priorizando sua saúde e bem-estar.

Em termos de valor de mercado, estimativas indicam que o setor de *pet food* nas Filipinas alcançou USD 292,20 milhões em 2024, com projeções de crescimento a uma taxa composta anual (CAGR) de 18,45%, atingindo USD 681,32 milhões até 2029.

Este crescimento reflete uma tendência mais ampla na região da Ásia-Pacífico, onde a humanização dos animais de estimação e a demanda por produtos de alta qualidade estão impulsionando o mercado de alimentos para animais de estimação. As importações crescentes de *pet food* no segmento de produtos *premium* e especializados pelas Filipinas refletem esta tendência. Porém, também existe mercado para a produção de alimentos para animais de estimação em nível local, visando prover o mercado com produtos de valor mais acessível. Nesse sentido, também há um potencial para ser considerado em relação ao suprimento de insumos para a indústria local de *pet food*.

Além da produção de alimentos para animais, existe a aplicação dos produtos da reciclagem animal em escala industrial, pois gorduras animais são empregadas na produção de sabões, cosméticos e biodiesel, aumentando a necessidade de importação desses produtos. Em que pese a produção de biodiesel nas Filipinas utilizar principalmente os subprodutos da indústria do coco, é um segmento que pode ser mais bem estudado.

Importações e Principais Países Exportadores

Tendo em vista que a produção local não atende à demanda, as Filipinas importam anualmente uma quantidade significativa de farinhas e gorduras de origem animal. Em 2023, o país importou cerca de 330 mil toneladas desses produtos de diversos fornecedores globais.

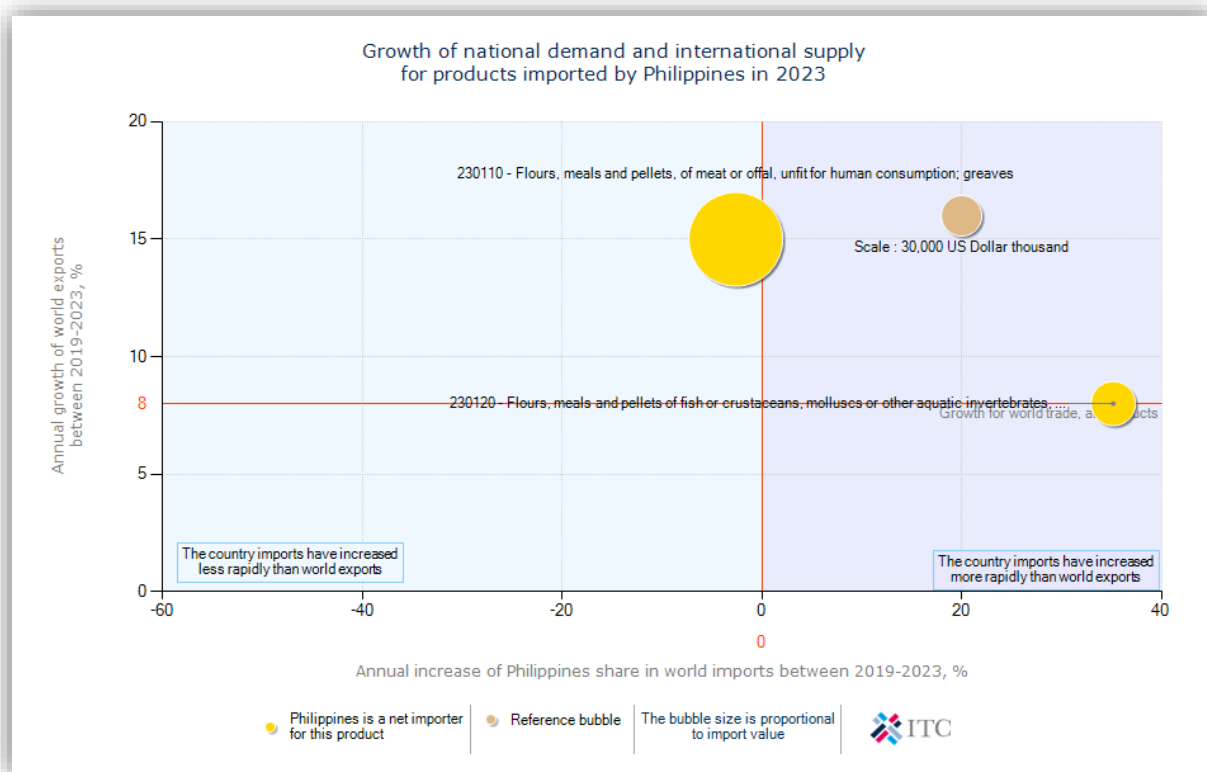
Em 2023, para os produtos incluídos no código HS 2301 (farinhas, pós e *pellets*, de carne ou de miudezas, de peixes ou crustáceos, moluscos ou outros invertebrados aquáticos, impróprios



para consumo humano; torresmos), as importações das Filipinas representam 1,9% das importações mundiais deste produto, figurando na 15ª posição na classificação das importações mundiais, conforme dados estatísticos consolidados no Trade Map (<https://www.trademap.org/>).

Ainda sobre as importações de farinhas de origem animal, a Figura 3 mostra a evolução da importação de tais produtos pelas Filipinas, comparando as importações filipinas nesse segmento em 2023 com as exportações mundiais dos produtos no período de 2019 a 2023. Este gráfico do ITC (*International Trade Centre*) apresenta o crescimento da demanda nacional e da oferta internacional para produtos importados pelas Filipinas em 2023. Nota-se que o mercado filipino tem uma demanda crescente por farinhas e *pellets* de origem animal (principalmente de carne e miúdos), tornando-o um mercado promissor para exportadores desses produtos. Já as importações de farinhas de pescado e crustáceos cresceram menos do que a média global, sugerindo uma menor expansão da demanda local nesse segmento. No entanto, as Filipinas continuam sendo um importador líquido para esses produtos, o que reforça a necessidade de suprimento externo.

Figura 3: Evolução da demanda nacional e do suprimento internacional de produtos importados pelas Filipinas em 2023.



Fonte: Trade Map (ITC), 2025.



Entre os principais exportadores de produtos da reciclagem animal para o mercado filipino, destacam-se países da União Europeia, como Itália e França; os EUA, com sua presença bastante consolidada neste mercado; e países asiáticos, como a Malásia.

Em 2023, a Itália, os EUA e a França foram os três maiores fornecedores, representando juntos uma parcela significativa das importações filipinas desse produto. No mencionado ano, Canadá, Malásia, Bélgica e Países Baixos também apresentaram presença relevante, sendo os três últimos com percentuais inferiores a 10%, mas ainda expressivos. Outros países, como Irlanda, Reino Unido, Coreia do Sul e Dinamarca, tiveram menor participação, mas ainda contribuíram para o abastecimento do mercado filipino em 2023.

O Brasil, segundo maior produtor mundial de produtos da reciclagem animal, tem aumentado significativamente sua participação no mercado filipino desde a abertura para farinhas e gorduras animais em janeiro de 2024.

A tabela apresentada na Figura 4 mostra as exportações de produtos da reciclagem animal do Brasil para as Filipinas em 2024, por valor e volume, com a descrição dos produtos e seus respectivos códigos HS, conforme dados consolidados do Agrostat - Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro. No período, o valor total exportado pelo Brasil às Filipinas foi de USD 939.056, correspondendo a (1,67 mil toneladas de produtos oriundos da reciclagem animal.

Figura 4: Exportações de produtos da reciclagem animal do Brasil para as Filipinas em 2024, por valor e volume.

Exportações do Brasil para as Filipinas - Produtos da Reciclagem Animal		Agrupamento	Agronegócio	
		Transação	Exportação	
		Ano	2024	
Código HS e Produto	País	Valor (USD)	Peso (Kg)	
23011090 - FARINHA DE MIUDEZAS, IMPRÓPRIOS P/ ALIM. HUMANA E TORRESMOS	FILIPINAS	354.789	977.266	
23012010 - FARINHAS, PÓS, 'PELLETS' DE PEIXES, IMPRÓPRIOS P/ ALIM. HUMANA	FILIPINAS	340.733	281.050	
23011010 - FARINHAS, PÓS E 'PELLETS' DE CARNE, IMPRÓPRIOS P/ ALIM. HUMANA	FILIPINAS	41.080	104.000	
05119999 - OUTROS PROD. DE ORIGEM ANIMAL, IMPRÓPRIOS P/ ALIM. HUMANA	FILIPINAS	186.300	288.376	
15019000 - GORDURA DE AVES	FILIPINAS	16.154	22.570	
Totais		939.056	1.673.262	

Fonte: Agrostat - Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro (MAPA), 2025.

Se considerarmos apenas os produtos incluídos no código HS 2301, correspondente às farinhas de origem animal, é possível verificar que, em apenas um ano após a abertura do mercado de produtos da reciclagem animal para as Filipinas, o volume exportado para esse destino em 2024 ultrapassou 1.673 toneladas. Caso os percentuais de representatividade dos países



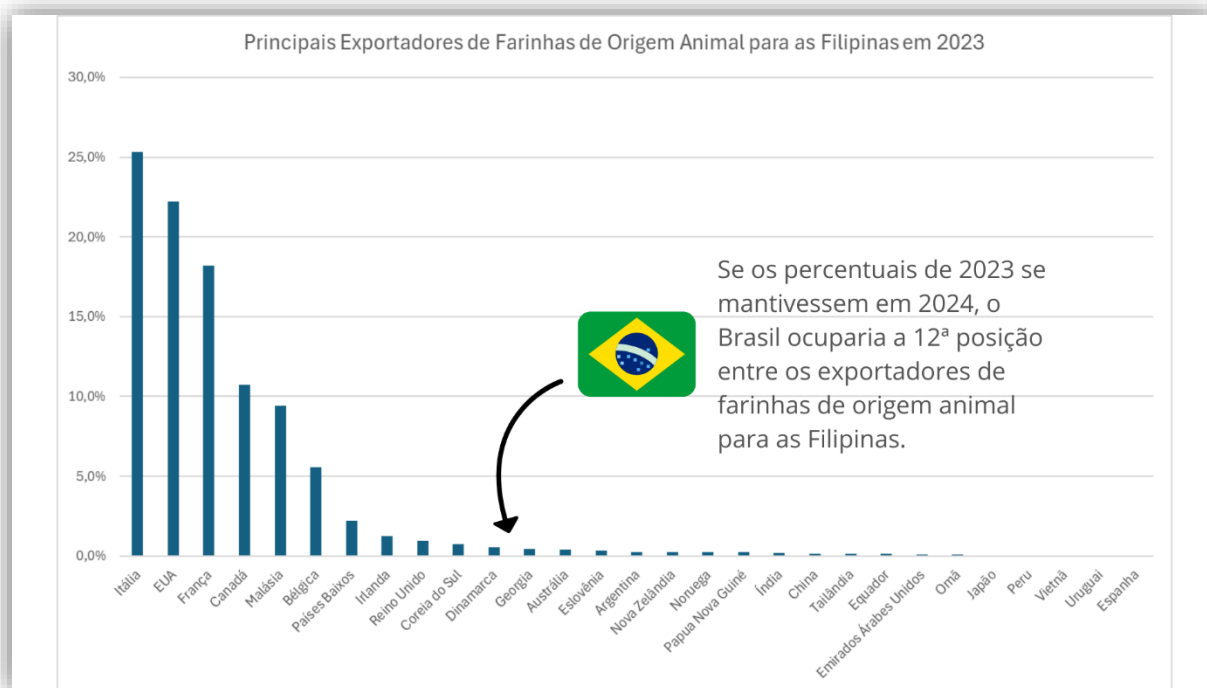
fornecedores de farinhas de origem animal para as Filipinas em 2023 fossem mantidos em 2024, o volume destes produtos exportados pelo Brasil elevaria o país para a 12ª posição entre os exportadores de farinhas de origem animal para as Filipinas (Figura 5).

Essa rápida evolução é um forte indicativo do potencial deste mercado para as exportações brasileiras. Nesse sentido, estabelecer a estratégia comercial para avançar neste ranking é primordial. O Brasil pode focar em preços competitivos, na diferenciação e na qualidade dos produtos ofertados e em acordos e negociações favoráveis.

Além disso, a ampliação da participação brasileira nesse mercado pode ser favorecida pelo fortalecimento das relações bilaterais e pelo alinhamento com os requisitos sanitários e regulatórios exigidos pelas Filipinas. Investir em certificações que atestem a segurança e a rastreabilidade dos produtos, bem como na eficiência logística para garantir a competitividade nas entregas, pode ser um diferencial estratégico. A identificação de nichos específicos dentro do segmento de farinhas de origem animal, como a destinação para a aquicultura ou a alimentação de animais de alto desempenho, também pode abrir novas oportunidades para consolidar o Brasil como um fornecedor relevante no mercado filipino.



Figura 5: Principais países exportadores de farinhas de origem animal para as Filipinas em 2023, em percentual de volume e comparação das exportações desses produtos do Brasil para as Filipinas em 2024.

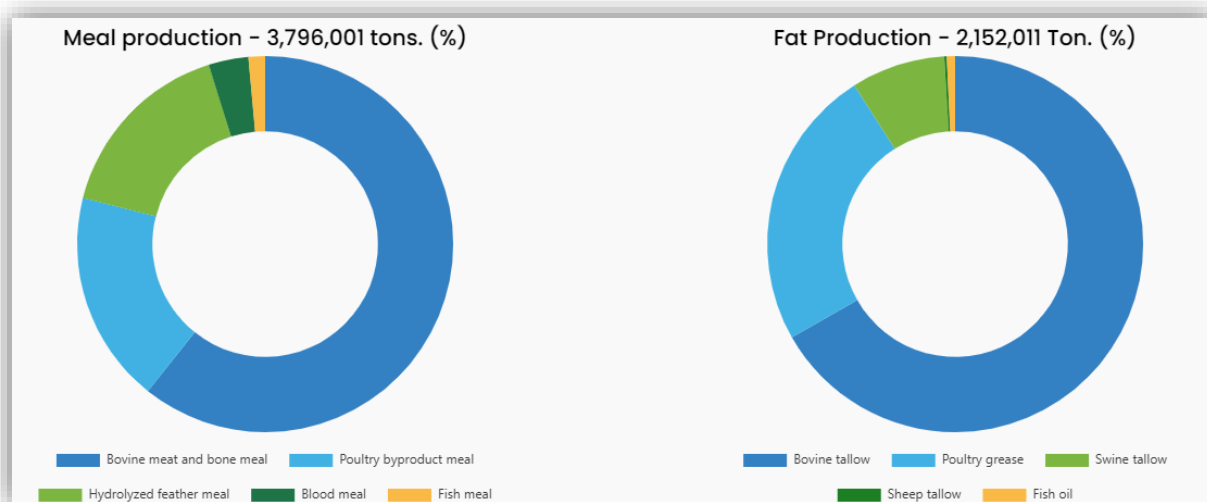


Fontes: Trade Map (ITC), 2025; e Agrostat - Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro (MAPA), 2025.



Destaca-se a capacidade instalada do Brasil para a oferta de produtos da reciclagem animal, conforme dados divulgados pelo setor (<https://brazilianrenderers.com/sector/>). Em 2023, o país produziu 5,9 milhões de toneladas de farinhas e gorduras de origem animal, tendo como principais fontes os subprodutos de origem bovina, de aves e suína, respectivamente (Figura 6).

Figura 6: Produção de farinhas e gorduras de origem animal no Brasil em 2023.



Fonte: *Brazilian Renderers*, 2025 (<https://brazilianrenderers.com/sector/>).

Aspectos Regulatórios

A regulamentação filipina para importação de produtos da reciclagem animal é rígida, com exigências sanitárias detalhadas. O Departamento de Agricultura (DA), por meio do Bureau de Indústria Animal (BAI) é o órgão responsável por estabelecer diretrizes e padrões para a produção, importação e distribuição desses produtos, garantindo a segurança alimentar e a saúde pública.

Os principais requisitos incluem a certificação sanitária emitida pelo país exportador; a inspeção e aprovação de plantas processadoras pelos órgãos sanitários filipinos; e a conformidade com normas que tratam de resíduos químicos e microbiológicos.

Para exportadores brasileiros interessados no mercado filipino, é fundamental atender às exigências sanitárias estabelecidas pelo BAI. Isso inclui a obtenção de Certificados Sanitários Internacionais (CSIs) específicos para cada tipo de produto, como farinhas, gorduras e hemoderivados de origem animal. Em 2024, o Brasil obteve aprovação para exportar diversos produtos de reciclagem animal para as Filipinas, após a aceitação dos modelos de CSIs propostos.



pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), consolidando a presença do Brasil como um fornecedor confiável para esse mercado.

As principais normativas do DA e do BAI sobre o tema são a *Administrativer Order* n. 06, de 01 de fevereiro de 2008, intitulada *Accreditation of Foreign Rendering Plants Exporting Processed Animal Proteins to the Philippines* e a *Memorandum Order* n. 09, de 06 de fevereiro de 2015, intitulada *Guidelines in the Accreditation of Foreign Rendering Plants Exporting Processed Animal Proteins to the Philippines for Animal Feed Use*.

Além das regulamentações sanitárias, o BAI estabelece normas para rotulagem, armazenamento e transporte de produtos de origem animal, visando garantir a qualidade e a segurança ao longo de toda a cadeia produtiva.

Em relação às questões tarifárias, a Tabela de Tarifas de Nação Mais Favorecida (*Most-Favoured-Nation* - MFN) para os anos de 2024 a 2028, atualizada pela *Executive Order* No. 62, de 20 de junho de 2024, estabelece tarifa zero para a importação de farinhas de origem animal classificadas sob código HS 2301 e para os produtos de origem animal destinados à alimentação animal sob código HS 051191. Já as tarifas de importação aplicadas às gorduras e óleos de origem animal importados pelas Filipinas estão entre 1% e 3%.

Eventos para o Setor de Reciclagem Animal

Nas Filipinas, há eventos significativos relacionados à alimentação animal, produtos da reciclagem animal e rações. Um dos principais é a **Livestock Philippines**, uma feira internacional dedicada à produção e processamento para animais de criação. A edição de 2025 está programada para ocorrer de 25 a 27 de junho, no World Trade Center, em Pasay City, Manila (Figura 7). Desde sua primeira edição em 2011, a *Livestock Philippines* foi o principal evento *B2B* internacional dedicado aos setores de gado, aves, aquicultura, rações e carnes para ajudar a promover e contribuir para o crescimento da indústria agrícola nas Filipinas. Este é um evento bienal que funciona como uma plataforma abrangente para expositores locais e internacionais para ajudá-los a mostrar seus produtos mais inovadores disponíveis no mercado global e conectá-los com os principais participantes da indústria, tomadores de decisão e compradores comerciais. O evento oferece acesso gratuito a vários seminários técnicos, conferências e outras atividades que despertam o conhecimento sobre as tendências de mercado, notícias, pesquisas e os últimos desenvolvimentos da indústria (<https://www.livestockphilippines.com/> e <https://www.facebook.com/LivestockPhExpo/>).



Figura 7: Material de divulgação da *Livestock Philippines 2025*, feira internacional dedicada à produção e processamento para animais de criação, a ser realizada em Manila.



91



Fonte: *Livestock Philippines*, 2025 (<https://www.facebook.com/LivestockPhExpo/>).

Outro evento muito relevante para o setor é a *ILDEX Philippines*, uma exposição internacional que abrange pecuária, laticínios, processamento de carnes e aquicultura. A edição de 2025 será realizada no período de 27 a 29 de agosto, no SMX Convention Center Manila (Figura 8). O evento objetiva construir um mercado para que profissionais e participantes da indústria local e internacional expandam as oportunidades de negócios por meio de uma ampla gama de atividades de destaque e redes bem conectadas (<https://ildex-philippines.com/>).

Figura 8: Material de divulgação da *ILDEX Philippines 2025*, exposição internacional que abrange pecuária, laticínios, processamento de carnes e aquicultura, a ser realizada em Manila.



Fonte: *ILDEX Philippines*, 2025 (<https://ildex-philippines.com/>).

A participação do setor exportador em eventos como a *Livestock Philippines* e a *ILDEX Philippines* é fundamental para fortalecer a presença do Brasil no mercado filipino de produtos da



reciclagem animal e nutrição animal. Essas feiras proporcionam uma plataforma estratégica para o networking com potenciais compradores, distribuidores e autoridades regulatórias, além de permitir a atualização sobre tendências, exigências sanitárias e inovações tecnológicas. O envolvimento ativo nesses eventos também contribui para a construção de parcerias comerciais, a ampliação da competitividade dos produtos brasileiros e a identificação de oportunidades para expansão no mercado asiático.



92

Desafios e Oportunidades

O mercado filipino de produtos da reciclagem animal apresenta oportunidades significativas para o Brasil, mas também impõe desafios que exigem estratégias bem definidas. Entre os principais obstáculos enfrentados pelos exportadores brasileiros, destaca-se a forte concorrência internacional, especialmente dos Estados Unidos e da União Europeia, que possuem uma presença consolidada no mercado filipino e já contam com relações comerciais bem estabelecidas.

Além disso, a logística e os custos de frete representam desafios relevantes, pois o transporte para o Sudeste Asiático pode elevar significativamente o custo final dos produtos brasileiros. Para mitigar esse impacto, é fundamental buscar eficiência na cadeia logística e explorar possíveis parcerias para otimização do escoamento da produção.

Por outro lado, a crescente demanda filipina por ingredientes para a nutrição animal, aliada à competitividade do Brasil na produção de farinhas e gorduras de origem animal, cria oportunidades de expansão para as exportações brasileiras. A tendência de crescimento da avicultura, suinocultura, aquicultura e da indústria de alimentos para animais de companhia gera maior necessidade de insumos, que podem ser supridos em uma parcela significativa pelos produtos brasileiros. Estratégias voltadas para a diferenciação dos produtos, fortalecimento das relações comerciais e ampliação da participação em eventos do setor podem ser determinantes para consolidar o Brasil como um fornecedor relevante e competitivo nesse mercado.

Em atenção à alta demanda por farinhas de origem animal, os produtos mais exportados pelo Brasil nesse segmento são farinhas de miudezas e farinhas de peixe, ambas amplamente usadas na alimentação de aves, suínos e peixes. Destaca-se o desenvolvimento das atividades de aquicultura nas Filipinas, que traz consigo uma demanda relevante da indústria de rações para pescado no país.

Como possibilidades de diversificação, além da alimentação animal, há potencial para fornecer gorduras para a indústria de biodiesel e oleoquímica.

Perspectivas e Considerações Finais

O mercado filipino de produtos da reciclagem animal apresenta desafios regulatórios e logísticos, mas também oportunidades promissoras para o Brasil. A crescente demanda do país

por insumos para rações, aquicultura e uso industrial abre espaço para que o Brasil expanda suas exportações e fortaleça sua posição no Sudeste Asiático.

A manutenção da qualidade dos produtos, o cumprimento das exigências sanitárias e a participação ativa em eventos comerciais serão fundamentais para que o Brasil continue a crescer nesse segmento e amplie sua participação no mercado filipino.

Em que pese a concorrência forte dos EUA e países da União Europeia, que já possuem uma base sólida de exportação às Filipinas, há espaço para ampliar as exportações, especialmente de subprodutos de carne e gorduras, se houver uma estratégia de mercado bem estruturada.

O Brasil tem uma posição relevante no fornecimento de ingredientes para a indústria de alimentação animal nas Filipinas. O resultado das exportações nesse segmento em 2024 evidencia um mercado que tem grande potencial para consolidação e estabelecimento de um fluxo comercial relevante. Embora o Brasil ainda possua uma participação modesta, sua rápida ascensão na lista de países exportadores sugere um potencial de expansão, além da possibilidade de se consolidar como um fornecedor relevante e estreitar os laços comerciais com as Filipinas.



ÍNDIA

ÍNDIA “ECONOMIC SURVEY 2024-2025” – TENDÊNCIAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO SETOR PECUÁRIO PARA O ANO DE 2025

Número: DELHI-003-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Delhi/Índia-Butão

Palavras-chave: *survey*; pecuária; economia

Responsável: Angelo de Queiroz Mauricio

SUMÁRIO: O setor pecuário indiano tornou-se um importante componente do crescimento socioeconômico da Índia, contribuindo com 30,23% para o Valor Agregado Bruto (VAB) da agropecuária no ano fiscal de 2023. O setor de lácteos, por exemplo, desde a implementação da chamada “revolução branca” na década de 70, se constitui em importante contribuinte não somente da dieta da população indiana, mas também do sustento das famílias do subcontinente. No entanto, apesar desse crescimento observado nos últimos dez anos, diversos desafios persistentes afetam sua produtividade, lucratividade e sustentabilidade. O presente relatório apresenta os principais aspectos relacionados à pecuária constantes do “Economic Survey 2024-2025”, publicado pelo Departamento de Assuntos Econômicos do Ministério das Finanças da Índia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Tendências:

1. Expansão do mercado e contribuição econômica:

- Somente o setor pecuário gerou 17 trilhões de rúpias indianas (cerca de 200 bilhões de dólares americanos) no ano fiscal de 2023, com a produção de leite respondendo por 11 trilhões de rúpias indianas, superando o valor combinado de culturas essenciais como arroz e trigo.
- Incluindo os segmentos de lácteos, carnes e produtos da pesca e aquicultura, esse setor apresentou, segundo dados oficiais do governo indiano, taxa de crescimento anual – CAGR – de 12,99% (pecuária) e 13,67% (pesca e aquicultura) entre os anos fiscais de 2015 e 2023, consolidando-se como um componente essencial da economia rural do país.
- Analistas privados, no entanto, projetam crescimento menos acelerado entre 2025 e 2033 para o mercado indiano de produtos pecuários, com taxa anual estimada entre 7% e 10%.

2. Apoio governamental e Integração de Tecnologias

- O governo indiano tem dedicado especial atenção ao crescimento e melhoria da pecuária e pesca indianas, prevendo a alocação de recursos específicos no orçamento da união para o desenvolvimento de programas de incentivo à produção e melhoria do status sanitário dos rebanhos, bem como para campanhas nas áreas de saúde animal e bem-estar animal.
- Iniciativas como a Missão Rashtriya Gokul, o Programa de Saúde e Controle de Doenças do Gado e o mecanismo de Técnicos Multifuncionais de IA (MAITRIs) se destinam a promover melhorias na reprodução, saúde animal e aumento de produtividade.
- O Fundo de Desenvolvimento de Infraestrutura de Pesca e Aquicultura (FIDF) e o Pradhan Mantri Matsya Sampada Yojana (PMMSY) se destinam a impulsionar significativamente a produção pesqueira e aquícola, sendo meta do governo aumentar o consumo per capita de pescado como fonte alternativa de proteína para a população.
- O governo tem buscado fomentar a adoção e disseminação de tecnologias como fertilização “in vitro”, sêmen sexado e melhoramento genético de raças mais resistentes às mudanças climáticas, como forma de tentar aumentar a produtividade leiteira.
- De igual maneira, técnicas avançadas de piscicultura, como sistemas de aquicultura de recirculação (RAS), tecnologia de bioflocos e criação em gaiolas, tem sido objeto de políticas e programas visando alcançar maior eficiência na produção de peixes.

3. Crescente demanda por proteína de origem animal

- Em função do aumento da população e do aumento da renda per capita e poder aquisitivo das famílias indianas, projeta-se crescimento substancial do consumo de alimentos em geral e em particular de proteínas de origem animal. Neste contexto, tanto o pescado quanto os produtos lácteos são importantes componentes na estratégia indiana de disponibilização de alimentos com valor nutricional e protéico à população do país, somando-se às tradicionais proteínas de frango e de leguminosas secas.

4. Crescimento das Exportações e Expansão do comércio

- As exportações de frutos do mar da Índia aumentaram 29,7%, alcançando ₹ 60.523,89 crore no ano fiscal de 2024, posicionando o país como um dos líderes globais na pesca.



- O governo indiano vem tentando implementar uma estratégia de melhor posicionamento de seus produtos pecuários no comércio exterior, sendo, portanto, um de seus objetivos incrementar as exportações carne de búfalo e de lácteos, em que pese as inúmeras restrições que seu atual status sanitário impõe às suas exportações. Neste sentido, espera-se um fortalecimento gradual dos programas de saúde animal e o consequente aumento da demanda por insumos e produtos veterinários.



Oportunidades:

1. Processamento de Laticínios e Agregação de Valor

- Investimentos em unidades de processamento de laticínios para queijos, iogurtes, produtos lácteos orgânicos e whey protein, apresentam oportunidades lucrativas em face das mudanças nas preferências e no perfil de consumo das famílias.
- O crescimento do mercado de suplementos nutricionais lácteos e alimentos funcionais atende à demanda de consumidores cada vez mais preocupados com a saúde e nutrição.

2. Expansão da Indústria de aves e de carnes.

- Atrair investimentos em unidades de armazenamento refrigerado e estabelecimentos para processamento de carnes e aves são parte da estratégia do governo indiano de atender à crescente demanda interna por proteína animal, esbarrando, no entanto, na disponibilidade de insumos para alimentação animal.
- A produção de carnes orgânicas ou “caipiras”, além de carnes de perus e patos para mercados premium representam um segmento de nicho de bom potencial, em face do fortalecimento do setor de hospitalidade.
- Comércio para carne suína no nordeste da Índia e a rota de comercialização com o Butão via porto de Calcutá e estados do Nordeste, podem também ser explorados.

3. Desenvolvimento da Pesca e Aquicultura

- A expansão da aquicultura em águas interiores e salinas fomentada pelos programas governamentais pretende impulsionar o consumo e a produção, bem como as exportações indianas.
- O uso de tecnologia na gestão da água e sistemas automatizados de alimentação vem ganhando especial destaque no setor indiano, podendo também ser explorado.

4. Saúde Animal e Indústria de alimentos para animais

- A crescente demanda por serviços veterinários, vacinas e suplementos nutricionais e produtos para alimentação animal apresenta boas oportunidades de investimento.
- Startups que utilizam inteligência artificial no monitoramento da saúde do gado podem melhorar a eficiência da pecuária e são objeto de interesse não somente do setor privado quanto público.



Desafios:

1. Gestão de Doenças e Saúde Animal

- A presença de doenças animais tais como febre aftosa e LSD, impactam a produtividade e causam prejuízos financeiros ao setor, ensejando esforços do governo para melhorias nos programas sanitários oficiais.
- A infraestrutura veterinária limitada em áreas rurais dificulta o tratamento e a prevenção eficazes sendo, no entanto, objeto de ações governamentais específicas.

2. Baixa Produtividade

- A baixa produtividade média do gado leiteiro nacional vem abrindo espaço para a exportação de material genético zebuino para a Índia, como parte dos esforços do setor em melhorar a qualidade de seus rebanhos.
- O uso relativamente ainda limitado de inseminação artificial e técnicas fertilização “in vitro” de maneira mais ampla entre os criadores indianos, é objeto de programas especiais do governo e podem representar boas oportunidades de cooperação técnica.

3. Alimentação animal e disponibilidade de forragem

- Analistas apontam que a Índia enfrenta um déficit de cerca de 20% em forragem seca e outros 20% em forragem verde, prejudicando a produção e produtividade pecuárias.
- Incertezas quanto a ampla disponibilidade de matérias-primas essenciais para a alimentação animal, incluindo milho, farelo de soja e farinha de peixe, limitam a produção de maneira geral, bem como o interesse de empresas do setor avícola de se instalarem mais agressivamente no país, a fim de endereçar a relação oferta-demanda de proteína animal.

4. Cadeia de frios

- Armazenamento e “cold storage”: transporte precário e acesso limitado às cadeias de frio resultam em perdas e dificuldades de comercialização produtos perecíveis principalmente longe dos centros urbanos. Programas de incentivo à instalação de empresas do setor vem tentando endereçar tais desafios.

Conclusão

Em face dos incentivos do governo, da procura indiana por soluções tecnológicas e do aumento da demanda interna por proteína e alimentos de valor nutricional, o setor de pecuária da Índia oferece um grande potencial de crescimento. Os investimentos que o governo indiano vem fazendo na indústria de processamento e agregação de valor, aliados aos incentivos à produção, em especial de pescado, tendem a acentuar a importância do setor pecuário na economia nacional. No entanto há que se endereçar os desafios existentes no campo do controle de doenças e sanidade animal, infraestrutura e cadeia de frios, disponibilidades de insumos e alimentação animal, bem como a adoção de tecnologias associadas ao melhoramento genético e fortalecimento dos serviços veterinários



INDONÉSIA

98

INDONÉSIA AUTORIZA QUOTA DE IMPORTAÇÃO NO TOTAL DE 20 MIL TONELADAS DE CARNE BOVINA BRASILEIRA CONGELADA

Número: JAC-03-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Jacarta/Indonésia

Palavras-chave: carne bovina

Responsável: Bruno Breitenbach

SUMÁRIO: Indonésia autoriza quota de importação de carne bovina brasileira congelada no total de 20 mil toneladas. Importações brasileiras e indianas continuarão vinculadas a duas empresas estatais. Quotas de importadores privados vinculadas a outras origens foi diminuída para 80 mil toneladas.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

A comissão multiministerial indonésia responsável pela definição das quantidades anuais de importação a serem autorizadas pelo país se reuniu no mês de fevereiro e definiu as novas quantidades de carne bovina e bubalina a serem importadas para o ano 2025.

Ao todo, foram autorizadas quotas anuais de importações de carne bovina e bubalina no total de 280 mil toneladas distribuídas da seguinte forma:

- 100 mil toneladas de carne de búfalo provenientes da Índia, divididas igualmente entre duas empresas estatais, Berdikari e Perusahaan Perdagangan Indonesia-PPI.
- 100 mil toneladas de carne bovina, divididas igualmente entre duas empresas estatais, Berdikari e Perusahaan Perdagangan Indonesia-PPI. **Dessa quantidade, cada empresa estatal será autorizada a importar 10 mil toneladas do Brasil, totalizando 20 mil toneladas de origem brasileira.**
- 80 mil toneladas a serem importadas por operadores privados tendo como origem os EUA, Austrália, Espanha, Nova Zelândia e Japão. A quantidade é 100 mil toneladas menor que o esperado pelos importadores privados.

Encaminho abaixo contatos dos compradores de carne bovina das empresas públicas indonésias Berdikari e PPI.:

Empresa e cargo	Nome	Email	Telefone
Sr. Dicky Bayu	PPI – Head da Divisão de Compras Internacionais	dicky_pradana@ptppi.co.id	+6281282061659
Sr. Ude Ahdar	Berdikari – Gerente Geral de Compras	ude.ahdar@ptberdikari.co.id	+6281210361160 (Srta. Meinda – secretária do Sr. Ude Ahdar)
Sra. Alfiati	Berdikari Marketing	alfiati@berdikari-persero.co.id	+6281310864318

Disclaimer: As informações relacionadas não ficam disponíveis por meio de documento público no país, tendo sido coletadas através de contatos nos setores público e privado do país, bem como por meio do que foi relatado na imprensa indonésia. Imprecisões e mesmo alterações são possíveis de ocorrerem.

IRÃ

ANÁLISE DO MERCADO DE CARNE VERMELHA NO IRÃ



Número: TEERA-02-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Teerã/Irã

Palavras-chave: produção de carne vermelha; consumo; demanda e oferta; importações

Responsável: Marlos Schuck Vicenzi

SUMÁRIO: Este relatório oferece uma visão sobre o estado atual da produção e consumo de carne vermelha no Irã. Enfrentando um declínio consistente na produção local nos últimos anos, o país continua sendo um dos principais consumidores de carne vermelha na região. Contudo, a dependência das importações, somada às flutuações na produção interna, gera um desafio para suprir a demanda crescente.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O mercado de carne vermelha no Irã tem enfrentado mudanças significativas, especialmente à luz de uma produção reduzida nos últimos anos. Este documento busca explorar essas dinâmicas e suas consequências para o mercado consumidor, para as necessidades de importação e possíveis oportunidades para o Brasil.



Produção e Demanda

Em termos de produção, o mercado iraniano oferta aproximadamente 34 mil toneladas de carne vermelha por mês, com carne bovina constituindo 18 mil toneladas, carne ovina 12 mil toneladas, carne caprina 3 mil toneladas e outras carnes 1 mil toneladas (gráfico 1). No entanto, houve uma queda consistente de 19% a 25% na produção nacional entre 2023 e 2024, conforme relatado pela mídia local em inglês. Essa redução na oferta exigiria um suporte governamental mais eficaz, como destacado pelo presidente da União Nacional de Pecuáristas, que demandou redirecionamento de subsídios atualmente destinados ao apoio da importação para o fortalecimento da produção interna.

O Irã figura entre os principais consumidores de carne vermelha na região, com uma demanda mensal variando entre 80.000 e 93.750 toneladas. A discrepância entre oferta e demanda ressalta a necessidade de importações substanciais para suprir o mercado de carne vermelha (gráfico 2). O Brasil frequentemente é citado como o principal fornecedor dessas importações, sempre com destaque para a sua capacidade de atendimento aos requisitos religiosos do Irã.

Embora haja uma significativa redução do poder de compra dos consumidores iranianos, conforme relatos anteriores, que apontam uma tendência na redução do consumo per capita de carnes e a substituição de produtos mais caros por mais baratos, os dados atualmente disponíveis indicam um consumo per capita de 12,5 kg de carne vermelha, deste valor 8,0 kg seria relativo ao consumo de carne ovina. A dieta de proteínas animais no país é completada pela carne de frango, ovos e leite, com consumo per capita de 31,25 kg, 11,72 kg e 124,00 kg, respectivamente (gráfico 3).

Análise de oportunidades para o Brasil

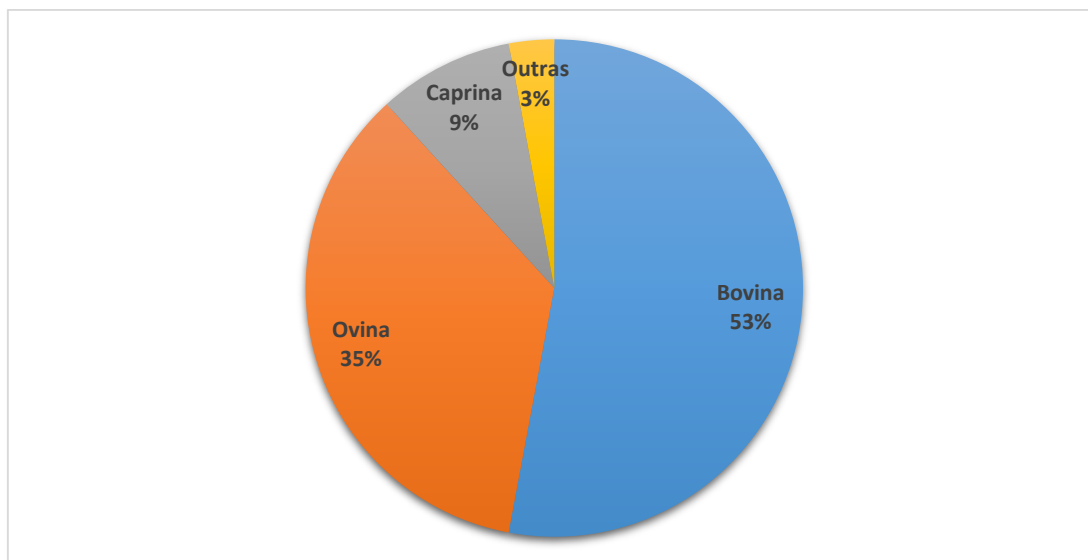
Com a contínua necessidade de importações de carne vermelha no Irã, o Brasil encontra um mercado firme, porém submetido a grandes pressões econômicas e logísticas impostas pela volatilidade cambial e pelas sanções internacionais que impactam o comércio no Irã. Embora a redução do poder de compra do consumidor iraniano pressione pela redução do volume total consumido de carnes, juntamente com a substituição de carne vermelha por carne de frango, dentro do grupo de carnes vermelhas o Brasil pode se beneficiar pela tendência de substituição da carne ovina (mais cara) pela carne bovina (mais barata).





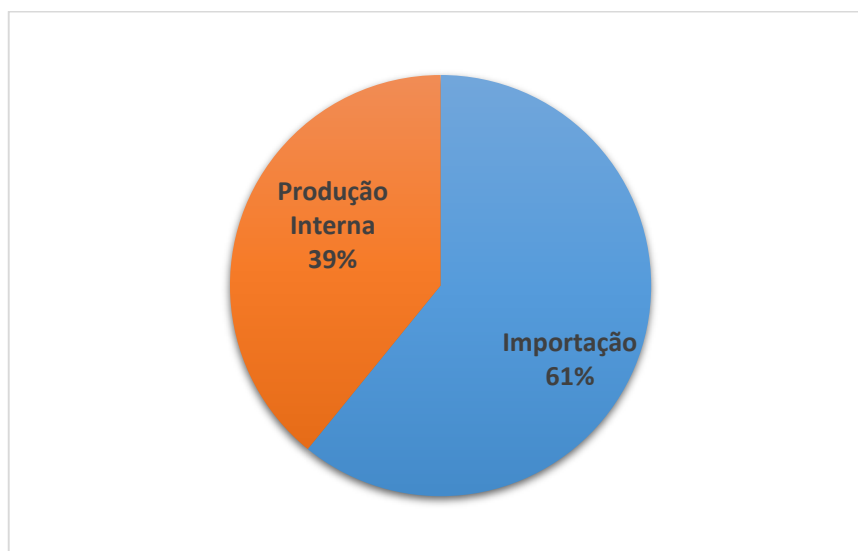
102

Gráfico 1: Distribuição da produção de carne vermelha no Irã. Estimativa do total mensal 34 mil Toneladas.



Fonte: Elaboração própria, a partir de informações coletadas em veículos de mídia em inglês.

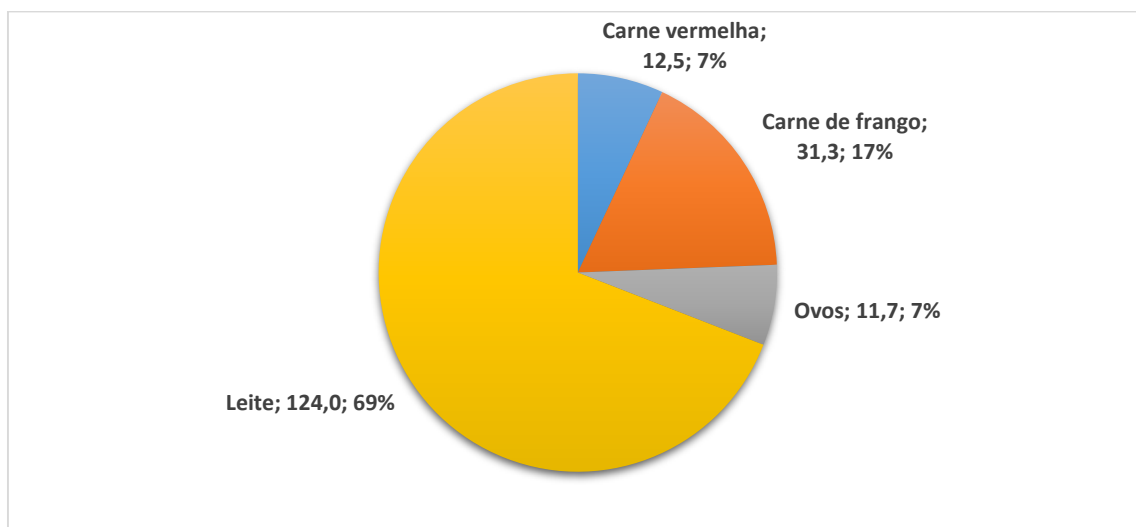
Gráfico 2: Distribuição entre a importação e produção interna de carne vermelha.



Fonte: Elaboração própria, a partir de informações coletadas em veículos de mídia em inglês.

Gráfico 3: Distribuição do consumo per capita de proteínas animais (Dados no gráfico indicam: tipo de proteína; consumo pp em kg/ano; percentual do consumo pp anual)





Fonte: Elaboração própria, a partir de informações coletadas em veículos de mídia em inglês.

14/01/2025)

ITÁLIA - FAO

ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL NO RELATÓRIO SOCO DA FAO

Número: ROMA-02-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Roma/Itália-FAO

Palavras-chave: alimentos; origem animal; comércio; nutrição; FAO

Responsável: Fernanda Vanessa Mascarenhas Magalhães

SUMÁRIO Este informe trata de algumas considerações sobre os alimentos de origem animal no relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO): *The State of Agricultural Commodity Markets (SOCO)*, que em 2024 analisou a relação entre políticas de comércio e medidas nutricionais. Entre as tendências observadas, o crescimento da renda se apresenta como um dos fatores determinantes na transição nutricional, levando a uma diversificação dos padrões alimentares, com maior consumo de proteínas de origem animal. Observa-se também que a abertura ao comércio também contribui para a melhoria das dietas ao expandir a disponibilidade média de proteína de origem animal para consumo em cada país.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



104

THE STATE OF AGRICULTURAL COMMODITY MARKETS (SOCO)

O relatório SOCO 2024 teve como tema “*Trade and Nutrition: Policy Coherence for Healthy Diets*” <https://openknowledge.fao.org/handle/20.500.14283/cd2144en> e analisa a relação entre políticas de comércio e medidas nutricionais.

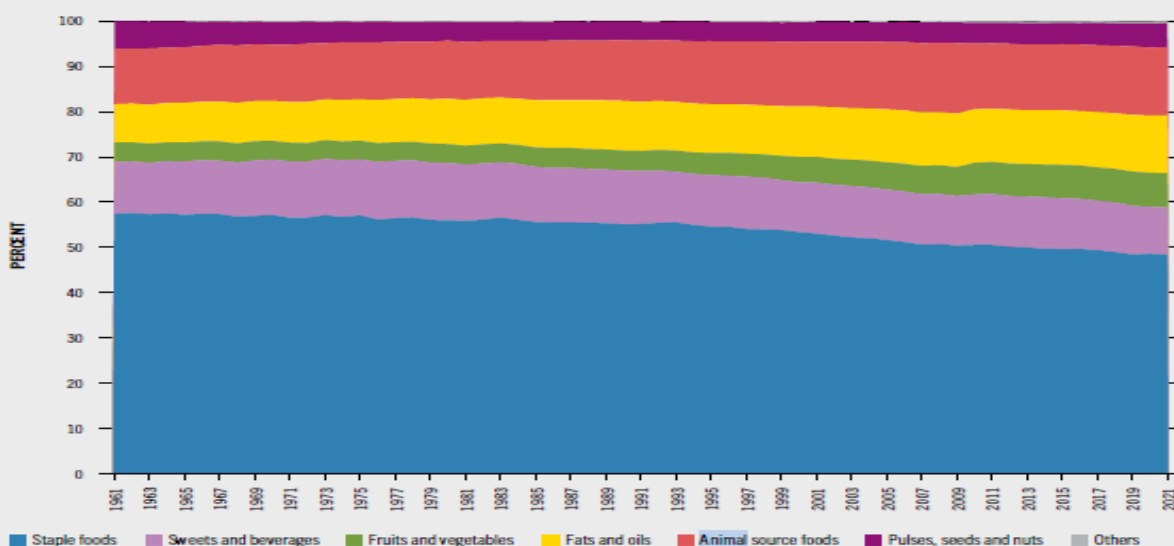
Os grupos alimentares dos alimentos de origem animal incluem ovos e seus derivados, carne e produtos cárneos, leite e produtos lácteos. Entre os alimentos mais comercializados são: queijo, carne de gado, frango e porco, leite em pó.

EFEITO DA RENDA SOBRE O CONSUMO DE ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL

De acordo com o documento, o crescimento da renda é um dos principais impulsionadores da transição nutricional. À medida que as rendas aumentam, os padrões alimentares mudam, deixando de ser predominantemente compostos por alimentos básicos para se tornarem mais diversificados, com as pessoas consumindo mais carne e peixe, leite e laticínios, ovos, frutas e vegetais.

Neste sentido, observa-se o papel crescente dos alimentos de origem animal na nutrição global, impulsionado pelo crescimento econômico e mudanças nas preferências alimentares. Registra-se que a participação de alimentos de origem animal nas calorias totais disponíveis para consumo aumentou de 12,2% em 1961 para 15,1% em 2021 (Figure 1.5).

FIGURE 1.5 TOTAL CALORIES AVAILABLE FOR CONSUMPTION IN THE WORLD BY FOOD CATEGORY, 1961–2021



NOTE: A new methodology to calculate food balances has been applied by FAO since 2010.

SOURCE: Authors' own elaboration based on FAO, 2024. FAOSTAT: Food Balances. [Accessed on 12 April 2024]. <https://www.fao.org/faostat/en/#data/FBS>. Licence: CC-BY-4.0]

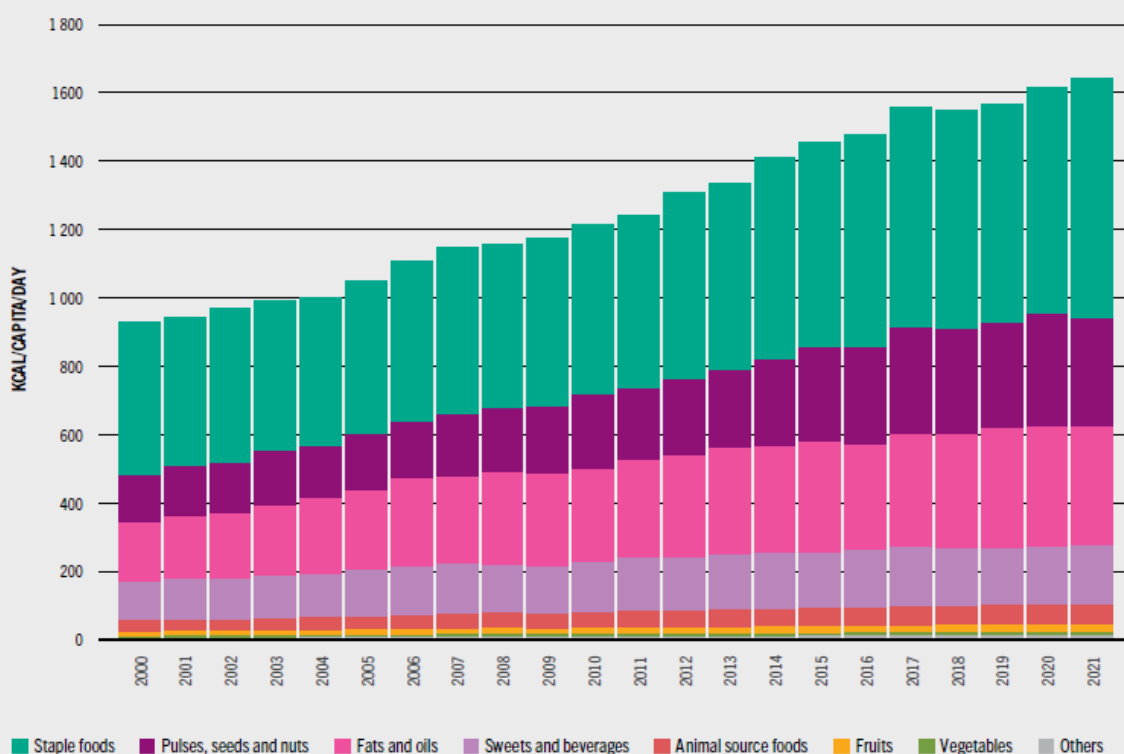
Esse crescimento foi mais acentuado em países de alta e média-alta renda, enquanto em países de baixa e média-baixa renda o aumento foi mais lento. Ainda há diferenças regionais e econômicas, com países mais ricos consumindo proporcionalmente mais alimentos de origem animal.

EFEITO DO COMÉRCIO NA DIETA

O relatório pondera que o comércio de alimentos afeta a disponibilidade, acessibilidade, acessibilidade econômica e diversidade dos alimentos nos mercados internos e tem importantes implicações para nossa dieta diária. Observa também que a abertura ao comércio também contribui para a melhoria das dietas ao expandir a disponibilidade média de proteína de origem animal para consumo nos países.

Entre 2000 e 2021, o comércio aumentou em todas as categorias de alimentos. O comércio de alimentos de origem animal aumentou de 37 kcal por dia per capita em 2000 para 64 kcal em 2021, enquanto os alimentos básicos cresceram de 444 kcal por dia per capita em 2000 para 697 em 2021 (Figure 2.3).

FIGURE 2.3 EVOLUTION OF TRADE BY FOOD CATEGORY (BASED ON DAILY PER CAPITA ENERGY CONTENT), WORLD, 2000–2021



SOURCE: Authors' own elaboration based on FAO. 2024. FAOSTAT: Trade – Crops and livestock products. [Accessed on 15 May 2023]. <https://www.fao.org/faostat/en/#data/TCL>. Licence: CC-BY-4.0.

Nos países de baixa e média renda, os alimentos de origem animal representaram 2,6% das calorias importadas e 15,1% do valor das importações em 2021. Já nos países de alta renda, estes alimentos uma participação mais expressiva, correspondendo a 6,4% das calorias importadas e 19,1% do valor total das importações em 2021 (Figure 2.4). 5,6% cal 22,5%



FIGURE 2.4 SHARES OF IMPORTS BY FOOD CATEGORY IN ALL FOOD IMPORTS (BASED ON ENERGY CONTENT AND MONETARY VALUE), 2000 AND 2021



CONSIDERAÇÕES

O SOCO traz importantes informações sobre a relevância do comércio internacional para a disponibilidade média de proteína de origem animal para consumo nos países, com implicações para a dieta diária. A evidências trazidas pelo relatório SOCO também podem auxiliar os exportadores de alimentos de origem animal na priorização de mercados em que onde se observa o crescimento populacional com aumento da renda.

JAPÃO

108

INFLUENZA AVIÁRIA TEM NOVOS FOCOS NO JAPÃO E ELEVA PREÇOS DE PRODUTOS

Número: TYO-02-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Tóquio/Japão

Palavras-chave: exportações; conjuntura sanitária; influenza aviária

Responsável: Marco Aurélio Pavarino

SUMÁRIO: O Japão tem enfrentado mais uma vez surtos de Influenza Aviária no país. A situação se agravou de forma crítica, com 5,4 milhões de aves abatidas somente no mês de janeiro de 2025. O Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca do Japão (MAFF) informou a ocorrência de 43 surtos de gripe aviária no período de março de 2024 até 24 de janeiro do presente ano. Esse número é o segundo maior já registrado, ficando atrás apenas do ano fiscal de 2022, quando foi registrado maior número de casos pelas autoridades japonesas. No entanto, em termos de aves abatidas, janeiro de 2025 já ultrapassou janeiro de 2023, quando um total de 4,6 milhões de aves foram abatidas. O impacto da crise sanitária no preço dos ovos já é sentido pelos consumidores japoneses. O governo japonês afirma que ainda é cedo para estimar possíveis impactos na carne de aves.

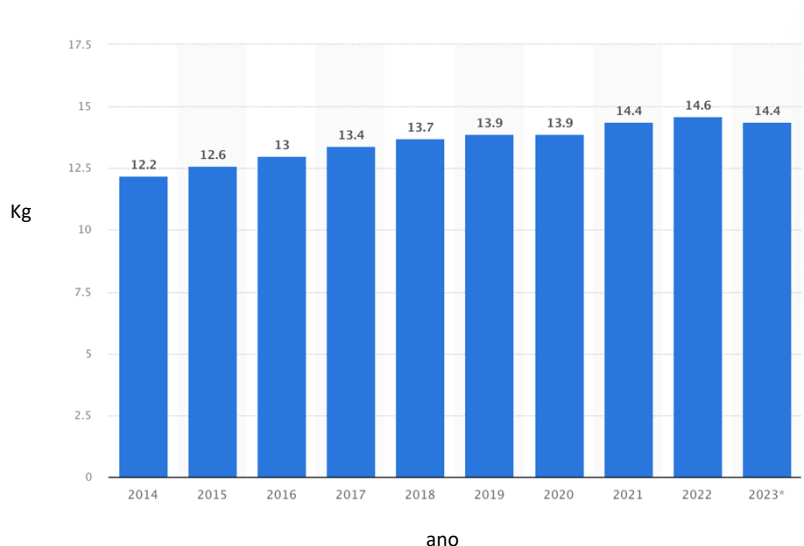
ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

A CRISE SANITÁRIA DE INFLUENZA AVIÁRIA NO JAPÃO

O consumo de carne de aves, ovos e seus produtos têm aumentado a cada ano no Japão. O país é um grande consumidor deste tipo de proteína, de ovos e de seus produtos. Em 2024 o consumo de carne de aves ficou em torno de 14kg por pessoa. Apesar de uma ligeira queda em 2023 o consumo deste tipo de proteína tem aumentado de forma constante nos últimos cinco anos, como demonstrado na figura abaixo.

109

Figura 1 – Consumo *per capita* anual por kg de carne de aves no Japão – período 2014 a 2023

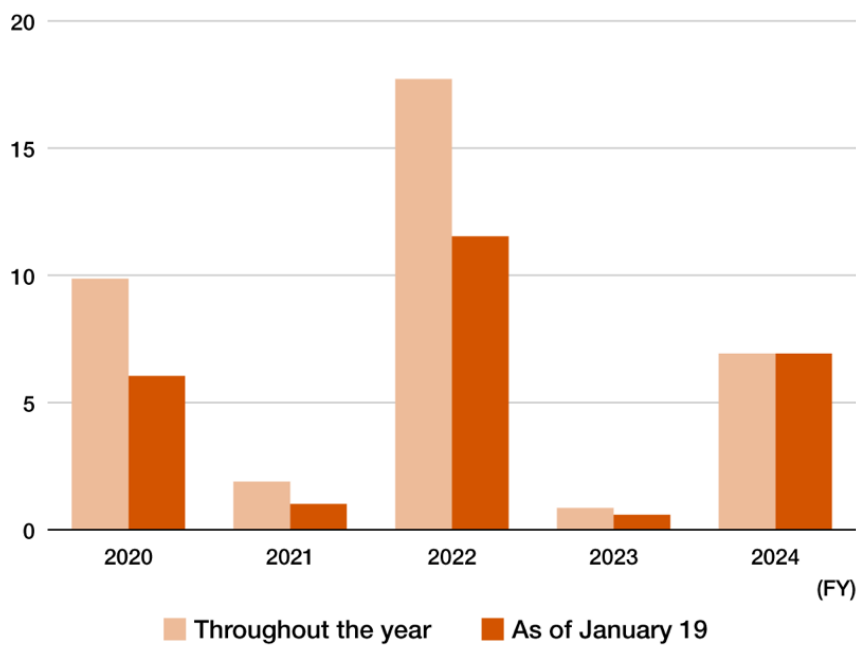


Segundo projeções da FAO, a tendência é de que este aumento continue nos próximos anos, já que também se verifica constância na substituição pelos japoneses da dieta proteica de pescados por carne de aves, suína e bovina ao longo dos anos.

Por outro lado, o Japão tem enfrentado problemas com a produção de ovos em decorrência dos surtos de Influenza Aviária no país. Em janeiro de 2025 foram registrados mais casos do que o mesmo mês em 2023, até então o mês de maior número de casos registrados no país. Já foram abatidos mais de 5 milhões de aves por conta das medidas sanitárias estabelecidas para o controle da doença. Para a produção interna de carne, o Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca do Japão (MAFF) afirma que ainda é cedo para estabelecer impactos mais significativos.

Os dados do (MAFF) apresentados na figura a seguir demonstram a gravidade da situação que o país enfrenta.

Figura 2 - Número de Aves abatidas em surtos de Influenza Aviária no Japão - período 2020/2024

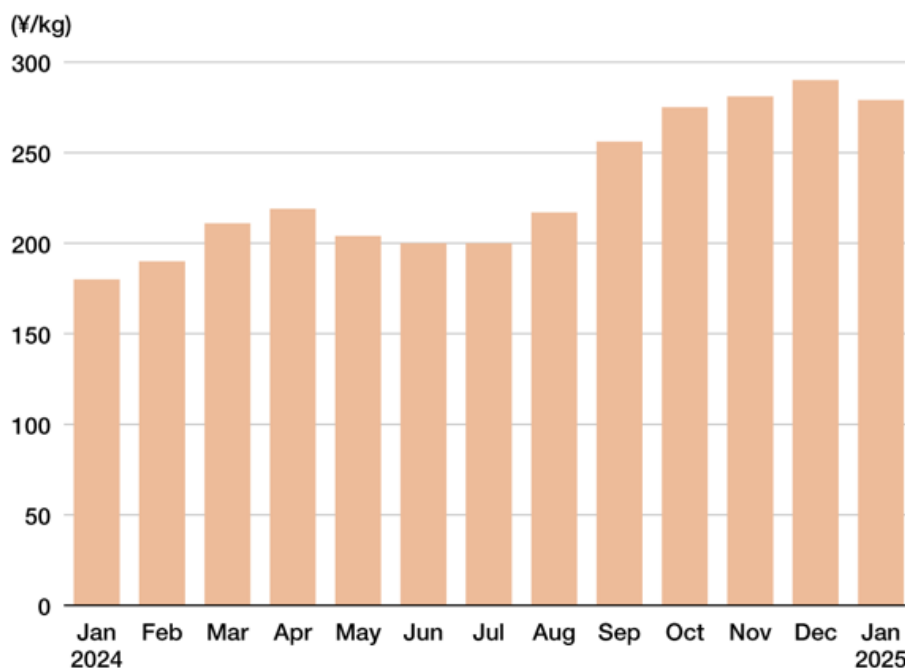


Fonte: criação da nippon.com a partir de dados do Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca do Japão – MAFF

Em resposta à crise crescente, o MAFF estabeleceu forças-tarefas locais nas prefeituras de Chiba, Aichi e Iwate (loais de maior intensidade de surtos) para intensificar os esforços de controle da disseminação da infecção. Em Chiba, província que tem a maior população de galinhas poedeiras do Japão (cerca de 11,2 milhões), haviam sido abatidas aproximadamente 2,5 milhões de aves até o dia 24 de janeiro.

A consequência direta desta situação é o aumento dos preços dos produtos para o consumidor. Uma pesquisa recente de preços de alimentos divulgada pelo MAFF em 21 de janeiro deste ano revelou que o preço médio de varejo de um pacote de 10 ovos subiu para ¥269, marcando um aumento de 16% em comparação com um ano normal. Dados da Federação Nacional de Associações de Cooperativas Agrícolas do Japão (Zen-Noh) indicam que o preço de atacado de ovos de tamanho médio em Tóquio atingiu ¥279 por quilo em 27 de janeiro, ligeiramente o mais alto do que o preço durante o mesmo período em 2023. O aumento dos preços é sentido mais diretamente em ovos, visto que os surtos acontecem de forma mais expressiva as granjas de aves poedeiras, levando ao abate de milhões de aves. A figura a seguir mostra o comportamento do preço dos ovos no Japão nos últimos doze meses.

Figura 3 – Comportamento do preço de ovos no Japão – Período jan 2024/jan 2025



Fonte: criação da nippon.com a partir de dados do Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca do Japão – MAFF

Apesar da situação sanitária enfrentada, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos projeta que a produção doméstica de aves no Japão tanto para ovos como para carne continuará a crescer ano a ano, tendo em vista que a demanda nos setores de varejo e serviços de alimentação é impulsionada pelo turismo que cresce a cada ano no país. Da mesma forma que o consumo de ovos, estima-se um aumento no consumo de carne de frango no país, por ser a proteína mais acessível à população em tempos que o país enfrenta inflação e alta de preços.

O MERCADO DE CARNE DE AVES, OVOS E SEUS PRODUTOS PARA O BRASIL NO JAPÃO

O Brasil é o maior fornecedor de carne de frango ao Japão já há alguns anos. Cerca de 75% de todo volume de carne de frango importada pelo Japão vem do Brasil, com um volume de mais de 400 mil toneladas anuais. Apesar do enfraquecimento sofrido pelo iene japonês frente ao dólar desde 2022, não é esperada uma diminuição dos volumes importado pelo país. Ao contrário, a tendência é de aumento que, ainda que não em patamares tão expressivos, deverá ser constante, já que o consumo por turistas deverá se ampliar também.



Um desafio que o Brasil já enfrenta e deve ser objeto de atenção é a concorrência com a Tailândia, país com maior facilidade logística, já que está muito mais próximo ao Japão e cujas exportações, já representam quase a metade dos valores importados pelo país, apesar do volume exportado bem menor. O país do sudeste asiático tem capacidade de ofertar produtos elaborados em padrões e cortes específicos demandados pelos japoneses, que a indústria brasileira parece ainda não ter se adaptado. Isso é explicado em parte pelo menor custo de mão de obra que as indústrias processadoras encontram na Tailândia, já que as atividades são quase todas feitas manualmente.

Quanto às exportações de ovos e seus produtos, o Brasil tem experimentado uma excelente oportunidade no mercado japonês. O país foi o principal exportador de ovos ao Japão no ano de 2024 e a excelente condição de vigilância sanitária no país tem sido uma referência para a busca de importadores japoneses. A tendência é que as importações pelo Japão sigam aumentando, tendo em vista a situação dos surtos de Influenza Aviária no país e o aumento do consumo dos produtos originados de aves no país.



MALÁSIA

MERCADO DE QUEIJO IMPORTADO NA MALÁSIA

Número: KUALA-02-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Kuala Lumpur/Malásia

Palavras-chave: queijo; lácteos; mercado

Responsável: Dalci de Jesus Bagolin

SUMÁRIO: O mercado de queijo importado na Malásia apresenta um crescimento robusto, impulsionado pela urbanização, aumento de rendimentos e mudança de paladares influenciados pela cozinha ocidental. Embora ainda seja um mercado em desenvolvimento, a procura tem aumentado nos setores de varejo, HORECA e industrial, que tem demandado uma gama diversificada de queijos, desde opções processadas acessíveis a variedades gourmet premium. Fortemente dependente de importações, principalmente de países como a Nova Zelândia, Austrália e nações europeias. O Brasil tem acordo sanitário com a Malásia desde 2017, mas as exportações não são expressivas. Para exportar para a Malásia é necessário habilitação prévia e certificação Halal. É um mercado que pode auxiliar o Brasil a alavancar as suas exportações de lácteos.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





O Mercado de Queijo Importado na Malásia

O mercado malaio de queijo importado é um segmento dinâmico e crescente dentro do panorama mais amplo de importação de alimentos. Embora a Malásia não seja tradicionalmente uma nação de alto consumo de queijo em comparação com os países ocidentais, vários fatores estão a contribuir para o aumento da procura por queijo importado. Aqui está uma análise dos aspetos-chave deste mercado:

1. Visão Geral do Mercado e Impulsionadores do Crescimento:

- **Consumo Crescente, Ainda Relativamente Pequeno:** O consumo de queijo na Malásia está aumentando, mas ainda é relativamente baixo em termos per capita em comparação com as nações desenvolvidas. Isto indica um potencial de crescimento significativo.
- **Urbanização e Aumento de Rendimentos:** O aumento da urbanização e dos rendimentos são impulsionadores chave. À medida que os malaios se tornam mais abastados e urbanizados, as preferências alimentares evoluem, levando a uma maior exposição e adoção de cozinhas ocidentais e internacionais, incluindo queijo.
- **Influência da Cozinha Ocidental e Internacional:** A popularidade de restaurantes de estilo ocidental, cafés e cozinhas internacionais (italiana, francesa, coreana, japonesa, etc.) na Malásia está impulsionando diretamente a procura de queijo no setor HORECA (Hotéis, Restaurantes, Cafés) e indiretamente influenciando o consumo doméstico.
- **Turismo:** A Malásia é um destino turístico popular. Os turistas, especialmente de países consumidores de queijo, contribuem para a procura no setor HORECA e introduzem os locais a diversas variedades de queijo.
- **Aumento da Consciência das Variedades de Queijo:** Uma maior exposição através de viagens, meios de comunicação social e recursos online está aumentando a consciência e a apreciação dos malaios por diferentes tipos de queijo, para além dos tipos básicos processados.
- **Expansão dos Canais de Varejo:** O crescimento de canais de varejo modernos, como supermercados, hipermercados e lojas de alimentos especializados, inclusive online, torna uma variedade mais ampla de queijos importados mais facilmente disponível para os consumidores.



2. Segmentação do Mercado:

O mercado de queijo importado na Malásia pode ser segmentado por:

- **Varejo vs. HORECA vs. Industrial:**

- **Varejo:** Supermercados, hipermercados, lojas de alimentos gourmet são os principais canais para compras diretas ao consumidor. A procura está em crescimento tanto para queijos do dia a dia como para opções especializadas/gourmet.
- **HORECA:** Hotéis, restaurantes, cafés e empresas de catering são consumidores significativos de queijo importado. Eles usam queijo em vários pratos, desde clássicos ocidentais como pizzas e massas até incorporarem cada vez mais queijo na cozinha de fusão malaia.
- **Industrial/Processamento de Alimentos:** Os fabricantes de alimentos usam queijo importado como ingredientes em alimentos processados como molhos, refeições prontas, snacks e produtos de panificação. Este é um segmento menos visível, mas importante.

- **Tipo de Queijo:**

- **Queijo Processado:** Fatias, blocos, pastas. Permanece um segmento de volume significativo devido à acessibilidade e familiaridade. Frequentemente utilizado em fast food, sanduíches e para consumo doméstico geral.
- **Cheddar:** Popular e versátil, usado em culinária, sanduíches e como queijo de mesa. Várias qualidades de cheddar são importadas.
- **Mozzarella:** Essencial para pizzas, lasanhas e cada vez mais usado em outros pratos. A mozzarella (especialmente com pouca humidade e parcialmente desnatada) é um grande volume de importação. A forma mais comum de se encontrar mozzarella no varejo é de queijo em flocos/ralado.
- **Queijo Creme:** Popular para cheesecakes, sobremesas e pastas.
- **Gouda, Edam, Emmental:** Tornando-se mais comuns, especialmente no varejo e para uso HORECA em sanduíches, gratinados e pratos de queijo.
- **Parmigiano, Grana Padano:** Usados na culinária italiana, procura crescente em HORECA e para cozinheiros domésticos.
- **Queijo Azul, Brie, Camembert, Queijo de Cabra:** Segmento de nicho, mas crescente, atendendo a paladares mais sofisticados e consumidores gourmet. Frequentemente encontrados em lojas especializadas e restaurantes sofisticados.



- **Preço no varejo:**

- **Económico/Valor:** Queijo processado, cheddar básico são frequentemente sensíveis ao preço. O preço é em torno de 1,00 USD por 100 gr.
- **Faixa Média:** Blocos de cheddar padrão, mozzarella, Gouda, Edam. O preço é entre 1,00 e 4,00 USD por 100 gr.
- **Premium/Gourmet:** Queijos especializados (artesanais, envelhecidos, importados de regiões específicas), queijo orgânico, pratos de queijo. Preço em geral acima de 4,00 USD por 100 gr.

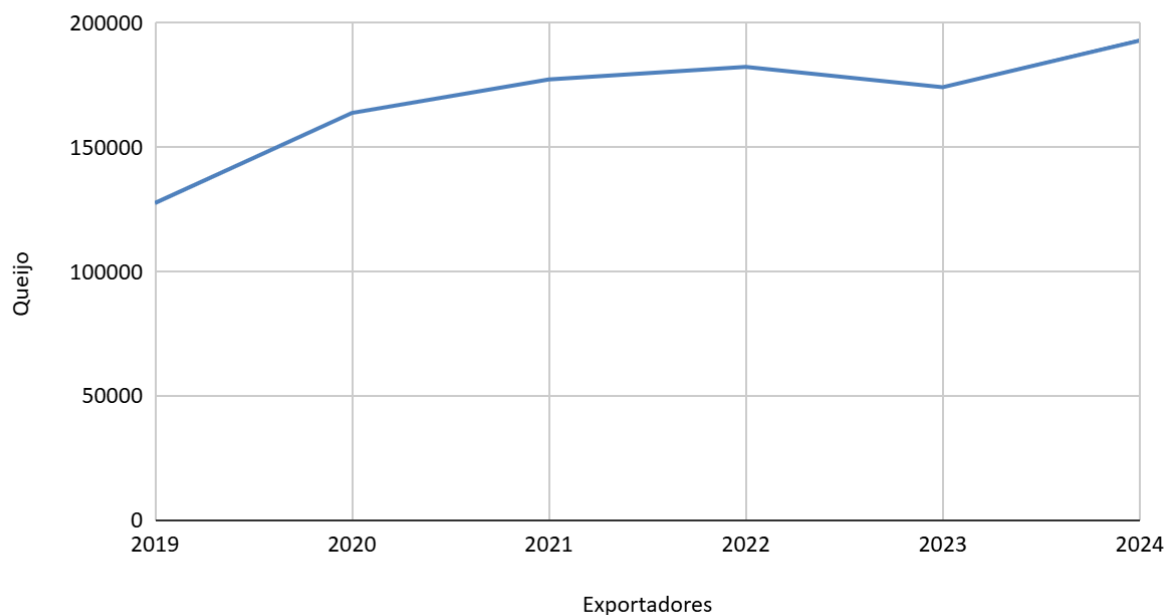


116

3. Importações:

- **Tendência:** As importações de queijo da Malásia têm um histórico de crescimento, com uma pequena redução em 2023, finalizando 2024 com USD 193 milhões.

Importações de Queijo pela Malásia



Fonte: TradeMap e Departamento de Estatísticas da Malásia

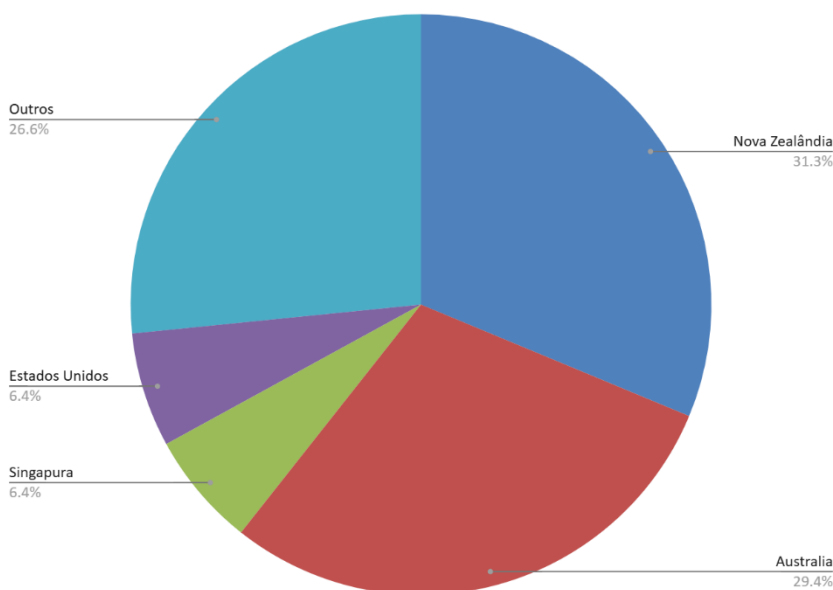
Principais Países Exportadores de Laticínios: A Malásia depende de importações de países com indústrias de laticínios fortes. O mercado é bastante concentrado, sendo que Nova Zelândia e Austrália representam 60% das importações. As principais fontes incluem:



117

- **Nova Zelândia:** A Nova Zelândia é tipicamente o principal fornecedor de queijo para a Malásia, detendo uma fatia substancial do mercado. Eles são particularmente fortes em queijo processado, cheddar e mussarela.
- **Austrália:** A Austrália é outro grande player, também fornecendo uma grande variedade de queijos, incluindo queijo processado, cheddar e mussarela.
- **Europa (UE):** Fonte cada vez mais importante, particularmente para uma variedade mais vasta de queijos como Gouda, Edam, Emmental, Parmigiano, Brie, Camembert e queijos especializados. Países da UE como a Holanda, França, Itália e Alemanha são os principais exportadores.
- **Estados Unidos:** Exportador significativo de cheddar, queijo processado e queijo creme.
- **Argentina:** Pode ser uma fonte para certos tipos de queijo, particularmente mozzarella.
- **Outros Países da ASEAN:** A produção limitada de queijo na maioria dos países da ASEAN significa que não são grandes fornecedores para a Malásia, embora algum queijo processado possa ter origem dentro da região.

Importações de Queijo da Malásia em 2023



Fonte: TradeMap

4. Tendências e Considerações Chave:

- **Procura Crescente por Variedade e Qualidade:** Os consumidores estão se tornando mais exigentes e procuraram uma gama mais ampla de tipos de queijo e opções de maior qualidade, para além do queijo processado.
- **Certificação Halal:** A Malásia é um país de maioria muçulmana. A certificação Halal é essencial para que a maioria dos queijos importados seja amplamente aceite e consumida, particularmente nos setores de varejo e HORECA. Os importadores devem garantir que o queijo seja certificado Halal por autoridades reconhecidas.
- **Expansão do varejo:** O crescimento de supermercados e hipermercados modernos fornece maior acesso a uma variedade maior de queijos importados.
- **Tendências de saúde e bem-estar:** Há uma conscientização crescente sobre saúde e bem-estar, o que pode influenciar potencialmente os padrões de consumo de queijo. Alguns consumidores podem procurar opções de queijo com menos gordura ou mais saudáveis.
- **E-commerce:** As compras de supermercado online estão se tornando mais populares na Malásia, fornecendo outro canal para os consumidores comprarem queijo importado.
- **Sensibilidade ao Preço vs. Produto Premium:** Embora a sensibilidade ao preço continue a ser um fator, existe um segmento crescente de consumidores dispostos a pagar mais por queijos premium, gourmet e especializados.
- **Imitação Local e Concorrência:** Embora a produção doméstica de queijo da Malásia seja muito limitada, pode haver alguma produção local emergente de queijo processado ou alternativas de queijo que possam oferecer concorrência de preços, embora a qualidade e a variedade provavelmente permaneçam a favor das importações no futuro previsível.

5. Ambiente regulatório:

- **Departamento de Serviços Veterinários (DVS):** O DVS é o principal órgão regulador para produtos alimentícios importados de origem animal, incluindo queijo.
- **Ministério da Saúde (MOH):** O MOH é responsável pela segurança alimentar e regulamentações de rotulagem.
- **JAKIM (Departamento de Desenvolvimento Islâmico da Malásia):** O JAKIM é o principal órgão de certificação Halal na Malásia. Os importadores devem obter a certificação Halal do JAKIM ou de um órgão certificador Halal estrangeiro reconhecido.
- **Permissões de importação:** Os importadores precisam obter permissões de importação do DVS.
- **Requisitos de rotulagem:** Os rótulos de queijo devem estar em conformidade com os regulamentos de rotulagem de alimentos da Malásia, incluindo informações em Bahasa Malaysia (o idioma nacional) e inglês, listas de ingredientes, informações nutricionais, país de origem e logotipo Halal.





6. Oportunidades para o Brasil

- As exportações do Brasil iniciaram em 2019, e vem crescendo, mas os valores ainda são irrisórios. Em 2024 o Brasil exportou USD 2.251,00. Para efeito de comparação, a Argentina tem exportado em média USD 1,5 milhões por ano.
- O Brasil tem desde 2017 um certificado sanitário internacional acordado com a Malásia
- Para exportar, é necessário habilitação prévia no Departamento de Serviços Veterinários e no JAKIM, para a certificação Halal. Atualmente não tem nenhum estabelecimento brasileiro habilitado para exportar para a Malásia.
- Embora o Brasil não seja um grande ator internacional nas exportações de queijo, a Malásia pode ser um mercado promissor para o Brasil alavancar as exportações do produto

Conclusão:

Em resumo, o mercado malaio de queijo importado é um mercado crescente e dinâmico, impulsionado pelo aumento de renda, urbanização e mudanças nas preferências do consumidor. Embora o queijo processado domine, há oportunidades para uma gama mais ampla de queijos, principalmente à medida que os consumidores se familiarizam mais com variedades. A conformidade com os regulamentos Halal e a compreensão da natureza sensível ao preço do mercado são cruciais para o sucesso. O mercado oferece oportunidades para ajudar a alavancar as exportações de lácteos do brasileiras.



MARROCOS

COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-MARROCOS EM 2024: ÊNFASE EM AGRONEGÓCIO

Número: RAB-02-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Rabat/Marrocos

Palavras-chave: Marrocos; Brasil; comércio bilateral; agronegócio; 2024

Responsável: Ellen Elizabeth Laurindo

SUMÁRIO: O comércio bilateral entre o Brasil e o Marrocos atingiu US\$ 2,77 bilhões em 2024, acima do valor registrado em 2023, porém menor do que o valor recorde alcançado em 2022 (acima dos 3 bi de dólares). O país registrou, pela primeira vez desde 2010, superávit comercial com o Marrocos. A explicação deve-se tanto à retração nas importações brasileiras provenientes do Marrocos quanto no aumento das exportações brasileiras para o Reino. Neste ano, o Marrocos ocupou a terceira posição nas exportações brasileiras para o continente africano, contribuindo com cerca de 8,76%, e o segundo lugar nas importações brasileiras da África, representando cerca de 16,56%. Em relação aos produtos do agronegócio, o açúcar bruto de cana, o milho e os bovinos vivos correspondem a mais de 90% do valor exportado, sendo o açúcar responsável por 65,7% das exportações brasileiras. Para 2025, as perspectivas de exportação ao Marrocos são promissoras, considerando a recente abertura de quotas tarifárias para carnes vermelhas, bovinos vivos, arroz e óleo de oliva.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



120





121

Dados de Fluxo Comercial entre Brasil e Marrocos em 2024

Segundo a base de dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o ComexStat, o fluxo do comércio bilateral entre o Brasil e o Marrocos atingiu, em 2024, US\$ 2,77 bilhões, valor acima do registrado em 2023 (US\$ 2,65 bilhões) porém menor do que o valor recorde alcançado em 2022 (US\$ 3,13 bilhões). Houve diminuição nas importações brasileiras provenientes do Marrocos e o aumento das suas exportações de modo que o Brasil registrou, pela primeira vez desde 2010, superávit comercial de US\$ 2,2 milhões de dólares.

Em 2024, o Marrocos ocupou a terceira posição nas exportações brasileiras para o continente africano (superado por Egito e Argélia), contribuindo com cerca de 8,76%, e o segundo lugar nas importações brasileiras da África, representando cerca de 16,56%. Em termos globais, o Marrocos foi o 40º destino das exportações brasileiras em 2024, correspondentes a 0,41% do total.

I) Exportações brasileiras ao Marrocos

As exportações brasileiras ao Marrocos registraram novo recorde histórico, em valor e em volume, tendo alcançado US\$ 1,389 bilhão (aumento de 12% em relação a 2023), com 3,57 milhões de toneladas (2,94 milhões em 2023), enquanto as importações diminuíram e totalizaram US\$ 1,387 bilhão (redução de 1,74% em relação a 2023), com 2,59 milhões de toneladas. Como resultado, o Brasil registrou, pela primeira vez desde 2010, superávit comercial com o Marrocos (2,2 milhões de dólares). Em 2023, o déficit comercial foi de US\$ 173,7 milhões e, em 2022, de US\$ 997 milhões.

Agronegócio

O açúcar de cana bruto não-refinado é, historicamente, o principal produto brasileiro exportado ao Marrocos, e em 2024, foi responsável por 65,7% das exportações brasileiras, com aumento de 13,28% em relação a 2023. Houve aumento das exportações deste produto em volume (1,9 milhão de toneladas contra 1,65 milhão em 2023) e, sobretudo, em valor (US\$ 913 milhões contra US\$ 806 milhões em 2023), devido à alta do produto no mercado internacional de *commodities*.

Em segundo lugar, encontraram-se as exportações brasileiras de milho em grão (21,4% do total exportado), com US\$ 297,2 milhões e 1,5 milhão de toneladas (aumento de 0,94% em relação a 2023). O milho é fortemente demandado pelo Marrocos para utilização na indústria de preparações para alimentação animal, altamente impactada pela seca prolongada que assola o país há mais de seis anos.

Os bovinos vivos para abate aparecem em terceiro lugar nas exportações brasileiras, com 17,8 mil toneladas e US\$ 42,2 milhões (aumento de mais de 370% em relação à 2023, quando o valor atingiu US\$ 11,2 milhões). Responsável por 3% das exportações brasileiras ao Reino, os bovinos vivos gozam, desde 2023, de isenção de cobrança de tarifas para facilitar a importação de



aproximadamente 30.000 cabeças de gado e novilhos destinados ao abate, como medida do governo marroquino para reduzir os preços da carne bovina no mercado interno.

Em quarto lugar, apareceu o café não torrado, não descafeinado, em grão, com US\$ 18,6 milhões (US\$ 7,3 milhões em 2023) e 5,5 mil toneladas. Em relação à 2023, houve um aumento expressivo de mais de 273% em valor e, em volume, de 253% (de 2.169 para 5.500 toneladas em 2024).

Em quinto lugar, encontram-se as exportações brasileiras de pimenta preta seca (triturada ou em pó), com US\$ 18,2 milhões (queda de 21,5% em relação a 2023) e 4,2 mil toneladas (7,3 mil toneladas em 2023).

II) Importações brasileiras a partir do Marrocos

O Marrocos foi a 35ª origem das importações brasileiras mundiais em 2024 (33ª em 2023), correspondendo a 0,53% do total (0,6% em 2023).

Os derivados de fosfato como compostos químicos dos fertilizantes continuam sendo o carro-chefe das importações brasileiras a partir do Marrocos. Em 2024, os complexos químico-industriais de fertilizantes e insumos para fertilizantes e demais fertilizantes minerais ocuparam o primeiro lugar, com aproximadamente US\$ 715 milhões, correspondendo a 52% do total das importações brasileiras (redução de 23% em relação a 2023).

Em segundo lugar, encontraram-se os fertilizantes fosfatados, com US\$ 447,2 milhões, correspondentes a 32% das importações brasileiras (aumento de 66% em relação a 2023). Em terceiro lugar, apareceram os difósforos e fosfinatos, com US\$ 99,1 milhões no total, correspondendo a 7% (aumento 1% em relação a 2023). Os cinco principais produtos importados pelo Brasil corresponderam a 96% do total das importações brasileiras.

Em relação a outros produtos agropecuários, as exportações de sardinhas evisceradas congeladas tiveram queda acentuada de 58% em 2024, com US\$ 10,29 milhões contra US\$ 24,2 milhões em 2023. Lembrando que já em 2023, observamos uma queda abrupta de 61% em relação à 2022, ou seja, nos últimos 2 anos, há redução anual média de 60% nas importações brasileiras de sardinhas a partir do Marrocos.

III) Perspectivas e oportunidades para 2025

As perspectivas são bastante promissoras de aumento das exportações brasileiras em 2025, considerando os seguintes fatores:

- a) a abertura, para o ano de 2025, de quota tarifária para importação isenta de impostos de carnes vermelhas frescas e miúdos (refrigerados ou congelados) para 40 mil toneladas. Já no primeiro mês do ano, a adidância agrícola foi informada sobre a consolidação de contratos para aquisição de aproximadamente 700 toneladas de carne bovina, junto a fornecedores brasileiros;
- b) a prorrogação, até 31 de dezembro de 2025, da suspensão dos direitos de importação e do IVA para bovinos vivos destinados ao abate em um contingente de 120 mil cabeças, o que dará continuidade à importação dos animais brasileiros;



122





123

c) em novembro de 2024, o governo marroquino autorizou a importação de 10.000 toneladas de azeite de oliva, isentas de IVA e direitos aduaneiros, até 31 de dezembro de 2025. A decisão busca compensar a queda da produção marroquina devido à seca e estabilizar os preços do azeite de oliva no mercado marroquino;

d) a suspensão do imposto de importação aplicado ao arroz de carga, válida para 2025, dentro do limite de uma quota de 55.000 toneladas. Segundo informação da Associação Brasileira da Indústria de Arroz (Abiarroz), o produto brasileiro é competitivo no mercado marroquino e há grande expectativa de comércio;

e) em julho de 2024, o Marrocos autorizou a importação de grãos secos de destilaria (DDG) provenientes do Brasil. Esses subprodutos da destilação são usados como ração para o gado, contribuindo para diversificar as fontes de fornecimento de matérias-primas para a pecuária marroquina.

f) a forte demanda por café, e a alta dos preços globais deste produto, poderá manter o notável aumento das importações marroquinas observadas em 2024.

Considerando as recentes melhorias no acesso aos produtos do agronegócio brasileiro, faz-se necessário o aumento das ações de promoção comercial e de imagem destes produtos no Reino. Para este fim, a adidância traz uma lista de eventos agropecuários e agroalimentares a serem realizados no Marrocos, que poderão contar com a participação de empresas brasileiras em 2025, a saber:

g) 2^{ème} Salon International de l'Élevage et des fermes agricoles – 2nd International Livestock and agricultural farms exhibition (SIDE)

Data: 19 a 22 de fevereiro de 2025

Local: El Jadida

Website: <https://www.side-maroc.com/>

Setor envolvido: Gado vivo

O SIDE é a maior feira pecuária do Marrocos. É uma plataforma onde profissionais da pecuária, agricultores, pesquisadores, fornecedores e especialistas se reúnem trocar conhecimentos, apresentar inovações e discutir desafios enfrentado pelo setor pecuário. A feira oferece oportunidades para descobrir os mais recentes avanços tecnológicos, novas práticas agrícolas sustentáveis e tendências emergentes na área de reprodução. Os expositores apresentam uma ampla gama de produtos e serviços relacionados à pecuária, tais como equipamentos de criação modernos, tecnologias de ponta para a gestão de pecuária, alimentação animal inovadora e soluções para a saúde animal.

h) 17^a SIAM Salon International de l'Agriculture au Maroc

Data: 21 a 27 de abril de 2025

Local: Meknès

Website: <https://www.salon-agriculture.ma/>

Setores envolvidos: agroalimentar, maquinário agrícola, embalagens





124

O SIAM acontece desde o ano de 2006, sendo uma feira muito estabelecida e grande, ocupando uma área de 18 ha. É voltada para vários setores da agricultura internacional de alimentos e bebidas e maquinários. A sua última edição contou com a participação de 70 países, 1.500 expositores, com público visitante na casa de 1 milhão de pessoas.

i) 1^{er} Salon International du Thé et du Café - 1st International Tea and Coffee Exhibition

Data: 21 a 24 de maio de 2025

Local: Casablanca

Website: <http://thecafeexpo.com/>

Setores envolvidos: chás e cafés

Este evento exclusivo foi criado para reunir representantes da indústria, profissionais e entusiastas de todo o mundo para celebrar e explorar o mundo do chá e do café. O evento contará com estandes de exposição para demonstração dos produtos e inovações mais recentes para um público diversificado, oportunidades de networking, workshops e seminários, competições de baristas.

j) SIEMA - 8th International Food Processing, Packing and Machinery Exhibition

Data: 09 a 11 de setembro de 2025

Local: Casablanca

Website: <https://siemamaroc.com/>

Setores envolvidos: agroalimentar, processamento de alimentos, maquinário

A SIEMA será a plataforma de comércio e comunicação mais poderosa para os setores de alimentos, bebidas e processamento, equipamentos agrícolas e de embalagens que tentam entrar no mercado africano. A última edição contou com a participação de 235 expositores de 28 países, com público visitante de 15.600 pessoas.

k) Africa Food Show - Morocco

Data: 19 a 21 de novembro de 2025

Local: Casablanca

Setores envolvidos: indústria agro-alimentar

O Africa Food Show Marrocos faz parte de uma série pan-africana de eventos dedicados à transformação da indústria agroalimentar. Com edições no Quênia, Costa do Marfim e Marrocos, o Africa Food Show se tornou uma plataforma vital para conectar as partes interessadas em toda a cadeia de valor alimentar. Ele reúne produtores, compradores e inovadores de todo o mundo para explorar oportunidades, compartilhar insights e impulsionar o crescimento da indústria alimentícia da África.

Conclusão

Além dos eventos supramencionados, outros poderão ser promovidos para embaixada do Brasil em Rabat, em parceria com a iniciativa privada, associações setoriais, Apex e Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Informações sobre estes e demais eventos poderão ser acessadas no portal da adidância agrícola em Rabat, no site do [MAPA](#)¹ e na [Plataforma Brasil Exportação](#)² da ApexBrasil.





125

MÉXICO

MÉXICO REGISTRA A CADA ANO RECORDES NAS IMPORTAÇÕES DE PROTEÍNA ANIMAL E A CARNE DE FRANGO BRASILEIRA GANHA DESTAQUE

Número: MEX-02-2025

Data: 13/02/2025

Posto: Cidade do México/México

Palavras-chave: comércio internacional, carne avícola, qualidade, padrão

Responsável: Adriane Reis Cruvinel

SUMÁRIO: O México, apesar de grande produtor de carne suína, avícola e bovina, é deficiente para atender ao consumo interno, particularmente nas duas primeiras proteínas mencionadas. Diante desse cenário e do aumento no consumo, que não é acompanhado pelo aumento na produção, as importações mexicanas de proteína animal seguem aumentando a cada ano, destacando nesse comércio a carne de frango brasileira.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O México é o 6º maior consumidor de proteína animal no mundo totalizando 9,5 milhões de toneladas, com consumo *per capita* anual de 74 kg.

Apesar de ser o 6º país maior produtor de carne bovina, suína e de frango, com 7,6 milhões de toneladas, sua autossuficiência em apenas 78% desse volume, acarreta déficit de 42% para carne suína e 20% para carne de frango, apresentando superávit apenas para a carne bovina, em 5%.

A variação de consumo entre os anos de 2018 e 2023 apresentou aumento de 24% para a carne suína, 17,8% para a carne de frango e de 9,1% para a carne bovina.

Diante desse cenário, as importações mexicanas de carne de frango no ano de 2023 representaram 900 mil toneladas.

Desde 2022, o Brasil se posicionou como segundo fornecedor para a carne de frango ao México. Em 2023 correspondeu a 30,9% do volume importado, atrás dos EUA, responsável por 64,1%. Volume parecido ao praticado em 2022, tanto para o Brasil com 27,5%, como para os EUA, com 64,5%.

Logo após a abertura do mercado mexicano à carne de frango brasileira, em 2016, impulsionada pelos casos de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade nos EUA e México e pelo estabelecimento de cotas para a importação, a importação do Brasil chegou a 59 mil toneladas naquele ano. Em 2017, o volume foi de 94,6 mil toneladas, em 2018 de 111 mil toneladas e em 2019 de 101 mil toneladas. O comércio estabelecido durante esses anos possibilitou que o setor das indústrias de carne se adaptasse à oferta da carne brasileira.

Apesar disso, o ano de 2020 não contou com cotas para permitir o acesso da carne brasileira ao mercado mexicano e diante da tarifa de importação de 75%, os volumes importados passaram a apenas 16 mil toneladas. O reestabelecimento de cotas permitiu a retomada do comércio em 2021, com 104 mil toneladas exportadas, mas foi com a publicação do decreto que zerava as tarifas de produtos da cesta básica em 2022 que o comércio pôde apresentar mais estabilidade, alcançando os volumes de 140 mil toneladas nesse mesmo ano e 172 mil toneladas no ano de 2023.

Dentre os fatores que impulsionaram o crescimento do comércio da carne de frango podemos considerar primeiramente a retirada da taxa de 75%, em segundo o decreto que passou a trazer alguma previsibilidade no comércio pela sua renovação anual, não estando mais dependente de cotas que apresentam volumes e prazos restritos. Além desses dois fatores, o terceiro em importância a ser considerado está relacionado ao interesse do setor industrial na carne de frango brasileira, seja pelo preço competitivo; pelo padrão apresentado em tamanho e cor, o que facilita significativamente os processos de produção na indústria; a estabilidade de oferta; além do padrão de qualidade.

Diante da complementariedade entre os mercados, seja o mercado interno que produz e comercializa o frango inteiro, o principal fornecedor ao México que exporta praticamente coxa e sobre coxa e o Brasil que fornece peito de frango, principalmente, estabeleceu-se o equilíbrio entre a demanda e oferta aos produtos adequados ao consumidor mexicano.



Ainda sem resultados oficiais, mas com base nos registros aduaneiros mexicanos, os dados de 2024 confirmam a proporção de 65% da carne de frango importada pelo México como sendo proveniente dos EUA e 31% proveniente do Brasil.

Entretanto, apesar do volume de importação da carne de frango do Brasil ser mantido em 31%, como visto em 2023, o comércio foi de 210 mil toneladas, um crescimento de 22% em relação ao ano anterior.



127



NIGÉRIA

SETOR DE LEITE NA NIGÉRIA: PANORAMA E OPORTUNIDADES

Número: ABUJA-02-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Abuja/Nigéria

Palavras-chave: leite; exportação; mercado consumidor; oportunidades de negócio

Responsável: Frederique Abreu

SUMÁRIO: A Nigéria possui um setor leiteiro em crescimento, mas ainda enfrenta desafios significativos para atender à demanda interna. O país importa aproximadamente 60% de seus produtos lácteos, principalmente da Europa, e gasta anualmente cerca de **US\$ 1,6 bilhão** em importação. Com uma taxa de crescimento anual esperada de **6,56% entre 2025 e 2029**, o mercado nigeriano oferece grandes oportunidades para o Brasil, um dos maiores produtores de leite do mundo. O presente artigo analisa a dinâmica do setor leiteiro na Nigéria e explora o potencial de expansão para os exportadores brasileiros.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





129

A África Ocidental importa cerca de 40% dos produtos lácteos que consome, principalmente da União Europeia. Devido a esta dinâmica, recentemente, a ECOWAS (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) lançou uma "Ofensiva Regional para a Promoção do Leite Local", com o objetivo de aumentar a produção local, melhorar a coleta de leite e promover um ambiente favorável ao desenvolvimento da cadeia de valor do leite.

Tendo a maior população dentro da ECOWAS, a situação da Nigéria é ainda mais extrema. Atualmente, a produção local de leite gira em torno de **700 mil litros/ano**, o que representa menos da metade da demanda do mercado interno de **1,6 bilhão de litros**, sendo que a produtividade média é de apenas **1,6 litros por vaca/dia**.

Este déficit faz com que país gaste cerca de **US\$ 1,6 bilhão/ano** em importações de produtos lácteos, sendo o leite em pó responsável por cerca de **70%** desta demanda.

Produção e Consumo

Com um rebanho aproximado de **20,5 milhões de cabeças**, o setor leiteiro nigeriano está dividido em dois sistemas de produção. O sistema pastoril, operado principalmente por pastores da etnia Fulani situados ao norte do país, contribui com aproximadamente 95% do leite cru consumido localmente, e o sistema comercial, que inclui explorações leiteiras estabelecidas com uma mescla de gado de raças locais e mestiças, que responde por apenas 5% do leite. Este sistema está mais estruturado, mas ainda é incapaz de colmatar a lacuna entre a produção e a demanda.

Embora existam iniciativas para modernizar a cadeia produtiva, como o Plano Nacional de Transformação Pecuária (NLTP) (2019-2018) e a Política Nacional do Lácteo (2023-2028) criados pelo governo, e esforços conjuntos de empresas multinacionais e processadores locais para aumentar a produção, o setor continua a enfrentar um crescimento lento.

A ausência de sistemas de comercialização organizados e de redes de distribuição obriga os agricultores a vender os seus produtos a intermediários a preços reduzidos, limitando as suas margens de lucro. Além disso, embalagens e rotulagens inadequadas reduzem a comercialização dos produtos lácteos, impactando a procura.

O mercado formal de laticínios na Nigéria é dominado por duas empresas 2 multinacionais a Friesland Campina WAMCO e a Arla, e ambas dependem em grande parte do leite importado para suas operações. O consumo leite per capita no país é muito baixo (12 litros/ano), e os preços do leite local são pressionados pela competição com o leite em pó importado, que é mais barato devido aos subsídios recebidos pelos produtores europeus.

Desafios do Setor

A cadeia de valor do leite na Nigéria enfrenta uma série de desafios estruturais que limitam o desenvolvimento do setor e a capacidade de atender à demanda interna. Um dos principais obstáculos é a **infraestrutura deficiente**, que inclui a falta de estradas adequadas, refrigeração



e instalações de processamento modernas. Essas limitações dificultam a distribuição eficiente de leite fresco, especialmente em regiões mais remotas, onde a produção é concentrada.

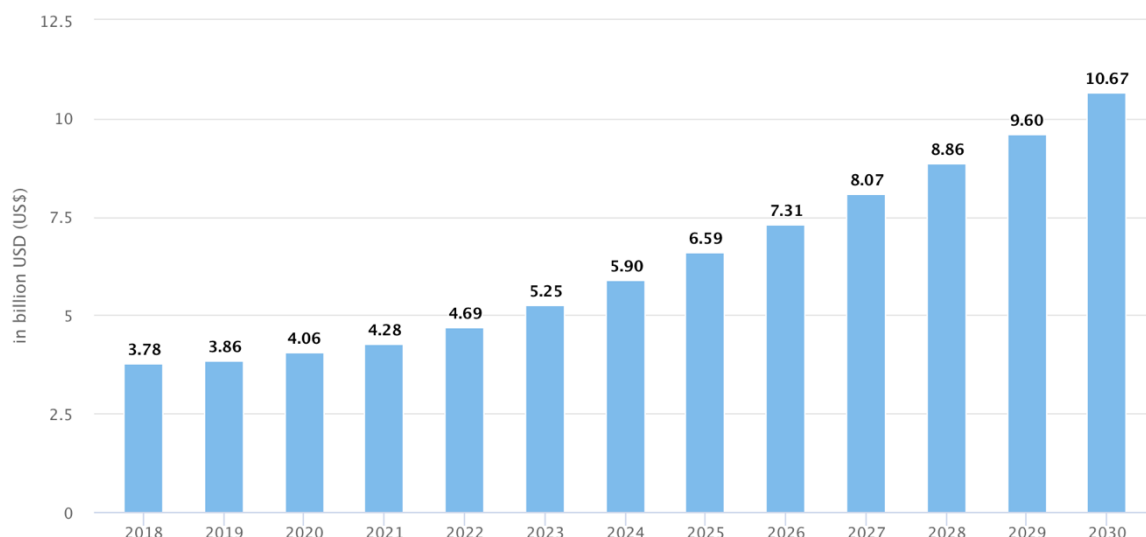
Outro problema significativo é a **baixa produtividade** do setor. A predominância de raças de gado de baixo rendimento, combinada com a escassez de investimentos em tecnologia e práticas modernas de criação, resulta em uma produção de leite muito abaixo do potencial do país.

Além disso, os pequenos produtores enfrentam **dificuldades para acessar financiamento**, o que limita sua capacidade de modernizar as fazendas e investir em tecnologias que poderiam aumentar a produtividade. A falta de crédito acessível e mais programas de apoio específicos para o setor lácteo é um obstáculo significativo para a melhoria da produção.

Por fim, as **mudanças climáticas** também representam uma ameaça crescente para o setor. A degradação das pastagens, a irregularidade das chuvas e a escassez de água afetam diretamente a produção de leite, especialmente nas regiões do norte do país, onde a pecuária é uma atividade econômica crucial. Esses fatores climáticos, combinados com a insegurança na região, criam um ambiente desafiador para os produtores, que precisam de apoio para se adaptar e garantir a sustentabilidade de suas atividades.

As percepções do mercado, mostradas no Grafico1 abaixo, sugerem que o mercado de leite da Nigéria gerou receitas de US\$ 5,90 bilhões em 2024, e preveem uma taxa de crescimento anual de 10,12% prevista entre 2025 e 2030. Os mercados de iogurte e queijo também apresentam um forte desempenho, esperando-se um crescimento significativo das receitas.

REVENUE REVENUE CHANGE



Notes: Data was converted from local currencies using average exchange rates of the respective year.

Most recent update: Jan 2025

Source: Statista Market Insights



130



Oportunidades para o setor brasileiro

Desde novembro de 2024, o Brasil está apto a exportar leite, derivados lácteos e gado vivo destinado à reprodução para a Nigéria. Esse novo cenário, aliado ao crescimento do mercado e à incapacidade da produção local de atender à demanda, cria diversas oportunidades para o Brasil no setor lácteo.

Uma das principais possibilidades é a **exportação de leite em pó**, já que a Nigéria é um dos maiores importadores desse produto na África.

Além disso, **investimentos em processamento local** podem ser uma estratégia vantajosa. Empresas brasileiras têm a oportunidade de estabelecer unidades de produção e processamento na Nigéria, reduzindo custos logísticos e agregando valor aos produtos exportados.

Outra alternativa promissora é a **formação de parcerias com produtores locais**. A transferência de tecnologia e o treinamento de produtores nigerianos podem aumentar a produtividade e fortalecer laços comerciais, gerando novas oportunidades de negócios para empresas brasileiras.

Por fim, a **exportação de embriões e gado vivo** também se apresenta como um mercado estratégico. Em janeiro de 2025, a Nigéria abriu seu mercado para embriões bovinos e, em breve, espera-se a liberação para a importação de sêmen bovino. Essa abertura possibilitará a melhora da qualidade do rebanho nigeriano, tornando-se uma oportunidade valiosa para o Brasil expandir sua atuação no setor pecuário.

Conclusão

O mercado de lácteos da Nigéria apresenta um enorme potencial para o Brasil, que pode se tornar um parceiro estratégico para suprir a crescente demanda do país. Apesar dos desafios estruturais, as oportunidades de exportação e investimento são amplas. A implementação de estratégias comerciais e tecnológicas adequadas pode fortalecer a presença brasileira no setor leiteiro nigeriano, impulsionando as exportações e contribuindo para o desenvolvimento da cadeia produtiva local.



DERRUBANDO BARREIRAS COMERCIAIS NA OMC: A TAILÂNDIA, A GRIPE AVIÁRIA E AS MEDIDAS NÃO-JUSTIFICADAS

Número: GEN-02-2025

Data: 14/01/2025

Posto: OMC

Palavras-chave: OMC; Tailândia; Gripe Aviária

Responsável: Rafael d'Aquino Mafra

SUMÁRIO: Entre maio e junho de 2023, o Brasil detectou casos de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em aves silvestres e de subsistência, mas manteve seu status de livre de IAAP em aves comerciais perante a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). Apesar disso, a Tailândia suspendeu por 180 dias a importação e o trânsito de aves e carne de aves brasileiras, alegando preocupações sanitárias. O Brasil contestou a medida na OMC, argumentando que a suspensão violava o Acordo SPS e carecia de justificativa técnica, já que os casos não ocorreram em aves comerciais. A Tailândia não notificou formalmente a prorrogação da medida, gerando custos adicionais para exportadores brasileiros e afetando o trânsito de cargas pelo país. Em paralelo, a Tailândia impôs ou manteve restrições injustificadas a outros produtos brasileiros, como carne bovina e couro. A ação rápida do governo brasileiro evitou que as restrições se prolongassem, reforçando a credibilidade do sistema sanitário do país.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Os Acordos SPS e TBT

O Acordo sobre Medidas Sanitárias e Fitossanitárias (*Agreement on Sanitary and Phytosanitary Measures – SPS*) foi assinado em 1995, junto com a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC). Seu propósito era regular como os membros poderiam proteger a saúde e a vida humana e animal, bem como a proteção vegetal, restringindo o mínimo possível o comércio internacional.

Para isso, estabeleceu alguns princípios. Os membros deveriam, sempre que possível, basear essas medidas em normas internacionais do Codex Alimentarius, Convenção Internacional de Proteção Vegetal (CIPV) e Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). Quando não fosse possível ou não fosse suficiente, os membros deveriam basear suas medidas SPS em avaliações de risco, isto é, em critérios científicos. Além disso, os membros se comprometeram a dar mais transparência na adoção de suas medidas, notificando à OMC quando da adoção ou modificação de questões sanitárias e fitossanitárias.

Ao mesmo tempo, foi celebrado o Acordo sobre Barreiras Técnicas ao Comércio (*Agreement on Technical Barriers to Trade – TBT*). O Acordo TBT tem uma ideia muito semelhante, a de que há objetivos legítimos a perseguir que podem impactar o comércio e que é necessário estabelecer os limites para a adoção de práticas importantes, mas que podem ser usadas para outros fins que não o benefício da população de cada membro.

O TBT tem um escopo bem mais amplo que o SPS: abrange toda a gama de produtos que existem. A maior parte das questões agrícolas são tratadas no Acordo SPS, mas algumas ficam no Acordo TBT: as questões administrativas, de rotulagem, de bem-estar animal, de organismos geneticamente modificados e a produção halal são algumas das questões importantes para o agro que estão no Acordo TBT.

Uma das formas estabelecidas para garantir que os membros cumpriram com os termos dos Acordos SPS e TBT foi o estabelecimento de um Comitê para cada Acordo. Estes Comitês, entre outras coisas, recebem as notificações de novas medidas e permitem que os membros discutam sempre que considerem que um deles viola as cláusulas do Acordo. Essa discussão recebeu o nome de Preocupação Comercial Específica (PCE).

Ao longo dos últimos 30 anos, a PCE virou uma ferramenta fundamental em ambos os Comitês, com mais de 1000 preocupações apresentadas no total. As PCEs permitem apontar um problema comercial que ocorre, supostamente, em decorrência da aplicação de medidas sanitárias e fitossanitárias ou de regulamentos técnicos. Todos os temas relevantes dos últimos anos apareceram em PCEs, como gripe aviária, encefalopatia espongiforme bovina, dioxina, pesticidas, entre vários outros.

O Brasil é um dos maiores usuários dessa ferramenta, buscando resolver dificuldades causadas pelos parceiros comerciais em um diálogo pautado nas regras da OMC e na ciência. E, por outro lado, é pouco questionado por outros países.

A seguir, apresentamos um caso atual da área animal para aprofundar o conhecimento sobre as PCEs e entender como elas podem ser usadas por empresas e associações, sempre a favor do agro brasileiro:

O que aconteceu?

Entre maio e junho de 2023, foram detectados no Brasil casos de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP). Como os casos foram detectados apenas em aves e outros animais silvestres e em criações de subsistência, o Brasil manteve seu status de livre de IAAP em aves de produção comercial junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA).

Como ocorre com frequência em casos como esses, alguns países impõem restrições temporárias à importação dos países atingidos até que a situação fique mais clara. Alguns países adotam medidas para proteção de seu plantel, ao passo que outros aproveitam-se da situação para impor barreiras disfarçadas ao comércio.

A Tailândia suspendeu temporariamente a importação e o trânsito de aves vivas e carne de aves provenientes do Brasil devido a casos de IAAP em 12 de outubro de 2023, por um período de 90 dias.

A suspensão foi posteriormente renovada sem notificação formal, resultando em um total de 180 dias de interrupção do comércio, apesar das argumentações técnicas apresentadas pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) às autoridades sanitárias tailandesas, bem como das reuniões bilaterais realizadas em Bangkok e no âmbito do Comitê SPS da OMC.

Embora não haja acordo sanitário entre Brasil e Tailândia para carne de aves, o produto brasileiro destinado ao Camboja – país com o qual o Brasil possui acordo – é desembarcado no porto de Laem Chabang, na Tailândia, e segue por transporte rodoviário até seu destino final. Essa logística visa reduzir custos para o exportador brasileiro, uma vez que o porto de Sihanoukville, no Camboja, possui limitações físicas e só comporta contêineres de menor porte.

Dessa forma, a restrição imposta pela Tailândia afetou o trânsito de cargas brasileiras pelo território tailandês, gerando custos adicionais para os exportadores sem qualquer justificativa. Vale ressaltar que a carga permanece congelada e lacrada no contêiner durante todo o percurso até chegar ao Camboja.

Discussão na OMC

O Brasil considerou a suspensão do trânsito de aves uma violação do Acordo SPS e das diretrizes da OMSA, argumentando que os casos de IAAP não ocorreram em aves comerciais, e que, portanto, isso não deveria mudar o reconhecimento do país como livre da doença. O país também questionou a extensão da suspensão inicial de 90 dias, afirmando que ela carecia de justificativa apropriada. O Brasil enfatizou que as autoridades tailandesas não haviam notificado formalmente a prorrogação da medida inicial.

A Tailândia justificou a suspensão como uma medida de emergência para impedir a entrada de IAAP no país e que revisaria a suspensão temporária da importação e trânsito em 90 dias.

Impacto da medida

As medidas tailandesas podem ser consideradas aceitáveis, embora formalmente divirjam das recomendações da OMSA. Contudo, há questões graves que precisam ser consideradas.

Primeiro, a Tailândia não notificou ao Comitê quando a medida deixou de vigorar, que também é uma obrigação. Apesar dos pedidos do Brasil, o país se recusou a cumprir uma questão simples de transparência, denotando um tratamento abaixo do esperado para um parceiro comercial dessa relevância.

Além disso, a Tailândia impôs outras medidas às exportações brasileiras sem justificativas, em produtos como carne bovina e couro, igualmente contestadas na OMC. O tratamento oferecido e as justificativas frágeis demonstram que, pelo menos nestes casos, as autoridades tailandesas descumprem o Acordo SPS com o intuito de criar barreiras não-justificadas.

O que pode ser feito?

Em decorrência de uma dificuldade sistemática em lidar com medidas sanitárias simples, recomenda-se que o setor privado informe ao MAPA o quanto antes quando enfrentar dificuldades dessa natureza.

De posse de todas as informações, o MAPA considera as questões para uma nova apresentação aos Comitês SPS ou TBT, dependendo do caso.

Além disso, recomenda-se um contato estreito com os importadores tailandeses. Se as medidas podem ter uma motivação política, a pressão interna pode ajudar a evitar barreiras disfarçadas ao comércio.

Conclusões

Observa-se que, apesar as dificuldades, a ação rápida e coordenada do governo brasileiro evitou que restrições indevidas fossem aplicadas por mais tempo e esclareceram, perante os demais parceiros comerciais que, se o produto brasileiro enfrenta dificuldades para entrada na Tailândia, é uma questão da aplicação incorreta dos Acordos da OMC, pois o Brasil segue com um sistema de proteção sanitária exemplar.

PERU

AUMENTO DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS DE COMPANHIA



Número: LIMA-02-2025

Data: 11/02/2025

Posto: Lima/Peru

Palavras-chave: farinhas animais; comércio

Responsável: Warley Efrem Campos

SUMÁRIO: O documento destaca a participação brasileira nas importações peruanas de produtos da reciclagem animal (farinhas) e evidencia a crescentes demanda desses produtos, concluindo que o Peru representa um mercado interessante para o Brasil devido ao aumento da produção de alimentos para animais de companhia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE
NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



A [reciclagem animal](#) desempenha um papel fundamental na sustentabilidade da cadeia produtiva no Brasil. Do total de 19,9 milhões de toneladas de ruminantes produzidos, 38% são reaproveitados como matéria-prima para a indústria de farinhas e subprodutos. No caso das aves, esse percentual é de 28%, com um volume reciclado de 4,8 milhões de toneladas. Já os suínos apresentam um índice de 20%, resultando em 1,2 milhão de toneladas destinadas à reciclagem. Esses números reforçam a importância da economia circular na pecuária, reduzindo o desperdício e agregando valor aos resíduos da indústria frigorífica.

Entre 2021 e 2022, as exportações de farinha, pó e pellets de carne cresceram 12,9%, passando de US\$ 8,16 bilhões para US\$ 9,2 bilhões, figurando como o [403º produto mais comercializado no mundo](#). O comércio desse produto representou 0,039% do total do comércio mundial.

Ao avaliar a dinâmica de mercado, para o caso do Peru, a efetivação do comércio de produtos de origem animal se dá em duas etapas. A primeira constitui o estabelecimento dos requisitos sanitários, o que representa a abertura do mercado; e a segunda a habilitação das unidades produtivas por meio de avaliação documental e inspeções *in loco*, o que constitui o acesso ao mercado. Nesse sentido, segue um quadro resumo da situação atual do país, no que se refere aos produtos da reciclagem animal:

Quadro resumo da situação das negociações entre Brasil e Peru para acesso de produtos brasileiros da reciclagem animal no mercado peruano.

Abertura de Mercado	Acesso ao Mercado
Farinha de aves – Requisitos estabelecidos em 2019	Comércio estabelecido no primeiro semestre de 2023. Atualmente existem 14 empresas habilitadas.
Hemoderivados de Bovinos e Suínos em Pó - Requisitos estabelecidos em 2024	Empresas em fase de avaliação documental e aguardando inspeção <i>in loco</i> .
Farinhas de carne e ossos bovina - Requisitos estabelecidos em 2024	Empresas em fase de avaliação documental e aguardando inspeção <i>in loco</i> .
Gelatina e colágeno de osso não comestíveis – Requisitos estabelecidos em 2024.	Para este tipo de produto não é necessária a habilitação individual das empresas.
Óleo de Aves – Requisitos sanitários em negociação.	Ainda não iniciado.

Nos últimos anos, o Peru adquiriu farinha de diversos países, sendo os principais fornecedores os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina e o Paraguai. O Brasil foi responsável por 23 % das importações peruanas no último biênio, conforme visualizado na tabela abaixo.

Importação de farinhas animais pelo Peru nos anos de 2023 e 2024

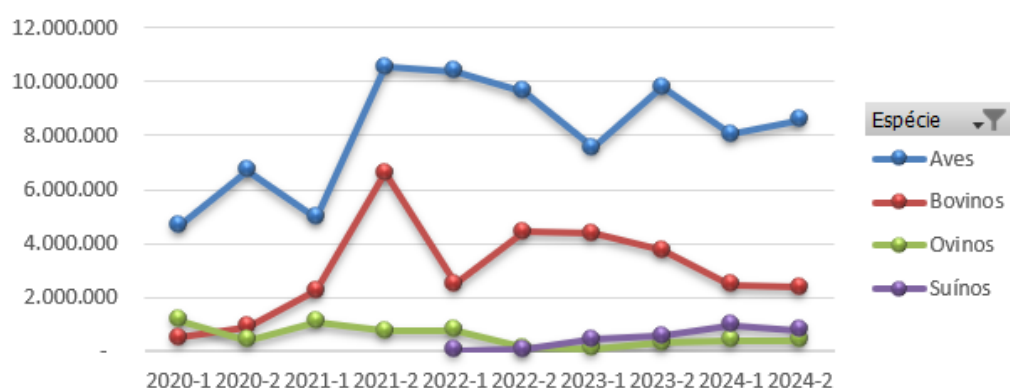
País	USD CIF	Participação
ARGENTINA	10.381.858	20%
BRASIL	11.594.391	23%
CHILE	5.211.852	10%
ESTADOS UNIDOS	21.342.236	42%
PARAGUAY	2.343.567	5%
Total Geral	50.873.904	

*Dados até novembro de 2024. Fonte: Veritrade

As maiores empresas importadoras foram RINTI S A, ANIPROTEIN PERU S.A.C., SAN FERNANDO S.A., VITAPRO S.A. e AGROVET MARKET S.A; representando 99% das importações nos últimos 2 anos.

Entre as farinhas importadas pelo Peru, o maior volume é constituído pelas farinhas de aves, seguida pelas farinhas bovinas. Conforme visualizado no gráfico abaixo, o valor importado tem variado significativamente ao longo dos anos.

Importação de farinhas animais pelo Peru entre 2020 e 2024



*Dados até novembro de 2024. Fonte: Veritrade

Em 2022, as exportações peruanas de alimentos para animais de estimação alcançaram [US\\$ 2,9 milhões](#), refletindo um crescimento constante do setor. No Peru, o mercado de exportação desses produtos cresceu a uma taxa média anual de [+7,3% entre 2018 e 2022](#). Em 2021, o país ocupou a [63ª posição no ranking mundial](#) de fornecedores de alimentos para animais de estimação e a 11ª posição na América Latina. Esse crescimento contínuo impulsiona uma demanda crescente por insumos essenciais, como as farinhas de origem animal, fundamentais para a formulação de rações balanceadas de alta qualidade.

Em conclusão, os dados históricos de exportação de farinhas animais do Brasil para o Peru, o aumento das exportações peruanas de alimentos para animais de companhia e a recente abertura para as farinhas bovinas e de hemoderivados bovinos e suínos, demonstram um panorama positivo, refletindo grande potencial para as exportações brasileiras.





REINO UNIDO

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO DE OVOS NO REINO UNIDO: BEM-ESTAR ANIMAL E INFLUENZA AVIÁRIA

Número: LON-03-2025

Data: 14/02/2025

Posto: Londres/Reino Unido

Palavras-chave: influenza aviária; ovos; bem-estar animal; segurança alimentar

Responsável: Márcio Rezende Evaristo Carlos

SUMÁRIO: O relatório EggTrack 2024 classificou 40 empresas britânicas com base em seu progresso na transição para sistemas de produção de ovos livres de gaiolas. No entanto, fatores como o preço dos ovos, a situação sanitária do país em relação à influenza aviária e a necessidade de aumentar as medidas de biossegurança têm impactado significativamente essa transição. Nesse contexto, podem surgir oportunidades no mercado de importação de ovos do Reino Unido, o que tende a se tornar uma tendência sazonal.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





141

De acordo com o relatório EggTrack 2024, elaborado pela organização Compaixão na Agricultura Mundial (CFW), 77% dos ovos comercializados no Reino Unido (considerando ovos inteiros e como ingredientes) provêm de sistemas de produção livres de gaiolas. O relatório analisou o desempenho de 40 empresas britânicas em relação ao bem-estar animal, mais especificamente com relação ao compromisso de ter pelo menos 80% da produção de ovos em sistemas livre de gaiolas até o final de 2025.

Embora a União Europeia tenha restringido a produção em baterias de gaiolas em 2012, quando o Reino Unido ainda fazia parte do bloco, o sistema foi mantido no país com o uso de gaiolas coletivas "enriquecidas", que abrigam de 40 a 80 aves. Em 2024, a produção nesse tipo de sistema foi de 1,5 bilhão de ovos (21,5% do total produzido), um aumento de 12% em relação a 2023. A maior parte da produção (78,5%) originou-se de sistemas sem gaiolas, como aves soltas em galpões, criadas ao ar livre ou em sistemas de produção orgânica.

Os sistemas sem gaiolas exigem infraestrutura e manutenção mais caras, impactando significativamente a margem de lucro dos produtores. Atualmente, de um total de 40 milhões de galinhas poedeiras no Reino Unido, 8 milhões estão em sistemas com gaiolas. Os varejistas têm demonstrado disposição para absorver parte dos custos mais altos nos sistemas sem gaiolas, com repasse ao produtor de 6 pence por caixa de meia dúzia vendida e apoio financeiro à melhoria da infraestrutura nas granjas fornecedoras.

Em 2024, o preço médio ao consumidor foi de 23 pence por ovo, um aumento de 1 pence (4,5%) em relação ao ano anterior. As vendas em valor cresceram 6,4%, atingindo £ 1,6 bilhão, enquanto os volumes aumentaram 4,5%, totalizando 7,2 bilhões de ovos.

A produção de ovos de galinhas criadas ao ar livre apresenta maiores desafios e menor eficiência, refletindo em aumento de custo de até 78,6%. O preço médio pago ao produtor por um ovo de galinha criada ao ar livre foi de 25 pence, em comparação com 15 pence para ovos de galinhas em gaiolas e 14 pence para ovos de galinhas criadas soltas em galpões. Esta última modalidade tem se mostrado a de melhor custo-benefício para o produtor, principalmente devido ao apoio da rede varejista, que busca atender aos anseios dos consumidores por padrões mais altos de bem-estar animal sem reflexos em aumento de preço.

Pesquisa do British Egg Industry Council (BEIC) aponta que 63% dos consumidores consideram que os ovos produzidos no Reino Unido são de melhor qualidade que os importados, e 52% afirmaram que ficariam preocupados ao encontrar ovos importados nas prateleiras dos supermercados.

Porém, fator relevante para os movimentos no mercado de ovos diz respeito à atual situação sanitária do Reino Unido, com focos de influenza aviária envolvendo 31 casos detectados na Inglaterra e um caso na Escócia. A situação de maior risco de ocorrência de novos casos deve se prolongar até o início da primavera, na segunda quinzena de março.

A expectativa é de que haja escassez de ovos de galpão após o abate de pelo menos 30% do plantel britânico de aves poedeiras nesse sistema produtivo devido ao foco de Influenza aviária.



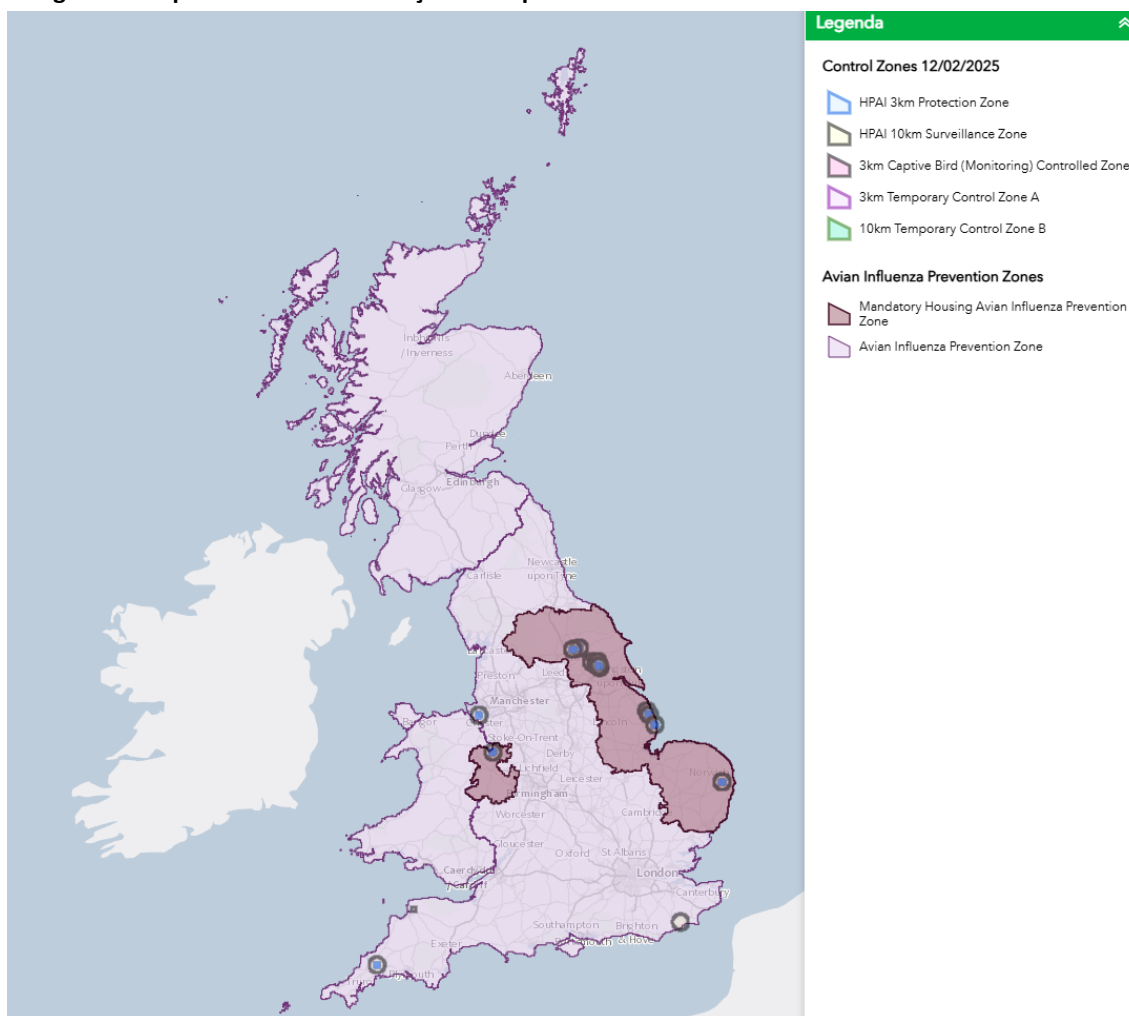


142

Para a Associação Britânica de Produtores de Ovos de Galinhas Criadas ao Ar Livre (BFREPA), as consequências serão de longo prazo, afetando não apenas o setor de ovos livres de gaiola, mas todo o setor de ovos do Reino Unido, dado o número absoluto de aves envolvidas e as medidas de biossegurança e de restrições sanitárias implementadas.

O DEFRA adotou medidas de alojamento de aves em Herefordshire, Worcestershire, Cheshire, Merseyside e Lancashire a partir de 16 de fevereiro, que se somam às medidas de alojamento existentes em East Riding of Yorkshire, City of Kingston Upon Hull, Lincolnshire, Norfolk, Suffolk, Shropshire, York e North Yorkshire. Em outras partes do Reino Unido, os governos descentralizados tomaram outras medidas. Uma zona de prevenção para influenza aviária (AIPZ) foi declarada em toda a Escócia em 25 de janeiro e no País de Gales a partir de 10 de fevereiro de 2025 e aglomerações de aves não serão mais permitidas. Enquanto isso, na Irlanda do Norte, medidas de alojamento obrigatórias entrarão em vigor a partir de 17 de fevereiro. O setor produtivo tem manifestado muita preocupação e entende que as medidas de alojamento deveriam se estender para todo o território do Reino Unido.

Figura 1: Mapa Interativo de Doenças de Gripe Aviária da APHA



Fonte: [APHA Interactive Avian Influenza Disease Map](#)

Nesse contexto, há aumento da possibilidade de os varejistas e fabricantes recorrerem a ovos importados para mitigar preços mais altos, como fizeram durante a crise de abastecimento de ovos de 2022/23.

O pleito brasileiro para exportação de ovos e ovo produtos ao Reino Unido foi apresentado ao Departamento para Meio Ambiente, Alimentos e Assuntos Rurais (DEFRA) em 2023 e ainda se encontra em análise técnica. O setor produtivo brasileiro precisa estar atento e se preparar para os aspectos de bem-estar animal quando esse mercado puder ser acessado, uma vez que a situação sanitária quanto à influenza aviária tende a se tornar um comportamento sazonal no Reino Unido.



143



RÚSSIA



144

OPÇÕES PARA GENÉTICA BRASILEIRA

Número: MOW-02-2025

Data: 13/02/2025

Posto: Moscou/Rússia

Palavras-chave: Rússia, exportações, setor de carnes, previsões, resultados do ano, inflação

Responsável: Marco Túlio Santiago; Ekaterina Khudiakova

SUMÁRIO: Os serviços de imprensa russos publicaram relatórios informando tanto sobre aumento de exportações de carne e subprodutos russos em 2024, quanto sobre o nível de inflação mais elevado do que previsto. Conforme as previsões para 2025, o setor de carne no ano de 2025 vai entrar no período de crescimento. A partir de 20 de janeiro de 2025, a Rússia impôs restrições temporárias à importação e ao trânsito de produtos pecuários provenientes da União Europeia. Carne de porco na Rússia começou a ficar mais barata desde o final de janeiro. O consumo de carne per capita em 2024 aumentou para 83 kg. A produção de carne de peru da Rússia cresceu 3,8% em 2024. O mercado russo está procurando, atualmente, por genética para aves, o que pode ser uma opção para entrada da genética brasileira no mercado russo.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





145

De acordo com estimativas preliminares, em 2024, as exportações de carne e subprodutos da Rússia em termos de valor aumentaram 24%, atingindo um recorde de US\$ 1,7 bilhão. Na estrutura de suprimentos, cerca de 48% eram de carne de aves, 37% de carne suína e 14% de carne bovina, de acordo com o relatório do Centro “Agroexport” do Ministério da Agricultura. Incluindo os suprimentos de carne de aves e subprodutos aumentaram em 17% para US \$ 800 milhões, carne de porco, em 42% para mais de US \$ 610 milhões, carne bovina, em 16% para mais de US \$ 230 milhões. O maior comprador da carne russa continua sendo a China.

Conforme as previsões para 2025 publicadas pelas mídias russas, podemos esperar um mercado global de carne de aves robusto em 2025, com crescimento da produção de 2,5 a 3% em relação ao ano anterior. Projeta-se que também a carne de frango se torne a carne mais popular do mundo até 2027, com a produção atingindo 120 milhões de toneladas até 2030.

Durante o fórum Agros-2025, foi anunciado que o número de países que importam produtos de origem animal da Rússia ultrapassou 100. Atualmente, a Rússia está habilitada para exportar produtos de pescado para 82 países, produtos lácteos, para 90 países, carne de aves, para 59 países, produtos de ração, para 82 países, animais vivos, para 46 países, produtos de carne acabados, para 39 países, carne bovina, para 41 países, carne suína, para 36 países. O evento mais significativo para os criadores de gado e suínos na Rússia, segundo o Rosselkhoznadzor, foi a entrada no mercado chinês em 2024.

Em termos da inflação na Rússia, em 2024, ela foi maior do que a prevista. Em dezembro, em comparação com novembro de 2024, os preços ao consumidor aumentaram 1,32%, em comparação com dezembro de 2023, 9,52%, informou a Rosstat. Incluindo produtos alimentícios, em comparação com novembro, os preços subiram 2,6%, em comparação com dezembro de 2023, 11,05%. Em 2024, os preços subiram 8,45%, incluindo a inflação dos alimentos, que foi de 9,18%, de acordo com os materiais da agência estatal.

A partir de 20 de janeiro de 2025, a Rússia impôs restrições temporárias à importação e ao trânsito de produtos pecuários provenientes da União Europeia. A decisão foi anunciada pelo Rosselkhoznadzor e terá a duração de um mês. A principal razão da proibição foi o surto de febre aftosa na Alemanha, que levantou sérias preocupações quanto à segurança das importações.

Carne de porco na Rússia começou a ficar mais barata desde o final de janeiro.

O consumo de carne per capita em 2024 aumentou para 83 kg, um aumento de 2,5% em relação a 2023.

A produção de carne de peru da Rússia cresceu 3,8% em 2024, chegando a 438.000 toneladas. Esse crescimento ocorreu apesar dos desafios impostos pelo aumento do custo de materiais de reprodução, equipamentos, mão de obra e logística. A taxa de crescimento nessa área foi duas vezes mais rápida do que a média do setor avícola de 2,1%.

O mercado russo está procurando, atualmente, por genética para aves, o que pode ser uma opção para entrada da genética brasileira no mercado russo, já que a Rússia tende sair da dependência da genética dos países hosts.





SINGAPURA

146

OPORTUNIDADES DE MERCADO EM SINGAPURA PARA CARNES PROCESSADAS

Número: SINGA-03-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Singapura

Palavras-chave: exportação; pescados; Singapura

Responsável: Luiz Claudio Caruso; Camila D'Aquino

SUMÁRIO: O Brasil se destaca como o principal fornecedor de proteína animal para Singapura, representando 46% das importações do país nos segmentos de carne bovina, suína e de aves. No entanto, a regulamentação sanitária singapurense não permite a importação de carnes cruas temperadas, independentemente da origem. Por outro lado, há uma oportunidade estratégica para a indústria brasileira: produtos submetidos a algum nível de cozimento são autorizados para entrada no mercado. Dessa forma, a exportação de carnes termo processadas surge como uma alternativa viável para atender à demanda local, permitindo que o Brasil amplie sua presença no setor e agregue valor aos seus produtos.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





147

Apesar das restrições à importação de carnes cruas temperadas, Singapura importa anualmente cerca de USD 500 milhões em preparações à base de proteína animal (SH 16). Entre 2019 e 2023, esse segmento apresentou um crescimento médio de 7% ao ano, refletindo a crescente demanda por produtos convenientes e de alto valor agregado.

Os produtos *ready-to-eat* e *pre-cooked* são amplamente encontrados nas prateleiras de supermercados singapurenses, destacando-se como uma alternativa competitiva para a indústria brasileira. O Brasil, já consolidado como principal fornecedor de proteína animal para Singapura, pode explorar esse nicho estratégico, aproveitando sua reputação de qualidade e segurança para expandir sua participação no mercado.

Exemplos de produtos que podem se destacar no mercado incluem:

- Frango marinado e cozido
- Peru defumado
- Presunto cozido
- Picanha suína assada e embalada a vácuo
- Linguiças defumadas e cozidas
- Hambúrgueres pré-cozidos



Figura 1. Exemplos de preparações de proteína animal importadas em Singapura



Atualmente, os principais exportadores de preparações à base de proteína animal para Singapura são a Tailândia, que lidera com 30% do mercado, seguida pela Malásia (20,5%) e pela China (19%).

A principal entidade do setor em Singapura é a **Meat Traders Association Singapore (MTAS)**, que reúne mais de 100 associados. A entidade pode ser contatada pelo e-mail **meatsgp@gmail.com** e mantém presença ativa nas redes sociais, com destaque para sua página no Facebook (**Meat Traders Association Singapore**).

Abaixo destacamos alguns de seus associados e potenciais importadores de proteínas animal e preparações em Singapura:

Empresa	Website	Contato	Tipo
Alliance Cold Storage Pte	www.alliancecs.com	sales@alliancecs.com (Mr. Lim Seck Tshin)	Armazenamento de alimentos congelados, com distribuição para o Cold Storage, uma das maiores redes de mercados do país
Ben Foods	www.benfoods.com	jameskoh@benfoods.com (James Koh)	A maior empresa de distribuição de alimentos da Ásia-Pacífico
Country Foods	www.countryfoods.com	hello@countryfoods.com (Michael Lim)	Subsidiária da SATS, empresa estatal, é o parceiro de entrada no mercado para soluções alimentares na Ásia
F&G Food Pte	www.fgfood.com.sg	tayab@fgfood.com.sg (Patrick Tay)	Importador de salsichas defumadas e ocidentais, distribui para grandes redes locais, como Fair Price, Giant, Redmart e Shopee
Jordon Food Industries	www.jordoninter.com	jeremy.goh@jordoninter.com.sg (Jeremy Goh)	Importador de produtos a base de carne suína, incluindo presuntos e salsichas

TAILÂNDIA



MERCADO DE PESCADO NA TAILÂNDIA

Número: BAC-03-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Bangkok/Tailândia

Palavras-chave: pescado; importação e exportação; oportunidades de mercado

Responsáveis: Ana Carolina Miranda Lamy, Wiranpat Boonyarattapan

SUMÁRIO: A Tailândia se destaca como um dos principais exportadores de produtos pesqueiros, registrando US\$ 6,75 bilhões em exportações em 2024, com os produtos processados, como peixes em conserva, liderando o setor. Apesar do crescimento, desafios como mudanças climáticas e impacto nos estoques pesqueiros exigem medidas sustentáveis. Para manter sua competitividade, o país deve investir em inovação e práticas responsáveis, adaptando-se às exigências regulatórias e tendências globais de consumo sustentável.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O mercado de pescado na Tailândia desempenha um papel fundamental na economia, na segurança alimentar e na geração de empregos. Com acesso privilegiado ao Golfo da Tailândia e ao Mar de Andaman, além de extensos recursos hídricos internos, o país desenvolveu uma indústria pesqueira diversificada e dinâmica. Esse setor abrange a pesca marinha e de águas interiores, bem como a aquicultura costeira e de água doce, atendendo tanto à demanda doméstica quanto às exportações internacionais.

Como um dos maiores produtores e exportadores de produtos pesqueiros do mundo, a Tailândia fornece uma ampla variedade de pescado e frutos do mar para mercados globais estratégicos. Suas exportações incluem produtos frescos, congelados, enlatados e processados, com destaque para o atum enlatado, um dos itens mais representativos. Paralelamente, a produção aquícola de água doce, incluindo tilápia e bagre, atende principalmente ao consumo interno.

Apesar do sucesso do setor, a indústria pesqueira tailandesa enfrenta desafios significativos, incluindo preocupações com a sustentabilidade, a sobrepesca e questões regulatórias relacionadas à pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU). Para manter sua competitividade no mercado global, o setor precisará investir cada vez mais em práticas responsáveis e sustentáveis, garantindo a conformidade com as exigências internacionais e preservando os recursos pesqueiros a longo prazo.

Produção de Pescado na Tailândia

De acordo com o Departamento de Pescado da Tailândia (2023), a produção pesqueira do país é classificada em quatro categorias principais: pesca marinha comercial, pesca de pequena escala, pesca de captura interior e aquicultura.

1. Pesca Marinha Comercial

A pesca marinha comercial foi a principal atividade pesqueira da Tailândia em 2023, com uma captura total de 1.071.506 toneladas, sendo 76% provenientes do Golfo da Tailândia. Entre as espécies capturadas, os peixes representaram 58%, seguidos por lulas (5%) e camarões (1%).

2. Pesca de Pequena Escala (Artesanal)

A pesca artesanal registrou uma captura total de 280.011 toneladas, com 75% das capturas também originadas no Golfo da Tailândia. Os peixes constituíram 55% da captura total, enquanto caranguejos (15%) e camarões (14%) tiveram participação significativa na produção.

3. Pesca de Captura Interior

Em 2023, a pesca de captura interior da Tailândia atingiu 114.648 toneladas, com um valor estimado em US\$ 210 bilhões. A maior parte dessa produção veio de rios e canais (38%), seguida por lagos e reservatórios. Os peixes dominaram a captura, correspondendo a 97% do total, enquanto os camarões representaram apenas 1%. Entre as principais espécies capturadas, destacam-se o barbado prateado (18%) e a tilápia do Nilo (15%).



4. Aquicultura

4.1 Aquicultura de Águas Doces

Em 2023, a Tailândia possuía 530.620 fazendas de aquicultura de água doce, ocupando uma área total de 136.737 hectares, o que representou uma leve redução de 1,72% em relação a 2022. A produção atingiu 459.980 toneladas, com um valor estimado em US\$ 831 milhões. A tilápia do Nilo foi a principal espécie cultivada, representando 58% da produção total, seguida pelo peixe-gato (20%) e pelo camarão-gigante de água doce (9%).

4.2 Aquicultura Costeira

- Camarões: A produção de camarões marinhos alcançou 418.900 toneladas, das quais 94% (392.470 toneladas) vieram da aquicultura. O país contava com 27.633 fazendas de camarões, distribuídas em uma área de 55.571 hectares. Apesar dos avanços no cultivo, o setor ainda enfrenta desafios, como surtos de doenças, incluindo a síndrome da mancha branca (WSSV) e o vírus da cabeça amarela (YHV).
- Peixes: A Tailândia possuía 7.038 fazendas de peixes de água salobra, com uma produção total de 55.734 toneladas. O robalo asiático dominou a produção, representando 98% do total, com um crescimento de 5% em relação ao ano anterior. Em contrapartida, a produção de garoupa caiu 15%, respondendo por apenas 1% da produção total.
- Mariscos: A aquicultura de mariscos marinhos compreendia 5.554 fazendas, cobrindo uma área de 14.411 hectares. A produção total de mariscos foi de 89.426 toneladas, sendo os mexilhões-verdes os mais cultivados (55% da produção total), seguidos pelos mariscos de sangue (34%) e ostras (11%).

Importações de Pescado pela Tailândia

Nos últimos anos, a Tailândia tem registrado uma demanda diversificada por produtos pesqueiros importados, incluindo peixes, camarões, caranguejos, mariscos, invertebrados (água-viva, pepino-do-mar, ouriço), algas marinhas, óleo de peixe, conservas e subprodutos de pescado não comestíveis para alimentação animal. Esse cenário reflete não apenas a estabilidade da demanda interna, mas também o crescimento da indústria de processamento de frutos do mar no país.

A Tabela 1 a seguir apresenta os valores das importações tailandesas de pescado, em milhões de dólares, por tipo de produto, no período de 2020 a 2024, destacando a participação de mercado dos principais fornecedores.



151



Tabela 1. Importações de pescado pela Tailândia, em milhares de USD, por tipo de produto, no período de 2020 a 2024.

152

	Código SH Produto	2020	2021	2022	2023	2024	Participação de Mercado (2024)
Peixe	0301 Peixe vivo	6,70	6,13	5,37	4,04	4,79	Indonésia (31%) China (15%) Camboja (12%)
	0302 Peixe fresco ou resfriado	303,89	391,46	413,46	397,95	423,32	Noruega (59%) Mianmar (22%) Malásia (8%)
	0303 Peixe congelado	1.905,91	1.895,60	2.217,33	2.002,60	2.074,93	Taiwan (12%) Micronésia (10%) Coreia (8%)
	0304 Filé fresco, resfriado ou congelado	242,58	280,64	364,54	278,17	288,30	Vietnã (45%) Índia (9%) Noruega (8%)
	0305 Peixe seco, salgado ou defumado	12,34	10,08	13,04	14,79	16,93	Vietnã (46%) Indonésia (11%) Índia (10%)
Crustáceo Molusco Invertebrado	0306 Crustáceo vivo, fresco, resfriado, congelado ou seco	178,95	276,02	262,68	244,96	156,29	Mianmar (20%) Argentina (19%) Bahrein (8%)
	0307 Molusco vivo, fresco, resfriado, congelado ou seco	571,87	537,76	656,94	649,17	546,71	Índia (19%) China (19%) Vietnã (12%)
	0308 Invertebrado vivo, fresco, resfriado	2,74	3,36	3,94	6,46	4,37	China (31%) Japão (30%) Mianmar (16%)

congelado ou seco							
Alga marinha	121221						Coreia (89%) China (10%) Japão (1%)
	Alga marinha	54,54	44,94	49,06	68,11	97,34	
Gordura ou Óleo de peixe	1504						Chile (33%) China (19%) Austrália (13%)
	Gordura/Óleo de peixe	17,21	18,22	17,13	13,24	15,29	
Preparações/ Conservas	1604						China (58%) Indonésia (25%) Vietnã (11%)
	Conservas de pescado	221,00	196,24	291,04	293,55	342,63	
	1605						
Preparação para molho	Conservas de crustáceo, molusco ou invertebrado	45,68	54,34	66,30	55,92	57,12	China (63%) Japão (11%) Filipinas (4%)
	21039012						
	Molho de peixe	3,86	3,26	2,63	2,10	2,36	
Subprodutos de pescaco não comestíveis	21039029						Malásia (19%) Cingapura (16%) Japão (12%)
	Tempero misto	29,22	36,90	37,43	36,06	37,50	
	230120						
Subprodutos de pescaco não comestíveis	Farinhas, pó e pellets	59,54	88,75	61,68	63,03	68,62	Tailândia (75%) Itália (9%) Coreia (8%)
	23091010001						
	Ração para cães/gatos contendo peixe	0,09	0,29	0,45	0,53	0,47	
Total		3.656,12	3.843,99	4.463,02	4.130,68	4.136,97	

Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

O peixe continua sendo o principal produto importado pelo setor pesqueiro da Tailândia, com demanda estável nos últimos cinco anos tanto para consumo interno quanto para abastecimento da indústria de alimentos enlatados. O destaque fica para o peixe congelado (HS

0303), que desempenha um papel essencial na cadeia produtiva. Em 2022, o valor das importações desse produto atingiu seu pico, chegando a US\$ 2,217 bilhões, seguido por uma leve queda para US\$ 2,002 bilhões em 2023 e uma recuperação para US\$ 2,075 bilhões em 2024. Os principais fornecedores de peixe congelado para a Tailândia em 2024 foram Taiwan (21%), Micronésia (10%) e Coreia do Sul (8%), evidenciando um mercado aberto a novos fornecedores, sem um único país dominante.



Os crustáceos, moluscos e invertebrados também registraram alta demanda, com destaque para os mariscos e lulas. Apesar da popularidade do camarão, seu volume de importação permanece relativamente baixo devido à forte produção local por meio da aquicultura. Em 2024, a Tailândia importou US\$ 546,71 milhões em moluscos e lulas (HS 0307), representando uma queda de 15,7% em relação a 2023 e de 16,7% em comparação com 2022, quando as importações atingiram US\$ 656,94 milhões. Os principais fornecedores dessa categoria foram Índia e China, com o Vietnã logo atrás.

O segmento de algas marinhas (HS 121221) apresentou um crescimento expressivo, impulsionado pela expansão da indústria de processamento de algas na Tailândia. Em 2024, o valor das importações alcançou US\$ 97,34 milhões, um aumento de 42,9% em relação aos US\$ 68,11 milhões de 2023. A Coreia do Sul dominou as exportações para a Tailândia, respondendo por 89% do total importado.

As importações de óleo de peixe e gorduras derivadas (HS 1504) também cresceram, com um aumento de 15,4% em 2024 em comparação a 2023. Os principais fornecedores foram Chile (33%), China (19%) e Austrália (13%).

No segmento de enlatados, 82% das importações foram compostas por conservas de pescado (HS 1604). Em 2024, a Tailândia importou US\$ 342,63 milhões desse produto, um aumento de 16,7% em relação ao ano anterior, refletindo uma crescente preferência dos consumidores tailandeses por peixe em conserva. China (58%) e Indonésia (25%) foram os principais fornecedores.

Além disso, temperos à base de peixe (HS 21039029) ganharam popularidade, com importações atingindo US\$ 37,5 milhões em 2024. Os principais exportadores foram Malásia (19%), Cingapura (16%) e Japão (12%).

A demanda por ingredientes para ração animal também aumentou, impulsionada pelo crescimento das indústrias de pecuária e alimentos para animais de estimação. Em 2024, as importações de farinha de peixe (HS 230120) somaram US\$ 68,62 milhões, um crescimento de 8,8% em relação a 2023. As principais origens foram Mianmar (89%), Filipinas (6%) e Malásia (5%).

A análise geral do mercado revela que 2022 foi o ano de maior volume de importações de produtos pesqueiros, totalizando US\$ 4,463 bilhões, um aumento de 16% em relação aos US\$ 3,844 bilhões de 2021. No entanto, após esse pico, as importações caíram para US\$ 4,137 bilhões em 2024, representando uma redução de 7,3% em comparação com 2022. Esse declínio pode ser atribuído à desaceleração da economia doméstica, que reduziu o poder de compra. No entanto, com a expansão da indústria de processamento para exportação, o mercado de



importação começa a mostrar sinais de recuperação em 2024, impulsionado pela crescente demanda por matérias-primas.



Importações de Pescado pela Tailândia (por espécies de peixe)

A Tabela 2 a seguir apresenta os dados de importação de produtos pesqueiros pela Tailândia entre 2020 e 2024, segmentados por espécie, proporcionando uma análise detalhada das tendências e da demanda diversificada ao longo dos últimos cinco anos. Além disso, a tabela destaca os principais mercados fornecedores de cada categoria de produto, evidenciando a evolução do comércio internacional de pescado no país.

Tabela 2. Importações de pescado pela Tailândia, por espécie, em milhares de USD, no período de 2020 a 2024

	Produto	2020	2021	2022	2023	2024	Participação de Mercado (2024)
Atum	030231						
	Albacora branca fresco ou resfriado	0	0	0	0	0	-
	030232						
	Atum skipjack fresco ou resfriado	0,19	0,01	0,08	0,02	0,06	Indonésia (86%) Filipinas (13%) Japão (1%)
	030234						
	Atum big eye fresco ou resfriado	0,03	0,02	0,01	0	0	Indonésia (99%) Japão (1%)
	030235						
	Atum azul fresco ou resfriado	1,40	0,90	1,50	2,40	3,33	Japão (49%) México (37%) Croácia (7%)
	030236						
	Atum azul do sul fresco ou resfriado	0	0	0	0	0	-

	030239						Malásia (77%) Mianmar (21%) Camboja (1%)
	Outros Atuns fresco ou resfriado	15,63	10,81	8,16	9,33	6,31	
	030341						Taiwan (42%) China (30%) Japão (8%)
	Albacora-branca congelado	215,64	138,75	121,36	112,48	97,05	
	030342						Taiwan (14%) Indonésia (13%) Micronésia (11%)
	Atum skipjack congelado	165,42	173,14	182,78	228,45	192,09	
	030344						Micronésia (16%) Ilhas Marshall (14%) Indonésia (13%)
	Atum big eye congelado	28,75	30,11	30,95	30,52	25,99	
	030345						Japão (100%)
	Atum azul congelado	0,06	0,08	0,03	0	0	
	030346						Indonésia (100%)
	Atum azul do sul congelado	0	0,22	0,29	0,08	0,02	
	030349						Indonésia (79%) Malásia (9%) Coreia (5%)
	Outros Atuns congelado	7,09	1,24	2,99	3,06	6,38	
	030487						Indonésia (57%) China (13%) Japão (8%)
	Filé de atum congelado	6,12	5,83	14,16	16,09	22,28	
	Total	440,33	361,11	362,31	402,43	353,51	
Bonito listrado	030233						Mianmar (58%) Japão (27%) Malásia (15%)
	Bonito listrado fresco ou refrigerado	0,48	0,57	0,89	1,61	1,44	
	030343						Taiwan (17%) Micronésia (17%) Coreia (15%)
	Bonito listrado congelado	713,41	694,06	903,64	894,8	1.037,46	

Total		713,89	694,63	904,53	896,41	1.038,9	
Cavalinha	030244						
	Cavalinha fresco ou refrigerado	0,10	0,09	0,22	0,24	0,29	Japão (99%) França (1%)
	030354						
	Cavalinha congelado	88,25	98,58	114,31	100,25	80,51	China (36%) Noruega (34%) Japão (18%)
Total		88,35	98,67	114,53	100,49	80,80	
Espadarte Meca	030247						
	Espadarte/Meca fresco ou refrigerado	0,06	0,01	0,02	0,01	0	Japão (69%) França (23%) Malásia (7%)
	030357						
	Espadarte/Meca congelado	0,71	0,30	0,15	0,76	0,41	Índia (53%) Indonésia (40%) Tanzânia (7%)
	030445						
	Filé de Espadarte/Meca fresco ou resfriado	0,01	0	0,03	0,02	0,01	França (71%) Japão (22%) Países Baixos (7%)
	030454						
	Outras apresentações Espadarte/Meca fresco ou resfriado	0	0	0	0	0	-
Espadarte Meca	030484						
	Filé de Espadarte/Meca congelado	0	0	0,03	0,12	0,21	Cingapura (55%) Vanuatu (28%) Japão (16%)
	030491						
	Outras apresentações Espadarte/Meca congelado	0	0,06	0	0	0	-

Total		0,78	0,37	0,23	0,91	0,63	
Tilápia	030271 Tilápia fresco ou resfriado	0	0	0	0	0	Malásia (100%)
	030323 Tilápia congelado	0,55	0,46	0,08	0,04	0	Coreia (100%)
	030431 Filé de Tilápia fresco ou resfriado	0	0	0	0	0	-
	030461 Filé de Tilápia congelado	2,48	3,70	4,30	3,40	3,62	China (59%) Indonésia (40%) Vietnã (1%)
	030493 Outras apresentações Tilápia congelado	0,77	1,46	0,96	0,15	0,14	Vietnã (100%)
	Total	3,8	5,62	5,34	3,59	3,76	
Não especificado em outro lugar	030289 Peixe fresco ou resfriado	96,71	102,09	82,62	87,73	107,92	Mianmar (56%) Malásia (28%) Japão (9%)
	030389 Peixe congelado	106,60	100,08	70,20	58,00	53,11	Malásia (15%) Vietnã (12%) Ilhas Cook (10%)
	030449 Filé fresco ou resfriado	3,74	4,48	5,91	6,50	6,19	Japão (83%) Espanha (6%) México (4%)
	030489 Filé congelado	9,64	9,82	13,26	14,71	14,28	Japão (42%) Argentina (22%) China (17%)
	030499 Carne de peixe congelada	118,38	154,46	170,06	125,86	124,09	Vietnã (60%) Índia (21%) Paquistão (6%)

	Total	335,07	370,93	342,05	292,80	305,59	
Lagosta Camarão	030611						Austrália (38%)
	Lagosta congelada	0,83	0,25	0,11	0,55	1,10	Brasil (25%) Vietnã (20%)
	030617						Argentina (61%)
	Camarão congelado	72,79	159,19	130,41	134,50	48,21	Paquistão (10%) Equador (8%)
	030631						Mianmar (63%)
	Lagosta viva, fresca ou resfriada	4,96	18,13	14,87	15,30	14,23	Vietnã (11%) Austrália (9%)
Conservas de pescado	030636						Índia (34%)
	Camarão vivo, fresco ou resfriado	10,31	10,51	10,40	8,65	9,15	Mianmar (26%) Bangladesh (20%)
	Total	88,89	188,08	155,79	159,00	72,69	
	160414						China (62%)
	Conserva de Atum	155,95	125,36	194,20	223,05	287,09	Indonésia (29%) Vietnã (8%)
	160420						Coreia (33%)
	Conserva de peixe (expt. inteiro ou em pedaços)	7,82	5,79	6,99	7,89	5,30	Malásia (28%) Japão (13%)
	Total	163,77	131,15	201,19	230,94	292,39	

Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

O Bonito Listrado é a espécie de peixe mais importada pela Tailândia, representando 37% do valor total das importações de peixe em 2024, com um montante de US\$ 1,038 bilhão. Esse valor indica um crescimento de 15,8% em relação a 2023, quando o total foi de US\$ 896,41 milhões, atingindo o maior patamar dos últimos cinco anos. Mais de 99,8% das importações dessa espécie foram na forma congelada (HS 030343). Os principais fornecedores foram Taiwan (17%), Micronésia (17%) e Coreia do Sul (15%).



O atum ocupa a segunda posição em valor de importação na Tailândia devido à oferta limitada nas águas do país e ao fato de que a maioria das espécies capturadas localmente são de superfície, que tem menor demanda nos mercados internacionais. Como resultado, a Tailândia depende fortemente da importação de atum para processamento e exportação de produtos enlatados. Em 2024, as importações de atum representaram 13% do valor total das importações de peixe, totalizando US\$ 353,51 milhões, o que reflete uma queda de 12,2% em relação a 2023, quando o volume atingiu US\$ 402,43 milhões. Entre as categorias de atum importado, o Skipjack congelado (HS 030342) foi o mais demandado, somando US\$ 192,09 milhões e representando 54,3% do total importado de atum. Outras variedades incluem o Atum Albacora Branco congelado (HS 030341), com 27,4%, e o Atum Big-eye congelado (HS 030344), com 7,3%. Os principais fornecedores de atum para a Tailândia em 2024 foram Indonésia, Taiwan e Micronésia.

As importações de cavala corresponderam a 3% do valor total das importações de peixe em 2024, totalizando US\$ 80,80 milhões, o menor valor dos últimos cinco anos. Isso representa uma queda de 19,6% em comparação ao ano anterior. A maioria das importações de cavala foi de produto congelado (HS 030354), com a China (36%) liderando como fornecedora, seguida por Noruega (34%) e Japão (18%).

As importações de peixe-espada representaram a categoria menos demandada entre os peixes, com um valor de apenas US\$ 0,63 milhão em 2024, inferior aos US\$ 0,91 milhão de 2023. Mais de 65% das importações foram de peixe-espada congelado (HS 030357), enquanto 33,3% corresponderam a filés congelados (HS 030484). A Índia e a Indonésia foram os principais fornecedores de peixe-espada congelado, enquanto os filés congelados vieram predominantemente de Cingapura.

As importações de tilápia permaneceram relativamente baixas, uma vez que essa espécie é amplamente cultivada na Tailândia. Em 2024, o valor total das importações de tilápia foi de US\$ 3,76 milhões, um aumento de US\$ 0,17 milhão em relação a 2023. Mais de 96% dessas importações foram compostas por filés congelados (HS 030461), com a China (59%) e a Indonésia (40%) como principais fornecedores. Essas importações são majoritariamente destinadas à indústria de processamento de alimentos.

Em 2024, as importações de outras espécies de peixe não especificadas cresceram 4,3% em relação a 2023, totalizando US\$ 305,59 milhões. A maior parte dessas importações foi de carne de peixe congelada (HS 030499), somando US\$ 124,09 milhões (40,6% do total), seguida por peixes frescos/refrigerados (HS 030289), que representaram 35,3%, e peixes congelados (HS 030389), com 17,3%.

As importações de camarões e lagostas registraram uma queda significativa, atingindo seu menor nível nos últimos anos. Apesar da alta demanda doméstica por camarões, a produção local reduz a necessidade de importação. Já as lagostas, por serem um item de alto custo, sofreram com a diminuição do poder de compra durante a recessão econômica. Em 2024, as importações de camarões e lagostas representaram apenas 10% do total da categoria crustáceos e moluscos, totalizando US\$ 72,69 milhões, uma redução de 54,3% em comparação ao ano anterior. Desse total, US\$ 48,21 milhões (66,3%) foram de camarões congelados (HS 030617), importados principalmente da Argentina. Já as lagostas vivas/frescas/refrigeradas (HS



030631) somaram US\$ 14,23 milhões (19,5%), sendo Mianmar o principal fornecedor. Uma quantidade significativamente menor de lagosta congelada foi importada, totalizando US\$ 1,10 milhão em 2024. O Brasil destacou-se como o segundo maior fornecedor, ficando atrás apenas da Austrália, principal exportadora desse produto para a Tailândia.



Embora a Tailândia seja um dos maiores produtores e exportadores de peixe enlatado, ainda há uma demanda significativa por importações desse produto, impulsionada pelo consumo interno diversificado. Em 2024, as importações de peixe enlatado cresceram 26,6% em relação a 2023, totalizando US\$ 292,39 milhões. Desse valor, US\$ 287,09 milhões (98%) foram de atum enlatado (HS 160414), enquanto os 2% restantes corresponderam a outras espécies (HS 160420). Os principais fornecedores de atum enlatado foram China (62%), Indonésia (29%) e Vietnã (8%).

Exportações de Pescado da Tailândia

As exportações de produtos pesqueiros da Tailândia registraram um crescimento significativo nos últimos anos, atingindo US\$ 6,75 bilhões em 2024, um aumento de US\$ 767,31 milhões em relação a 2023. Esse valor representa o maior volume de exportações do setor entre 2020 e 2024, conforme ilustrado no Gráfico 1.

O crescimento foi impulsionado principalmente pelos produtos preparados e conservados, como peixes enlatados, que totalizaram US\$ 3,84 bilhões. Essa categoria consolidou-se como a principal exportação pesqueira da Tailândia, representando 57% do valor total exportado pelo setor.

Os principais fatores que contribuíram para essa expansão incluem a redução dos custos de aquisição de peixes para conserva, o aumento da demanda por alimentos halal e os riscos geopolíticos, que impulsionaram o crescimento dos estoques estratégicos de pescado. Esse cenário tem se refletido no aumento das importações de atum enlatado por países do Oriente Médio.

Outros segmentos também tiveram um desempenho expressivo:

- Crustáceos, moluscos e invertebrados frescos, resfriados e congelados registraram US\$ 1,07 bilhão em exportações, correspondendo a 16% do total.
- Subprodutos de pescado não comestíveis destinados à alimentação animal destacaram-se como um dos setores de crescimento mais acelerado, alcançando US\$ 1,03 bilhão em 2024, um aumento impressionante de 43,6% em relação ao ano anterior.

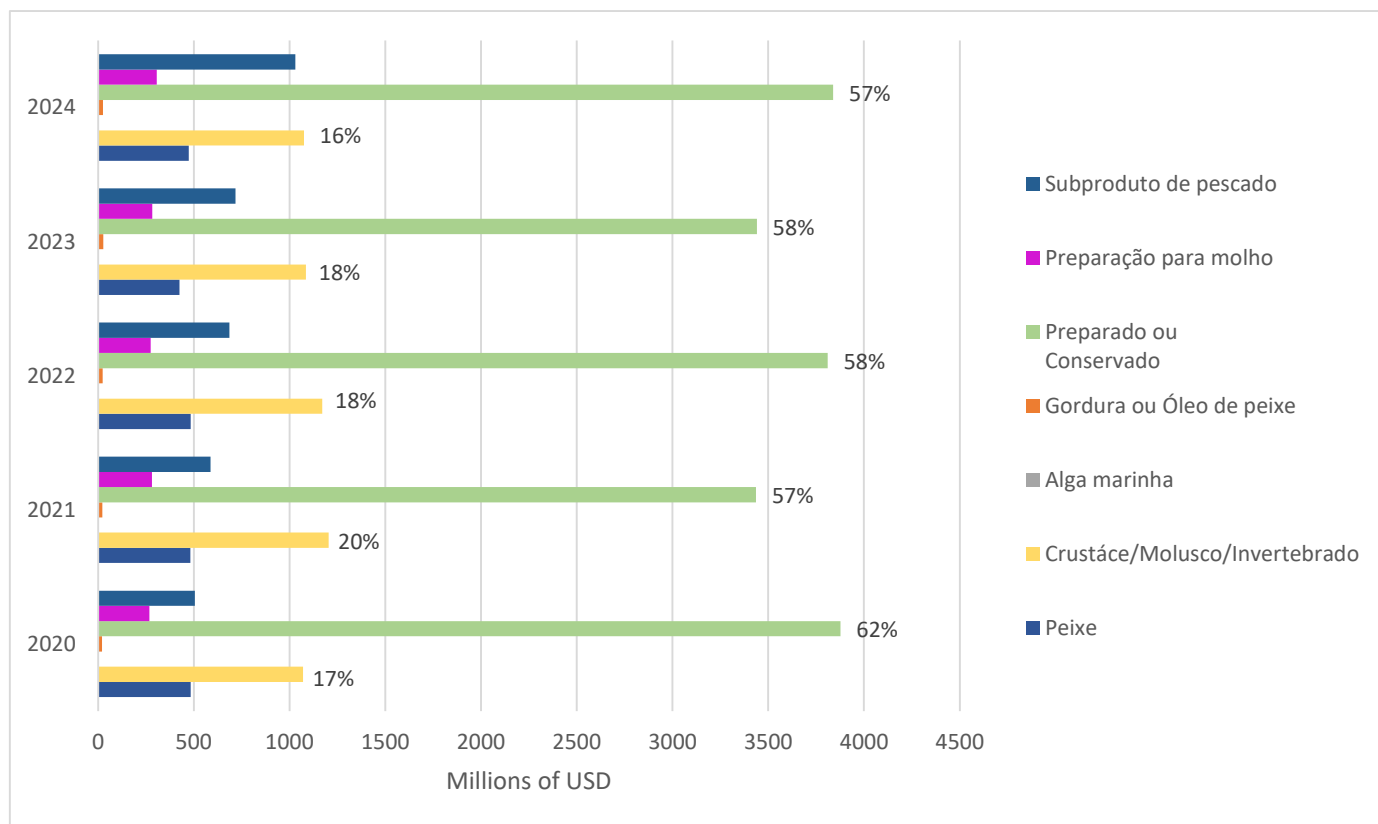
Esses números refletem o forte desenvolvimento e a competitividade global da indústria tailandesa de processamento de pescado, reconhecida pela qualidade e custo-benefício de seus produtos.

Os principais destinos das exportações pesqueiras tailandesas incluem China, Estados Unidos e Japão, demonstrando a crescente demanda global por esses produtos, especialmente no setor de ração animal.

- Os EUA foram o maior destino de alimentos para animais de companhia, absorvendo 35% das exportações totais, seguidos pelo Japão (17%).
- No segmento de peixe enlatado, os EUA lideraram com 22% das exportações, enquanto o Japão ficou em segundo lugar, com 11%. Segundo a Associação da Indústria de Atum da Tailândia, o aumento do custo de vida nos EUA tem levado os consumidores a optarem pelo atum enlatado como alternativa acessível à carne de porco e frango, ajudando a reduzir os gastos com alimentos. Além disso, sua conveniência e praticidade o tornam cada vez mais popular entre consumidores com um estilo de vida acelerado.
- Para crustáceos, a China foi o principal mercado (37%), seguida pelos EUA (17%) e Japão (12%).

Esses resultados demonstram a posição estratégica da Tailândia no mercado global de pescado, impulsionada por sua capacidade de produção eficiente e pela crescente diversificação dos seus produtos exportados.

Gráfico 1. Exportação de pescado da Tailândia, em milhões de USD, de 2020 a 2024



Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC



162



Tarifas de Importação

O Departamento de Pesca, vinculado ao Ministério da Agricultura e Cooperativas da Tailândia, desempenha um papel essencial na formulação e implementação de políticas para o setor pesqueiro. Suas principais áreas de atuação incluem a gestão sustentável dos recursos, o desenvolvimento da indústria pesqueira e a regulamentação do comércio, garantindo um equilíbrio entre a produção interna e a expansão do comércio internacional.

Os produtos pesqueiros estão sujeitos a diferentes tarifas, determinadas por fatores como capacidade de produção local, demanda de mercado e acordos comerciais internacionais. Essas tarifas desempenham um papel estratégico na proteção da produção interna, ao mesmo tempo em que facilitam o acesso ao mercado global.

Para fortalecer a competitividade dos produtos pesqueiros tailandeses, ao mesmo tempo em que apoia as comunidades locais, o Departamento de Pesca trabalha em estreita colaboração com o Departamento de Alfândega e outras agências reguladoras do comércio. Essa parceria é fundamental para criar um ambiente comercial equilibrado, garantindo o crescimento do setor e o fortalecimento das relações comerciais internacionais.

Quadro 1. Tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para peixes

% Tarifa de Importação de Peixes					
	HS 0301	HS 0302	HS 0303	HS 0304	HS 0305
Thai – Australia	0%	0%	0%	0%	0%
Thai - Chile	0%	0%	0%	0%	0%
Thai – New Zealand	0%	0%	0%	0%	0%
Thai - Japan	0%	0%	0%	5%	0%
Thai - Peru	0%	0%	0%	0%	0%
ASEAN – Australia – New Zealand	0%	0%	0%	0%	0%
ASEAN – China	0%	0%	0%	0%	0%
ASEAN – Hong Kong	10%	0%	0%	1%	0%
ASEAN - India	5%	-	0%	-	0%
ASEAN - Japan	0%	0%	0%	-	0%
ASEAN - Korea	0% ou 8%	0%	0%	-	0% ou 5%
AFTA (ASEAN)	0%	0%	0%	0%	0%
RCEP	22%	3%	0%	-	0%
Países fora do acordo OMC	60%	60%	60%	60%	60%
Países membros da OMC	30%	5%	5%	5%	5%

Quadro 2. Tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para crustáceo/molusco/invertebrado



% Tarifa de Importação de Crustáceo/Molusco/Invertebrado			
	HS 0306	HS 0307	HS 0308
Thai – Australia	0%	0%	0%
Thai - Chile	0%	0%	0%
Thai – New Zealand	0%	0%	0%
Thai - Japan	0%	0%	0%
Thai - Peru	0%	0%	0%
ASEAN – Australia – New Zealand	0%	0%	0%
ASEAN – China	0%	0%	0%
ASEAN – Hong Kong	0%	0%	0%
ASEAN - Índia	0% ou 5%	0%	0%
ASEAN - Japan	0%	0%	0%
ASEAN - Korea	0%	0%	0%
AFTA (ASEAN)	0%	0%	0%
RCEP	0%, 12% ou 14.7%	0%	0%
Países fora do acordo OMC	60%	60%	60%
Países membros da OMC	5% ou 20%	5% Defumado: 20%	5% Defumado: 20%

Quadro 3. Tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para algas/óleo de peixe/produtos em conserva

% Tarifa de Importação para Algas marinhas/Óleo de peixe/Produtos em conserva				
	HS 121221	HS 1504	HS 1604	HS 1605
Thai – Australia	0%	0%	0%	0%
Thai - Chile	0%	0%	0%	0%
Thai – New Zealand	0%	0%	0%	0%
Thai - Japan	0%	0%	0%	0%
Thai - Peru	0%	0%	0%	0%
ASEAN – Australia – New Zealand	0%	0%	0%	0%
ASEAN – China	0%	0%	0%	0%
ASEAN – Hong Kong	0%	0%	0% ou 10%	0%
ASEAN - Índia	0%	0%	0% ou 5%	0%
ASEAN - Japan	0%	0%	0%	0%
ASEAN - Korea	0%	0%	%	0%
AFTA (ASEAN)	0%	0%	%	0%
RCEP	0%	0%	0% ou 22%	0%
Países fora do acordo OMC	60%	30% ou 0.85 thb/kg 30% ou 5.5 thb/kg	60% ou 200 thb/kg	60%
Países membros da OMC	30% Frozen: 40%	-	20% ou 66.66 thb/kg 40% ou 133.33 thb/kg	20%

Quadro 4. Tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para preparações para milho/Subprodutos de pescado

% Tarifa de Importação de Preparações para Milho/ Subprodutos de pescado				
	HS 21039012	HS 21039029	HS 230120	HS 2309101001
Thai – Australia	0%	0%	0%	0%
Thai - Chile	0%	0%	0%	0%
Thai – New Zealand	0%	0%	0%	0%
Thai - Japan	0%	0%	0%	0%
Thai - Peru	0%	0%	0%	0%
ASEAN – Australia – New Zealand	0%	0%	0%	0%
ASEAN – China	0%	0%	0%	5%
ASEAN – Hong Kong	0%	0%	3% Protein>60%: 5%	8%
ASEAN - India	0%	0%	0%	0%
ASEAN - Japan	0%	0%	0%	0%
ASEAN - Korea	0%	0%	5%	0%
AFTA (ASEAN)	0%	0%	0%	0%
RCEP	0%	0%	8% Protein>60%: 12%	7.2%
Países fora do acordo OMC	60%	60%	15%	10%
Países membros da OMC	30%	40%	-	9%

Fonte: Alfândega da Tailândia

Perspectivas para o mercado de pescado na Tailândia

Com o crescimento contínuo da demanda global por pescado, tanto a produção nacional quanto as importações tailandesas de produtos pesqueiros deverão expandir-se para atender à crescente indústria de processamento de alimentos voltada para exportação. Embora as exportações pesqueiras tailandesas apresentem uma trajetória positiva, há riscos à sustentabilidade biológica a longo prazo caso o país continue a depender excessivamente das pescarias tradicionais sem adotar medidas eficazes para a restauração dos recursos marinhos. Para assegurar um crescimento sustentável, será essencial avançar na tecnologia aquícola e modernizar os métodos de produção.

A expansão das práticas sustentáveis de aquicultura, a melhoria na gestão pesqueira e o combate à pesca ilegal, Não Reportada e Não Regulamentada (IUU) serão fatores fundamentais para garantir a sustentabilidade do setor e atender à crescente demanda global por pescado.

Além disso, a Tailândia deverá assegurar o cumprimento rigoroso das regulamentações dos principais mercados de exportação, garantindo a qualidade e rastreabilidade dos produtos e fortalecendo sua competitividade no comércio global de pescado.



165



TURQUIA



166

DEMANDA DE BOVINOS VIVOS DA REPÚBLICA DA TURQUIA

Número: ANCA-04-2025

Data: 13/02/2025

Posto: Ancara/Turquia

Palavras-chave: bovinos vivos; volatilidade; Alemanha; febre aftosa

Responsável: Diego Leonardo Rodrigues

SUMÁRIO: A Turquia ocupa posição de destaque nas importações de bovinos vivos. O país é o principal importador pelo modal marítimo e seus principais fornecedores são Brasil e Uruguai. Diversos fatores como a disponibilidade de pastagens, valores dos insumos importados combinado com a desvalorização da lira turca e, ainda, a variação do preço da carne e do leite afetam fortemente a demanda e a capacidade de compra turca. A flutuação na demanda anual e o controle estatal da importação pode limitar a previsibilidade das exportações. Por outro lado, o atendimento da demanda interna deve continuar a depender das importações. A negociação de um protocolo sanitário para exportação de bovinos vivos do Brasil para a Turquia, combinado com o impedimento das exportações de gado vivo da Alemanha devido a perda de status sanitário do país, deve gerar negócios adicionais para o Brasil nos próximos meses.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



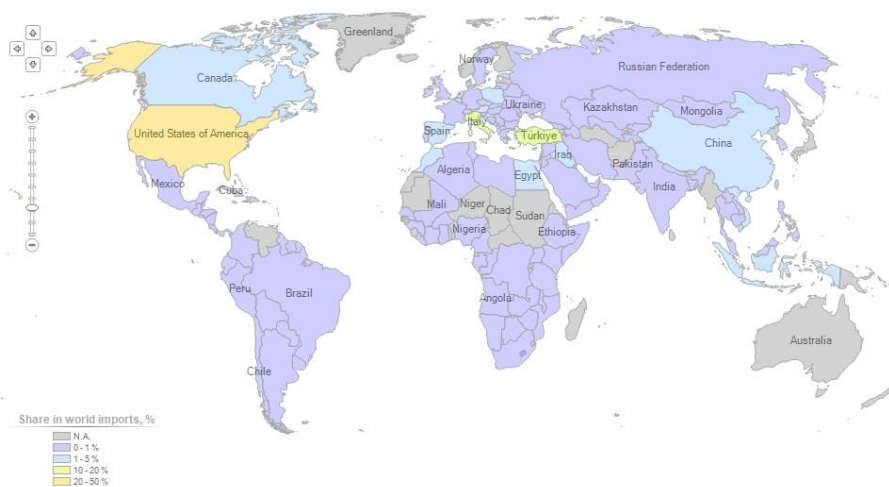


167

POSIÇÃO NO MERCADO MUNDIAL

A República da Turquia é um tradicional importador de gado vivo. Ocupa a terceira posição mundial, atrás apenas da Itália e EUA (Fig. 01). Em relação ao modal marítimo, de longas distâncias, o país tem sido o principal destaque na última década.

Figura 01 – Importação global de gado vivo, 2023

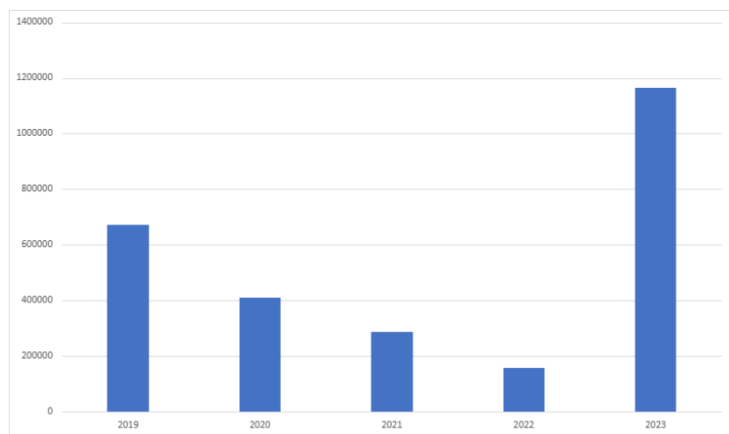


Fonte: Turkish Statistical Institute (TURKSTAAT)

SÉRIE HISTÓRICA

É importante notar, entretanto, que a demanda para os bovinos vivos na Turquia não é constante (Fig. 2). Fatores como a disponibilidade de pastagens, valores dos insumos importados combinado com a desvalorização da lira turca e, ainda, a variação do preço da carne e do leite afetam fortemente a demanda e a capacidade de compra turca.

Figura 02– Importação total de gado vivo pela República da Turquia de 2019 a 2023



Fonte: Turkish Statistical Institute (TURKSTAAT)

Esta volatilidade impacta as atividades de exportadores, que precisam de previsibilidade para o devido planejamento da atividade exportadora.

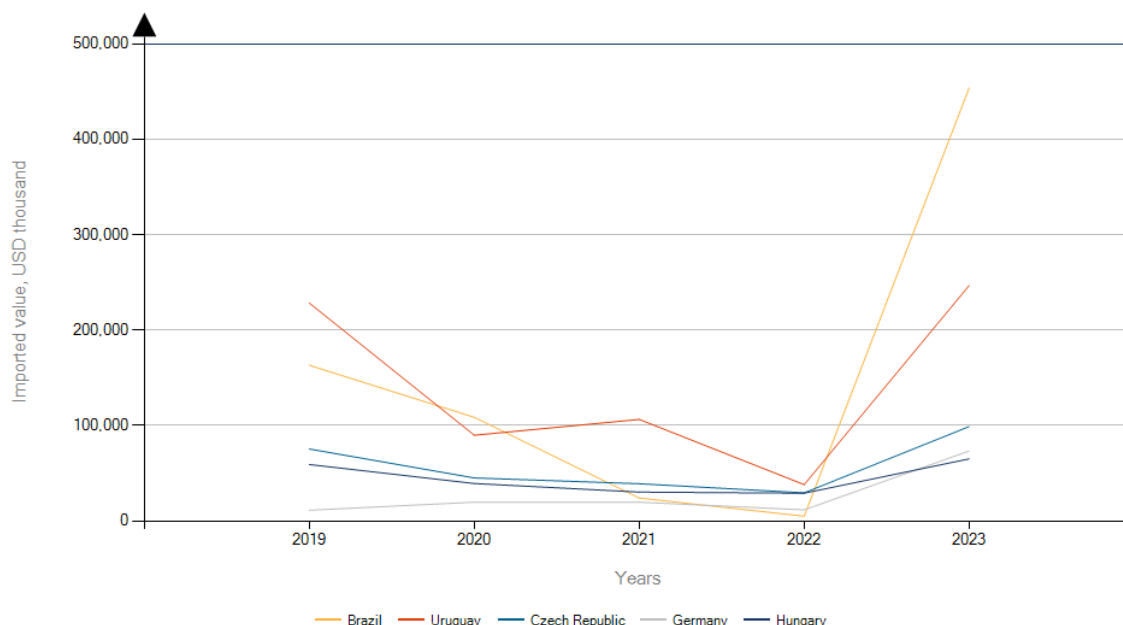
Em especial, a forte diminuição das exportações no período de 2020 a 2022 produziu efeitos negativos para o setor no Brasil e nos demais concorrentes deste mercado.

O ano de 2024, por outro lado, manteve a tendência de alta demanda de 2023.

PARCEIROS COMERCIAIS

Os principais exportadores são Brasil e Uruguai, seguidos pela República Tcheca, Alemanha e Hungria (Fig. 03).

Fig. 03 – Importação de bovinos vivos pela República da Turquia de 2019 a 2023



Fonte: TradeMap.

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES

A Turquia tem plantel insuficiente para atender a demanda de seu mercado de carne bovina, enquanto a produção de lácteos é superavitária. Além do mais, há capacidade industrial ociosa para abate no país.

O governo turco lançou uma série de medidas para disponibilizar bovinos para produtores rurais, como a subvenção da bovinocultura. Por outro lado, o mercado do gado de corte sofre forte controle governamental. Grandes produtores queixam-se de que o número de animais que podem importar é definido pelo governo central e frequentemente abaixo do desejado por eles. Há diversos relatos de áreas de pastagens ociosas. A Junta da Carne e do Leite da Turquia fixa os volumes a serem importados anualmente e há preferência para pulverizar as importações de



168



bovinos vivos entre muitos produtores. Ainda, parte da indústria da carne é controlada pelo Ministério da Agricultura e Florestas (MoAF).

A recente suspensão do status de livre de febre aftosa da Alemanha está pressionando o setor a buscar novos mercados exportadores, em especial de animais para a reprodução. O acordo sanitário da Turquia com a União Europeia estabelece que os animais importados devem ser provenientes de áreas reconhecidas como livres de febre aftosa nos últimos 12 meses. O MAPA está em discussão final com o MoAF sobre protocolo sanitário para este mercado.

Outro componente relevante para o Brasil é que em breve a confirmação do status do restante do país como livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal permitirá que animais de todo o país sejam exportados.



UNIÃO EUROPEIA

EXPORTAÇÃO DE OVOS E OVOPRODUTOS PARA A UNIÃO EUROPEIA

Número: BRU-04-2025

Data: 15/01/2025

Posto: Bruxelas/Bélgica-UE

Palavras-chave: ovos; ovoprodutos; União Europeia; exportação; acesso a mercado; padrões normativos

Responsável: Nilton de Moraes

SUMÁRIO: A abertura do mercado de ovos e ovoprodutos do Brasil para a União Europeia (UE) é uma demanda antiga do setor e o país vive a expectativa de que isso seja concretizado nos próximos meses. A importância desse mercado se dá pela quantidade de produtos que a UE importa, mas também pela possibilidade de o Brasil exportar produtos em cuja composição são utilizados ovos e ovoprodutos, a exemplo dos biscoitos e bolos. Para se preparar para acessar esse mercado, empresas deverão seguir determinadas regras, as quais serão detalhadas neste informe.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Para exportar ovos e ovoprodutos para a UE, o Brasil e outros países precisam cumprir uma série de requisitos. O primeiro deles é estar listado no anexo XIX, parte 1, do [Regulamento de Execução \(UE\) 2021/404 da Comissão](#), legislação europeia que lista os países autorizados a exportar produtos de origem animal à UE. Atualmente, apenas a área denominada BR1, que compreende o Distrito Federal e os estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, está apta a exportar para a UE, permitindo apenas que estabelecimentos dessa região sejam habilitados.

Além do citado acima, o Brasil precisará, ainda, estar listado no anexo I do [Regulamento de Execução \(UE\) 2021/405 da Comissão](#), que determina os planos de controles de resíduos aprovados para determinados animais destinados à produção de gêneros alimentícios e produtos de origem animal destinados ao consumo humano. O Brasil aguarda, no momento, a publicação de alteração deste regulamento que confirme a aprovação do plano de resíduos do país para ovos e ovoprodutos.

Ademais, a partir de 03 de setembro de 2026, países interessados em exportar produtos derivados de ovos e ovoprodutos deverão estar em conformidade com os requisitos aplicáveis do artigo 3 do Regulamento Delegado da Comissão (UE) 2023/905, relativo à utilização de determinados medicamentos antimicrobianos em animais ou produtos de origem animal exportados de países terceiros para a UE. O Brasil encaminhou formalmente à UE seu compromisso em garantir conformidades em 06 de dezembro de 2024.

O modelo de Certificado Sanitário Oficial para a entrada na União de ovos destinados ao consumo humano (Capítulo 19) e o modelo de Certificado Sanitário Oficial para a entrada na União de ovoprodutos destinados ao consumo humano (Capítulo 20) foram estabelecidos pelo [Regulamento de Execução \(UE\) 2020/2235 da Comissão](#) - modelos de certificados sanitários para produtos de origem animal (POA) para consumo humano.

Para mais informações sobre o tema, a UE mantém no ar um [site](#) dedicado para o tema "ovos" na página da Comissão Europeia, onde fornece uma visão geral, padrões para venda, regras para importação de terceiros países, a base legal e o monitoramento do mercado de ovos e ovoprodutos.

Para se habilitar a exportar para a UE, o estabelecimento deve estar registrado no DIPOA/SDA/MAPA, assim como estar listado na plataforma Traces da UE, também controlada pelo DIPOA.





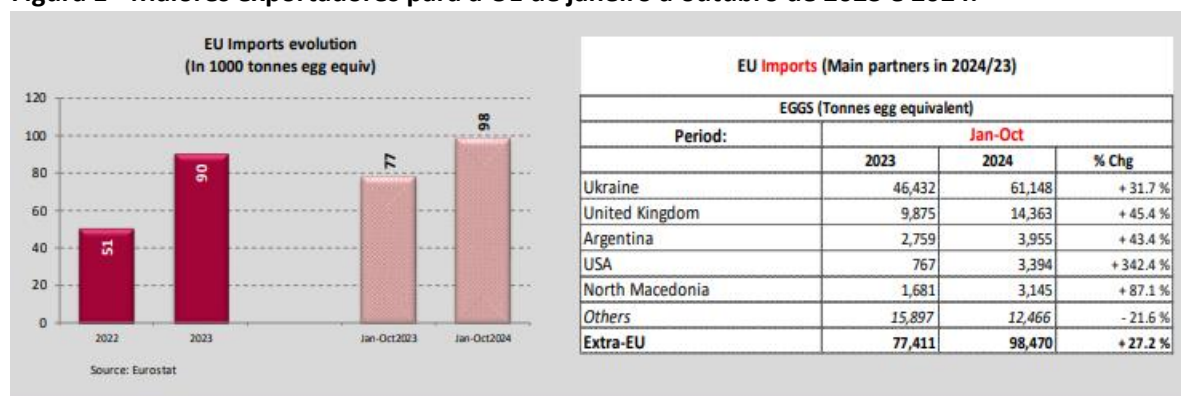
Os maiores produtores de ovos na UE são: França, com 58.471.300 galinhas poedeiras, Alemanha (58.103.211), Polônia (50.693.700), Espanha (47.704.960), Itália (43.279.340) e Países Baixos (29.626.930). Juntos, estes países concentram 74.4% do número total de galinhas poedeiras dos 27 países da UE (https://agriculture.ec.europa.eu/document/download/9bdf9842-1eb6-41a2-8845-49738b812b2b_en).

Os maiores produtores de ovos do mundo, por sua vez, são: China (466 bilhões de ovos), UE (120 bilhões), USA (109 bilhões), Índia (95 bilhões), México (57 bilhões), Brasil (53 bilhões), Rússia (44 bilhões), Japão (44 bilhões) Indonésia (38 bilhões) e Turquia (20 bilhões). (<https://www.internationalegg.com/pt/resource/global-egg-production-continues-to-grow/#:~:text=A%20China%20C3%A9%20seguida%20pela,60%25%20dos%20ovos%20do%20mundo>).

Empresas interessadas em exportar para a UE podem ainda investir na participação em tradicionais feiras de alimentos da UE como a Anuga e a ISM em Cologne, na Alemanha, e a Sial em Paris.

A UE é um grande importador de ovos e ovoprodutos. Os maiores exportadores destes produtos para a UE, com dados de janeiro a outubro de 2023 e 2024, foram Ucrânia, Reino Unido, Argentina, EUA e Macedônia do Norte, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 1 - Maiores exportadores para a UE de janeiro a outubro de 2023 e 2024.

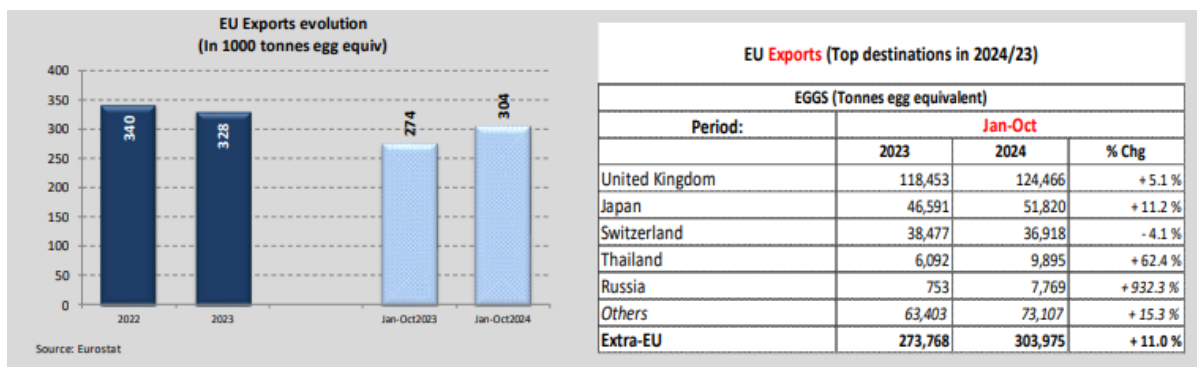


Fonte: https://agriculture.ec.europa.eu/document/download/9bdf9842-1eb6-41a2-8845-49738b812b2b_en



A UE também é uma grande exportadora desses produtos. Na figura abaixo, Reino Unido, Japão, Suíça, Tailândia e Rússia, destacam-se como os principais países para os quais a UE mais exportou no período compreendido entre janeiro e outubro dos anos 2023 e 2024:

Figura 2 - Maiores importadores da UE de janeiro a outubro de 2023 e 2024.



Fonte: https://agriculture.ec.europa.eu/document/download/9bdf9842-1eb6-41a2-8845-49738b812b2b_en

A seguir, para fins de referência, estão listadas as informações sobre o valor da tarifa NMF aplicada para o produto brasileiro, sobre preferências tarifárias em acordos comerciais vigentes e sobre a tarifa praticada para os principais países concorrentes do Brasil.

- **Para ovos frescos HS 040721:**
 - Tarifa de 152,00 EUR / 1000 kg para todos os países terceiros, excluindo o Reino Unido e Ucrânia.
 - Tarifa 0% para o Reino Unido em razão do contingente pautal preferencial.
 - Tarifa 0% para a Ucrânia em razão do contingente pautal preferencial.
- **Para ovos secos HS 040891 80:**
 - Tarifa de 687,00 EUR / 1000 kg para todos os países terceiros, excluindo o Reino Unido e Ucrânia.
 - Tarifa 0% para o Reino Unido em razão do contingente pautal preferencial.
 - Tarifa 0% para a Ucrânia em razão do contingente pautal preferencial.
- **Para gema de ovos secas HS 040811 80:**
 - Tarifa de 711,00 EUR / 1000 kg para todos os países terceiros, excluindo o Reino Unido e Ucrânia.



- Tarifa 0% para o Reino Unido em razão do contingente pautal preferencial.
- Tarifa 0% para a Ucrânia em razão do contingente pautal preferencial.

Diante do exposto, o Brasil tem um caminho estruturado para expandir sua participação no mercado de ovos e ovoprodutos com o acesso à UE. O cumprimento dos requisitos sanitários e fitossanitários e as legislações em vigor, a participação em eventos do setor e a busca por informações atualizadas são elementos determinantes para o sucesso nessa empreitada.

Referências: *Jornal Oficial da UE, DG-AGRI, International Egg*



174



VIETNÃ



175

OPORTUNIDADES DE EXPORTAÇÃO DE PELES E COUROS BRASILEIROS PARA O VIETNÃ

Número: HANOI-04-2025

Data: 15/02/2025

Posto: Hanói/Vietnã

Palavras-chave: Vietnã; couros; peles; oportunidades

Responsável: Juliano Vieira

SUMÁRIO: O Vietnã tem apresentado um crescimento constante na demanda por couros e peles importados, impulsionado principalmente pela expansão das indústrias calçadista e moveleira. Como terceiro maior produtor mundial de calçados e segundo maior exportador do setor, o país projeta um aumento significativo nas exportações, o que deve intensificar ainda mais a necessidade de matéria-prima. A recente isenção da exigência do Certificado Sanitário Internacional (CSI) para o couro wet-blue exportado ao Vietnã e a conclusão das negociações para exportação de peles salgadas de bovino foram temas de destaque nos últimos meses. Além disso, a participação de representantes brasileiros na próxima edição da feira internacional *Shoes and Leather Vietnam* pode impulsionar novas oportunidades e avanços estratégicos para o setor.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





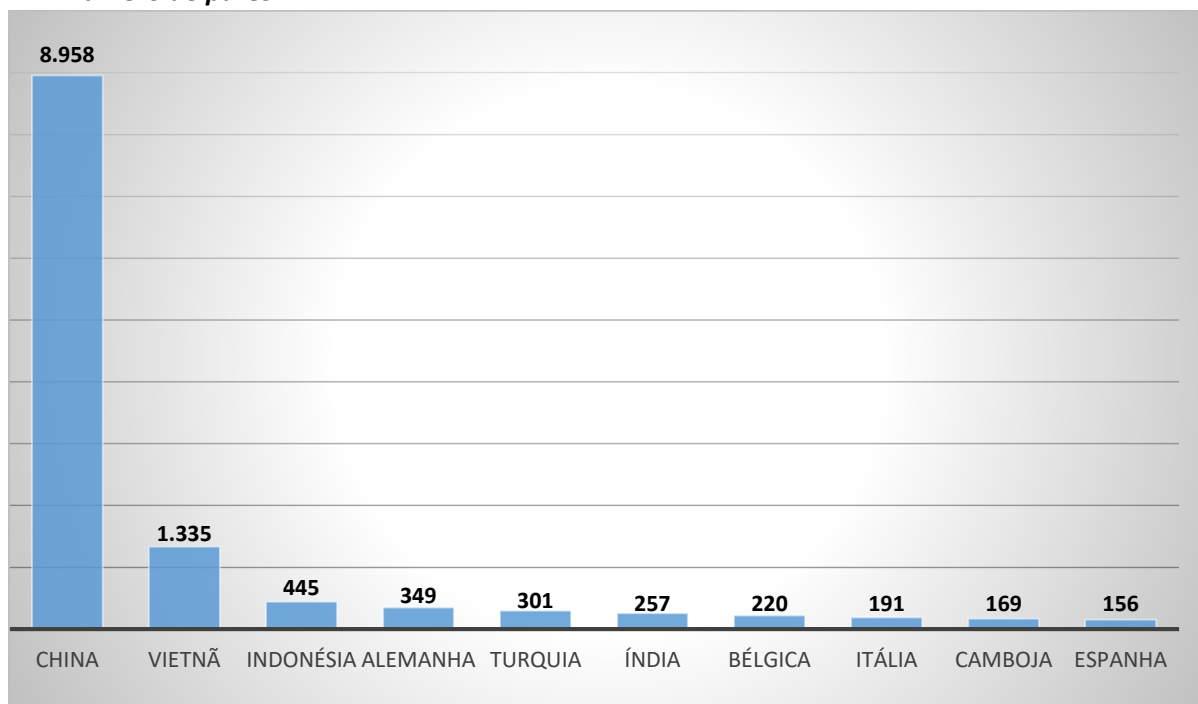
176

Segundo dados do governo vietnamita, a demanda por importações de couros e peles tem crescido, em média, 10% ao ano. Nos primeiros 11 meses de 2024, as importações desses produtos atingiram US\$ 1,875 bilhão, o maior volume desde 2018. O couro importado é utilizado principalmente pelas indústrias moveleira e calçadista do país.

O Vietnã ocupa a terceira posição global na produção de calçados e a sexta na fabricação de móveis. Em 2023, as empresas vietnamitas produziram 1,3 bilhão de pares de calçados, representando 5,4% do mercado mundial. Além disso, o país é o segundo maior exportador do setor, com 1,276 bilhão de pares vendidos anualmente, correspondendo a 7,3% da participação global. Dados do governo local indicam que a indústria calçadista contribuiu com 8% do PIB vietnamita no mesmo período.

Gráfico 1. Dez principais exportadores de calçados em 2023*

*Em número de pares



O Vietnã tem se beneficiado de seus baixos custos de produção e dos 16 acordos de livre comércio vigentes para expandir suas exportações. O governo local, que estabelece metas de crescimento para o setor, prevê que as exportações de calçados aumentarão de aproximadamente US\$ 28 bilhões em 2025 para US\$ 39 bilhões em 2030. Caso essas projeções se concretizem, a demanda por importação de couros e peles no país também crescerá, o que poderá beneficiar exportadores brasileiros desses produtos.



Conforme dados do ICT TRADEMAP, em 2024, o Vietnã foi o segundo principal destino das exportações brasileiras de couros e peles curtidas classificadas sob o código NCM 4104, contribuindo com US\$ 113 milhões para a balança comercial. Esse valor representa um aumento de 103% em comparação aos valores exportados em 2023.

Quanto aos requisitos para exportação, o Departamento de Saúde Animal (DAH) do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural do Vietnã (MARD) anunciou recentemente duas medidas para facilitar esse comércio com o Brasil. A primeira foi a confirmação de que o couro wet-blue, exportado sob o código SH 4104, está isento de controle e inspeção sanitária por parte do Ministério. Isso significa que não é exigido o acompanhamento de um Certificado Sanitário Internacional (CSI) para respaldar as exportações desses produtos.

Segundo dados do ICT TRADEMAP, as importações vietnamitas de couro wet-blue totalizaram US\$ 326 milhões em 2023. Os Estados Unidos lideraram como principal fornecedor, com exportações de US\$ 101 milhões, seguidos pelo Brasil, com US\$ 40 milhões. Outros concorrentes relevantes no mercado vietnamita incluem Itália, Argentina, México, China, Tailândia, Uruguai, Austrália, África do Sul e Paraguai.

A segunda medida anunciada pelo Departamento de Saúde Animal (DAH/MARD) foi a conclusão da negociação do Certificado Sanitário Internacional (CSI) para respaldar as exportações brasileiras de peles salgadas de bovino a serem utilizadas como matéria-prima na produção de couro curtido no Vietnã. Em 2023, o país importou aproximadamente US\$ 6 milhões em peles salgadas de bovinos, tendo como principais fornecedores Nova Zelândia, Japão, Estados Unidos, Canadá, Argentina e Tailândia.

O Vietnã isenta todos os países da tarifa de importação aplicada às peles salgadas de bovino classificadas sob os códigos SH 41012000, 41015000 e 41019090. No entanto, para as importações vietnamitas de peles salgadas de bovino sob o código SH 41019010 provenientes do Brasil (classificado como Nação Mais Favorecida), aplica-se uma tarifa *ad valorem* de 5%. Já para o mesmo código, as importações oriundas da Nova Zelândia, Japão e Canadá são isentas de tarifa, devido aos Acordos de Livre Comércio firmados com o Vietnã.

Para os exportadores brasileiros do setor que desejam participar de ações de promoção comercial no Vietnã ou estabelecer contato com importadores locais, recomenda-se a participação na feira internacional "Shoes and Leather Vietnam". A próxima edição do evento ocorrerá na cidade de Ho Chi Minh, entre os dias 9 e 11 de julho deste ano. Informações detalhadas sobre o evento e inscrições estão disponíveis no site: <https://www.toprepute.com.hk/shoes-and-leather-vietnam>.



177

